

Autora da série "Os Albuquerque"

**É
PARA O MEU**

**PRÓPRIO
BEM**

ANE PIMENTEL



É Para o Meu Próprio Bem

É proibida a reprodução, parcial ou total, do conteúdo sem a prévia autorização do autor
dessa obra.

Todos os direitos pertencem a Ane Pimentel.



Epígrafe

"Há sempre alguma loucura no amor.

Mas há sempre um pouco de razão na loucura."

Friedrich Nietzsche

Apresentação

Bem-vindos a mais um dos nossos universos. Esse livro é um desafio para nós enquanto autoras. Difere da nossa zona de conforto. O estilo dos personagens não se parece em nada com os outros que já escrevemos e por isso, nos demandou um pouco mais de paciência e trabalho. Por vezes travamos, tentamos por nossas palavras na boca de Amélia e apagamos, porque é a vez dela falar. É a vez de Amélia se mostrar enquanto mulher. Esperamos que embarquem junto conosco nesse amor e, claro, que compartilhem conosco tudo o que sentirem ao longo dos capítulos.

Obrigada por estarem aqui novamente. Amamos vocês!

Ane Pimentel

Um

Quando um ano chega ao fim e outro está para se iniciar, tudo ao nosso redor parece diferente. Há esperança de mudança, renovação... Hoje, trinta e um de dezembro, sinto que minha vida está prestes a mudar.

O “Ano Novo” no interior de onde venho se divide em dois momentos: primeiro ficamos em casa com nossa família. E aí comemos toda aquela deliciosa comida, preparada para tentar não ficar atrás com as do natal, e quando dá meia-noite nos abraçamos, felicitamos boas novas e vemos alguns fogos de artifício estourarem. Então, partimos para a fase dois: os jovens vão para a pracinha e os adultos ficam nas próprias portas ou dos vizinhos, conversando. Antigamente, ficávamos até o amanhecer, mas com a violência chegando até o interior passamos a nos recolher cada vez mais cedo.

Recordo-me com certa saudade da minha vida no interior de Minas Gerais, esse é o primeiro réveillon que passarei em uma cidade grande. Não estou muito animada, confesso. Queria estar ao lado dos meus pais.

— Que carinha é essa, prima? — Grazi, prima com que divido quarto, chega toda suada, provavelmente retornando de mais uma das suas corridas intermináveis.

— Saudades — soltei um lamento triste — Queria passar a virada do ano com meus pais.

— Se eu soubesse que estaria desanimada assim, teria te derrubado da cama para ir correr comigo.

A Grazielle é daquelas pessoas aficionadas pelo próprio corpo. Sua vida é regrada: nada de alimentos gordurosos, dieta a base de comidas saudáveis e muitos exercícios físicos diários.

— Não tenho intenção de ser musa fitness — aponte para o seu corpo escultural e fui atingida por uma almofada.

— Falando em musa — fez biquinho — Vamos arrasar hoje e colar em Copacabana, né?

— Como não estarei com meus pais, prefiro ficar aqui com a tia.

— Não! — gritou — Você está na cidade maravilhosa, com uma companhia igualmente maravilhosa e vai ter a noite mais maravilhosa da sua vida.

— Sério, prima... Eu prefiro ficar aqui.

— Mentalizando coisas negativas? — balançou a cabeça — Ano novo, gata! Vamos entrar com o pé direito — fitou-me longamente com seus cílios naturalmente curvados, feito os de uma boneca, piscando sem parar. E quando Grazi olha para alguém dessa forma, não adianta

argumentar.

— Tá bem... — concordei ainda desanimada.

— Agora levanta esse rabo daí que vamos ao salão! — falou animada — Vamos dar um *up* nesse visual. Já viu as suas unhas?

— O que tem minhas unhas? — indaguei enquanto olhava para as minhas mãos.

— O que não tem né? Falta uma hidratação básica, um esmalte vermelho e...

— Certo, certo... Já entendi.

— Aprende rápido, gata! — piscou para mim antes de entrar no banheiro.



É quase meia-noite.

A praia de Copacabana estava lotada, uma multidão de pessoas se estendia por toda a extensão da orla. Eu nunca tinha visto tanta gente junta em um mesmo espaço. A sensação era de claustrofobia. Por um momento, senti como se o ar fosse insuficiente para todos ali reunidos. Como se estivesse lendo meus pensamentos, a Grazi apertou minha mão e sorriu antes de me entregar uma taça com vinho. Quando pensei em protestar, uma vez que eu não bebia, ela adiantou-se em assegurar que era suco de uva. Ingeri a bebida vagorosamente, torcendo para que o líquido gelado me ajudasse a relaxar.

Observei tudo ao meu redor. Risos histéricos. Abraços apertados. Beijos apaixonados. Esse era o clima do ambiente. A Grazi e os amigos tentavam se fazer ouvir em meio a todo aquele barulho, eu mesma não conseguia entender quase nada do que era conversado. Por isso, passei metade do tempo sorrindo e assentindo, quando a pergunta era direcionada a mim (e eu conseguia entender, depois de repetirem três vezes), eu respondia com poucas palavras. De fato, interação social em ambientes barulhentos e lotados não era o meu forte.

Em meio àquela multidão era impossível alguém me notar. Já empurrar... Alguém esbarrrou na moça que estava às minhas costas, desencadeando um efeito em cadeia e eu acabei por esbarrar em um homem que passava na minha frente, o suco de uva da minha taça fez surgir uma mancha vermelha por toda a frente da camisa branca.

— Porra! — o homem vociferou em minha direção — Não dava para olh...

— Perdão! — dissemos ao mesmo tempo.

Meu olhar seguiu da poça vermelha até os olhos mais azuis que eu já vi na vida. *Ai meu*

Deus! Sabe aquelas comparações com piscinas? Não faziam jus àqueles olhos. Estava noite, mas o olhar era tão vívido que me deixou em choque.

— Desculpa, eu não tive a intenção, juro! É que a moça acabou esbarrando em mim e quando vi... — comecei a falar sem parar.

— Tudo bem. Calma! — ele sorriu e foi aí que meu mundo parou, para então acelerar de uma só vez — Eu sempre soube que a cor da virada era vermelho, obrigado por isso — ele apontou para a roupa suja.

O seu sorriso era um imã e eu, hipnotizada, me peguei sorrindo de volta.

— Eu me chamo Heitor, posso saber seu nome? — ele ergueu uma sobrancelha e eu achei a coisa mais linda do mundo.

— Amélia — disse quase em um suspiro.

Ele chegou mais perto.

— Desculpe, não ouvi. Qual é o seu nome? — ele aproximou seu ouvido do meu rosto, para me escutar... Mas o seu cheiro me deixou embriagada. Precisei me apoiar nele para repetir.

— Amélia.

— A mulher de verdade? — sorriu — Que sorte a minha!

Eu já ouvi várias piadas que faziam referência à canção popular *Aí, que saudade de Amélia*, mas nenhuma delas tinha me deixado contente. Até agora. Sorte... ele achava que tinha sorte mesmo depois de eu estragar a sua camisa, uma roupa cara por sinal, a julgar pelo emblema do jacaré que figurava em seu peito.

— Tá tudo bem aí, Amy? — Grazi se espremeu para chegar mais perto de mim.

— Tudo ótimo! — foi ele quem respondeu, fitando-me com seus olhos azuis hipnotizantes. Eu sorri em confirmação. *Ótimo!*

— Amélia — ela procurou meu olhar — tudo certo?

— Sim, Grazi — desviei, por alguns segundos, dos olhos de Heitor — Estou ótima, não se preocupe.

Só então a minha prima sorriu e voltou a dar atenção aos seus amigos, um pouco mais distante. Nesse momento, a movimentação e euforia aumentaram. Faltavam poucos segundos para a meia-noite.

— 10! — Ouvimos alguém começar a contagem regressiva.

— 9! — As pessoas preparavam champanhe... me distraí buscando com o olhar onde estava a Grazi, naquele mar de pessoas.

8! Estavam indo muito rápido ou...

7!... Os segundos estavam tão acelerados...

6!... Quanto meu coração?

5! Estiquei-me na ponta dos pés...

4!... Mas não conseguia ver a minha prima.

3!

— Dizem que a primeira pessoa que a gente beija é a queremos ao nosso lado no ano seguinte.

2!

1!

Os fogos estouraram, mas não ouvi. O mundo paralisou quando a boca do Heitor encostou na minha. Nossas línguas se tocaram, fazendo amizade... As suas mãos escorregaram até a minha cintura e me puxaram para mais perto. Com isso o beijo tornou-se mais sensual e fez meu corpo esquentar como nunca havia acontecido em minha vida. Quando precisamos respirar, ele se afastou e um lamento involuntário escapou dos meus lábios. Com isso soube que o meu pressentimento estava correto: minha vida ia mudar.

Passamos o restante da noite juntos, conversando e sorrindo. Nos aproximamos da Grazi e o Heitor logo se tornou o engraçado da turma, nos divertindo com as suas histórias. Ele foi carinhoso, passou o tempo inteiro abraçado a mim e isso não me incomodou. O magnetismo desse homem era impressionante. Eu tinha plena convicção que estava sorrindo feito boba para ele, mas não me importava. Não quando ele me abraçava forte e sorria de volta.

Em um determinado momento da madrugada, a Grazi anunciou que estava cansada e queria ir para casa. Fiquei um pouco surpresa, já que ela era a personificação da animação, talvez não estivesse se sentindo bem.

— Fica mais um pouco, vamos ver o nascer do sol juntos... — Heitor pediu enquanto nos despedíamos.

Meu corpo, cérebro e alma gritavam "Siíiiiiim", mas ao olhar a Grazi bocejando do outro lado não pude atender a esse pedido. Tínhamos saído juntas e voltaríamos juntas. Não queria que a tia se preocupasse e brigasse com a minha prima por ter me deixado só.

— Realmente tenho que ir — ele fez uma carinha triste.

— Me dá seu celular! — Prontamente entreguei o aparelho — Pronto, aí está salvo meu número — devolve-me meu telefone — Promete que vai me ligar quando chegar... — tocou meu rosto carinhosamente.

— Amy, vamos! — minha prima chamou já impaciente.

— Prometo que, quando acordar, eu te ligo.

— Nada disso — Heitor me puxou para os seus braços — quero ouvir sua voz no primeiro

raiar do sol. Promete? — Seus olhos capturaram os meus e eu não tive como dizer não.

— Prometo — ele me beijou e sorriu ao me deixar ir.



Os primeiros raios de sol já eram vistos quando sentei na minha cama usando um pijama confortável. A Grazi estava realmente exausta, pois assim que saiu do banho se jogou na cama e dormiu profundamente. Enquanto eu, como prometido, estava discando para Heitor. Ele atendeu ao primeiro toque.

— Amélia, você está perdendo o nascer do sol mais lindo da sua vida — sua voz soou bem-vinda nos meus ouvidos.

— Ainda está na praia? — indaguei.

— Não, é a vista da janela do meu quarto — silencieei, sem saber o que falar — Amélia? — ele buscou contato.

— Oi... Estou te ouvindo.

— Chegou bem em casa? — desconversou e eu agradeci mentalmente por isso.

— Sim, cheguei.

— Depois que você saiu eu pensei que perdi a oportunidade de descobrir onde você se esconde...

— Por que acha que eu me escondo? — indaguei sem conter o sorriso.

— Uma mulher como você sozinha só pode está escondida ou sendo mantida num cativeiro por um dragão violento, acertei?

— Acho que você ouviu muito conto de fadas quando criança — deitei na cama sorrindo.

— Nem tanto... — sorriu do outro lado da linha e um arrepio percorreu meu corpo — estava deixando minha mente buscar uma lógica para essa mineirinha linda estar solteira.

— Talvez a mineirinha esteja esperando o príncipe encantado! — brinquei.

— Então estava... Pois já encontrou.

— Heitor... — eu suspirei.

— Eu tinha um som preferido ano passado e agora tenho outro.

— Qual era?

— O seu sotaque mineirinho! — Sorri do meu lado da linha, toda derretida.

— E qual o novo som preferido?

— Você falando meu nome. Esse "r" puxado no final... — ele gemeu e eu senti na minha própria pele.

— Rindo do meu *caipirês*, né? Minha meta para esse ano é anular o sotaque, vou marcar até um fonoaudiólogo.

— Não faz isso! Como vou sobreviver sem o seu *Heitôrrr*?

— Como já sobreviveu por esses 25 anos? — Chutei a idade dele.

— 28! — corrigiu-me — Dá para imaginar o que é viver por 28 anos sem saber que seu nome é a palavra que você mais gosta de ouvir da boca de uma mineirinha?

Eu ri.

— Certo *Heitôrrrr* — forcei ainda mais o sotaque mineiro — já cumpri a minha promessa — bocejei — preciso dormir ou vou te deixar falando sozinho.

— Você não faria isso...

— *Heitôrrrrr!* — repeti com ênfase.

— Me faça mais uma promessa e eu desligo.

— Diz...

— Promete que vai casar comigo.

Eu gargalhei.

— Amélia?

— Você bebeu muito depois que eu saí?

— Quero que você seja minha! — falou num tom firme que não admitia recusa.

Achei romântico, confesso.

— Acho que o primeiro passo é você me convidar para jantar...

— Eu o farei, mas quero que prometa que quando eu te pedir em casamento, você aceitará. Você será minha, Amélia... Está escrito.

Estava encantada e com muito sono, por isso fui pelo caminho mais simples.

— Eu prometo, Heitor.

— Sonhe comigo, Amélia! — ele desligou.

Adormeci com um sorriso congelado em meu rosto.

Ano novo, vida nova.

Dois

A primeira coisa que fiz ao acordar foi olhar meu Facebook, minha intenção era *stalkear* a vida do Heitor, mas para minha surpresa e emoção ele tinha me adicionado. Quando eu cliquei em "aceitar" me senti a mulher mais sortuda do mundo. Qual é a chance de encontrar um homem lindo, atencioso e que beija bem na virada do ano em Copacabana?

Depois que aceitei a solicitação, imediatamente, chegou uma mensagem no *inbox* da rede social. Era ele, falando que ia começar a olhar todas as minhas fotos para matar a saudade que crescia a cada segundo. Meu sorriso se tornou capaz de iluminar uma cidade inteira.

Ele cumpriu o que prometeu e curtiu todas as minhas fotos, deve ter dado o maior trabalho. Depois, conversamos por algumas horas. O Heitor me convidou para jantar. Por ele nos veríamos no primeiro dia do ano, mas eu tinha prometido ficar com a minha tia e a Grazi... Ele tentou insistir, mas para mim, promessa é dívida.

Nos dias subsequentes fui visitar minha família, a viagem estava marcada e não dava para desistir, meus pais haviam pagado a passagem. Por isso, a semana inteira foi preenchida por trocas de mensagens e ligações longas. Ele era tão diferente dos outros homens: atencioso, bom ouvinte e dizia coisas românticas. Não que eu tivesse conhecido muitos homens, mas os da universidade, por exemplo, eram o oposto disso.

Voltei ao Rio na sexta-feira pela manhã e passei o dia ajeitando o cabelo, pintando a unha e tentando chegar aos pés daquele deus grego. Estava insegura, apesar de tentar me convencer de que foi ele quem me adicionou e me ligou durante todos esses dias.

— Esse sorriso gigante tem nome? — Grazi perguntou se jogando na cama enquanto eu tirava mais um vestido e o jogava na pilha — Vai sair?

— Vou jantar fora.

— Uau! — exclamou animada — Ano realmente novo hein? Com quem?

— Heitor.

— O cara do beijo? Mantiveram contato? — Grazi disparava as perguntas sem respirar — Não me disse nada hein, danadinha. Ele é lindo!

Sorri concordando. Ele era realmente lindo.

— Já que é para conquistar o boy, usa um dos meus vestidos... Vamos ousar nesse novo ano.

Por que não?

Grazi me trouxe três modelos provocantes, acabei optando pelo que mais me deixaria a vontade: preto, justo e com um decote de tela que provocava, mas não mostrava tudo, apesar de se estender mais do que eu gostaria. Minha prima sugeriu que eu deixasse o cabelo solto e usasse maquiagem, aceitei a dica do cabelo, mas fiquei insegura quanto à maquiagem. Acabei usando um batom cor de boca e lápis, apenas.

Dez minutos antes do horário combinado, recebi uma mensagem informando da sua chegada. Bom sinal, ele estava ansioso para me ver. Minha tia ficou de butuca na porta para ver quem era.

— Desculpe pela minha tia — pedi quando me aproximei.

Ele me olhou dos pés à cabeça e ergueu uma das sobrancelhas.

— Não precisa se desculpar, ela está tentando te proteger — disse enquanto abria a porta do carro para que eu entrasse.

Quando ele se acomodou no banco ao meu lado, segurou minha nuca e me puxou para um beijo intenso. Meu corpo inteiro formigou com as voltas que a língua dele fez em minha boca.

— Quase enlouqueci com vontade de fazer isso a semana inteira — ele se afastou me deixando sem fôlego — Hoje, a noite é nossa! — sentenciou.

— Também estava com saudades! — confessei tentando recuperar o fôlego.

— Eu tinha planejado um jantar... Mas você vestida desse jeito me deu algumas outras ideias — sorriu maliciosamente e eu engoli em seco — Confia em mim, Amélia?

Contra toda a racionalidade, eu confiava. Heitor me passava confiança, carinho, além do calor que derretia meu cérebro. Com apenas um encontro e uma semana mantendo contato, eu me sentia mais ligada a ele do que a qualquer outra pessoa em toda a minha vida.

— Confio! — o sorriso que ele me deu pode ser descrito como o de um caçador que conseguiu a melhor presa.

— Você não vai se arrepender — ele disse e eu tinha certeza disso.



Ele me levou a um motel. Acho que eu deveria ter entendido que era para esse lugar que iríamos, mas a minha ficha só caiu quando entrei no quarto requintado. Nunca tinha visto uma cama tão grande, acho que caberiam cinco pessoas nela. O espelho no teto era tão grande quanto.

— Vai ficar parada perto da porta? Está com medo, Amélia? — ele disse depois de depositar a chave do carro, carteira e celular na mesa de canto.

Dei alguns passos hesitantes para dentro do aposento. As possibilidades do que viria pela frente girando em minha mente. Sexo. Claro que eu sabia o que era e já tinha visto muitos vídeos nos sites da internet, já tinha me tocado algumas vezes no banho também... Mas o Heitor com certeza é um homem experiente. E se eu não soubesse como agradá-lo?

— Vem cá, Amélia! — ele estava sentado na beirada da cama, as mãos estendidas me chamando.

Eu fui. Guiada pelos seus olhos, parei em sua frente. Ele sorriu quando me puxou pela cintura, me fazendo parar entre as suas pernas. Suas mãos desceram até a barra do vestido.

— Tire! — ordenou e eu prontamente obedeci. Sua voz de comando era forte — Sente aqui!

Ele indicou o próprio colo e eu quase desmaiei. Segurando nos seus ombros eu sentei de frente, minhas pernas em torno da sua cintura. De alguma forma, parecia que eu estava no lugar certo. Mesmo totalmente vestido eu o sentia entre as minhas pernas. Meu mundo girou quando ele finalmente me beijou, segurando meu cabelo com certa força. Ele impôs o ritmo, girando a cabeça para aprofundar. Eu estava sendo devorada. Instintivamente, me mexi em seu colo, buscando contato.

— Eu vou te comer tão gostoso que você vai esquecer qualquer outro que já tenha estado aqui — seus dedos apertaram o meio das minhas pernas, eu gemi.

— Heitor...

— Isso, esse é o único nome que você vai lembrar essa noite. Vou fazê-la esquecer até como se chama, Amélia...

Ele se levantou e me jogou na cama. Ofeguei quando ele se livrou rapidamente da minha calcinha. Sua boca me fez gritar alto, nunca imaginei que uma língua pudesse fazer tamanho milagre. Ele suspendeu meu sutiã e agarrou meus seios com força, enquanto sua boca me sugava. Era como se eu fosse sugada para um buraco negro, tamanha intensidade de sensações que me dominou quando o orgasmo me atingiu. Nada do que eu consegui fazer sozinha no banheiro tinha sido tão devastador.

— Você é uma delícia gozando... — abri os olhos para encontrá-lo se livrando das roupas.

O corpo daquele homem merecia reverência. Deus. Do. Céu! Eu não sabia o que queria tocar primeiro: braços fortes, barriga definida ou o que estava dentro da cueca preta. Quando ele a tirou eu observei o tamanho e ele sorriu presunçoso.

— Vou te dar cada centímetro — disse se tocando — se abra para mim, Amélia.

Minhas pernas se afastaram quando ele engatinhou até mim.

— Heitor... Eu preciso...

— Eu sei o que precisa — ele me cortou.

— Não tomo remédio — disse de uma vez, o que o fez parar e me encarar — nunca precisei tomar — dei de ombros querendo que ele entendesse.

— Nunca precisou tomar. Não me diga que... — seu sorriso surgiu de leve — Você é virgem, Amélia?

Senti meu rosto esquentar e não era exatamente prazer o que eu estava sentindo. Desviei o olhar.

— Isso é maravilhoso — Heitor disse eufórico — pela sua roupa eu jurava que tinha vindo em busca de sexo, por isso mudei nossos planos de jantar. Mas você é pura... E permitiu que eu te conduzisse até aqui. Que incrível, por que não me disse? Eu poderia ter sido muito mais carinhoso.

— Eu, eu... Não sabia como dizer. Foi tudo tão rápido.

— Não se preocupe, vou fazer essa noite ser inesquecível.

E ele fez. Beijou-me mais lentamente e venerou cada centímetro de pele do meu corpo. Com os lábios, a língua e as mãos. Heitor me possuiu com cuidado, me distraíndo da dor invasiva. Ele foi atencioso, carinhoso e romântico. Disse-me palavras lindas e quando meu corpo estava exausto, me pousou em seu peito e acariciou meu cabelo.

No fim daquela noite o meu corpo e o meu coração não mais me pertenciam.

Três

Dias, horas, minutos, segundos. O tempo parecia se arrastar quando não estávamos juntos. Eu ocupava meus dias com a faculdade e o Heitor com seu trabalho. Para matar essa saudade urgente, vivíamos nos falando. Heitor me mandava mensagem a cada cinco minutos, querendo saber como eu estava, se já havia comido, como foi a aula...

Eu nunca havia sido tão amada assim. Sabe o que é ter alguém que se preocupa com você acima de qualquer coisa? Esse era o tipo de amor que Heitor nutria por mim.

— Amélia, Amélia... — reconheci a dona daquela voz. Professora Socorro, eu havia esquecido completamente da sua aula, conversando com o Heitor por mensagem.

— Sim, professora. — Respondi envergonhada.

— Creio que você já domina o conteúdo suficientemente, que tal vim até aqui explicar aos seus colegas sobre a análise SWOT? — a professora me encarava furiosamente. Ela detestava ser interrompida durante a aula com conversas paralelas, mas odiava ainda mais quando os alunos se perdiam em seus celulares a ponto de esquecer da aula.

— Desculpa professora, isso não irá mais acontecer — Desliguei o celular e joguei na bolsa, ruborizada.

— Assim espero — respondeu ríspida — alguém mais quer interromper? — indagou antes de voltar às explicações.

Constrangida, passei o resto do tempo que durou a aula olhando para frente. Agora, eu tentaria me policiar quanto ao celular na sala de aula.



Já era início da noite quando minha última aula foi finalizada. As pessoas caminhavam apressadamente dentro do campus, pareciam querer sair o quanto antes das dependências da universidade. Entre esbarroes e passos apressados, eu seguia junto a alguns colegas de classe. Combinávamos um trabalho em grupo que deveria ser feito no próximo fim de semana.

— Amélia, pode ser na sua casa, dessa vez? — perguntou Geane.

— Eu preciso falar com a minha tia, você sabe que moro com ela...

— Pode ser na minha casa, que tal? Meus pais estarão em casa no sábado, mas é tranquilo

— disse Ana.

— Meu apê tá livre, aceitem. Já que é o que tenho a oferecer ao grupo — sorriu, Fábio.

Ele havia sido transferido esse semestre e Ana insistiu que ele entrasse no nosso grupo.

— Se rolar piscina no fim, fechou — respondeu Adriano.

— Então fechou! — Fábio respondeu sorrindo.

— Nossa! Quem é aquele deus grego ali?! — Ana apontou para a frente. Olhei para onde ela apontava e vi Heitor, o meu deus grego. Ele me notou e se moveu apressado em minha direção.

— Estava morrendo de saudades — disse, me levantando do chão com um abraço apertado.

— Eu tamb... — Não consegui concluir, pois sua língua invadiu minha boca em um beijo desesperado e urgente.

— Uau! A mineirinha se deu bem... — Geane comentou quando Heitor interrompeu o beijo, mas manteve nossos corpos próximos, sua mão ao redor da minha cintura.

— Eu que me dei bem, por encontrar a Amélia — respondeu sorrindo.

— Amélia apresente o gato. — Ana falou, toda animada.

— Esse é Heitor, meu namorado. Heitor esses são o Adriano, Fábio, Geane e Ana, amigos de curso. — Fiz as devidas apresentações.

— Opa — cumprimentou os meninos com um aceno de cabeça e as meninas com um enorme sorriso — O papo está bom, mas eu vim sequestrar a minha namorada — completou.

Despedi-me com um aceno e segui de mãos dadas com o meu namorado.

— Não sabia que viria me buscar — comentei quando já estávamos no carro, a caminho da minha casa.

— Se o seu celular estivesse ligado, saberia. Por falar nisso o que aconteceu? Esqueceu de carregar?

— Eu precisei desligar. Acredita que levei a maior bronca de uma das professoras mais rigorosas do curso? Foi o trem mais vergonhoso da minha vida.

— E depois da aula não lembrou de ligar?

— Saí de uma aula para outra, Heitor. Não lembrei.

— Não lembrou de mim? Sabia que eu fiquei desesperado quando vi que você não respondia minhas mensagens?

— Eu ia te ligar quando chegasse em casa, não precisava se preocupar.

— Amélia, eu me preocupo. — Brecou o carro bruscamente, estacionando numa rua

qualquer, para me encarar. — Não quero que isso se repita, meu amor. O seu celular deve sempre permanecer ligado, é para seu próprio bem. Já pensou se algo te acontece, como vou poder te ajudar?

— Amor... — Eu ia argumentar o quanto ele estava exagerando, mas suas mãos seguraram o meu rosto e vi um temor na sua face, ele realmente se importava comigo.

— Promete, Amélia? — pediu aflito.

— Prometo. Vou mantê-lo sempre ligado.

— Te amo tanto, Amélia. Tanto... — era a primeira vez que ele dizia aquilo. Meu coração perdeu o compasso, tamanha felicidade. Ele me amava.

Ele selou a declaração com um beijo, e nessa carícia eu pude sentir seus músculos relaxarem de toda a tensão. Ele se preocupava comigo. E me amava.



O sábado chegou e junto com ele o trabalho em grupo na casa do Fábio. Tomei um gole de café e saí rapidamente. Estava atrasada. Havia ficado madrugada adentro conversando com o Heitor. Achei que com o passar dos dias não teríamos o que conversar, mas pelo contrário, os assuntos pareciam infindáveis. O clima de flerte sempre estava presente e as palavras sussurradas de amor também... Sim, estávamos completamente apaixonados.

Após duas conduções e um metrô, cheguei ao endereço indicado. Ficava no Leblon e era um condomínio moderno e sofisticado. Assim que o elevador privativo chegou ao andar indicado, Fábio já me esperava na porta.

— Bom dia, gata — me cumprimentou com dois beijinhos no rosto.

— Bom dia, desculpa o atraso... — respondi sem graça.

— Relaxa, só a Aninha chegou. Vamos entrando... — falou dando espaço para que eu entrasse.

O interior do apartamento condizia com a fachada do prédio elegante. Diversos quadros e esculturas decoravam o ambiente, mas uma peça em especial chamava a atenção, uma foto em tamanho real de um homem seminu, era a primeira coisa que se via assim que punha o pé dentro. Impossível não notar.

— Gostou?! — Fábio indagou com um sorriso descarado. O que me fez ruborizar ainda

mais, se eu me olhasse no espelho agora tinha certeza que meu rosto estaria vermelho tal qual um pimentão.

— É você? — perguntei sem graça.

— Sim, presente de uma ex. — Assenti ruborizada.

— Ai meu Deus Amélia, você está corada! Quem cora em pleno século vinte e um? — o comentário de Ana me fez corar ainda mais.

— Não liga para ela, Amélia. Acho um charme mulher que cora — ele piscou em minha direção.

— Aceita algo para beber? Suco, água, um drink?

— Água...

— De preferência bem gelada para ela voltar ao estado natural — Ana comentou e Fábio sorriu.

Uma hora depois, os demais integrantes do grupo chegaram e com eles mais reações a respeito da foto da entrada. Talvez fosse essa a reação que o Fábio queria provocar, não havia um ser que entrasse e não se admirasse. Quando finalmente as atenções foram voltadas ao propósito de estarmos ali, já passava do meio dia.

Eu havia combinado de encontrar o Heitor quando terminasse o trabalho, ficamos combinados de eu ligar quando estivesse tudo finalizado para sairmos. Mas, pelo andar da carruagem as coisas demorariam mais do que o previsto para terminar. Somente Geane e eu dominávamos o conteúdo da matéria, enquanto Ana nos distraía com suas conversas paralelas com o Fábio.

Eu: Acho que vou demorar mais que o previsto

Enviei para Heitor.

Heitor: O que houve?

Respondeu imediatamente.

Eu: Geane e eu tivemos que reler o capítulo 10 de Chiavenato, em busca das citações, já que Adriano não fez as devidas citações...

Heitor: Porra! Deixa eles se virando aí.

Eu: Eu sei que é chato...

Heitor: Chato é perdemos o cinema porque você tem que ficar aí num trabalho em grupo, por culpa de imbecis que não fizeram a parte deles.

Eu: Não sabia que iríamos ao cinema...

Ele não havia dito nada sobre cinema ou havia?!

Eu: Mas, podemos ver uma sessão mais tarde.

Enviei rapidamente, pois o Heitor detestava que eu demorasse mais do que um minuto para responder. Com ele, tudo era para ser dito na hora, sem tempo para pensar no que responder, para que haja sinceridade nas palavras.

A mensagem foi visualizada e um minuto se passou sem resposta. Eu o havia chateado. Meu celular tocou, alguns segundos depois.

— Eu não disse que o celular deveria estar sempre próximo a você? — as palavras foram despejadas quando atendi o telefone no terceiro toque, tempo suficiente para eu me afastar um pouco do grupo.

— Ele estava na minha mão, mas precisei me afastar para falar — respondi calmamente.

— Por que precisava se afastar? Estou atrapalhando algo?

— Claro que não, amor. Eu só não queria atrapalhar eles com nossa conversa.

— Qual a previsão do término? Já passam das quinze horas.

— Geane acredita que antes das dezoito já tenhamos finalizado.

— Quer dizer que nosso cinema não vai rolar?

— Podemos ir mais tarde, eu só não posso sair agora.

— Claro que não. Seu namorado não tem importância na sua vida.

— Eu não disse isso, amor...

— Mas agiu dessa forma! O que é bem pior Amélia. — esbravejou — Eu falei logo cedo sobre o cinema, mas o TRABALHO deve estar tomando toda a sua atenção.

— Heitor...

— Ainda não acabou! — me interrompeu e continuou — E por falar em atenção como está o clima aí? Dois Homens, três mulheres...

— Não estou entendendo...

— Não?! Preciso ser mais direto? Cinco pessoas reunidas em pleno sábado num apartamento não devem ter como foco principal o estudo.

— Você está insinuando que estou te traindo?

— Claro que não. Você não seria capaz.... Mas, isso não impede que aqueles dois merdas deem em cima de você!

— Deixa de ser bobo, eu só tenho olhos para você.

— Eu sei disso, o problema é que os outros podem ter olhos para você.

— Somos colegas de classe Heitor, se tivéssemos que nos apaixonar um pelo outro já teria acontecido.

— Estamos falando de paixão agora!? Qual deles faz o seu tipo?

— Heitor...

— Diz! — gritou do outro lado.

— Você faz meu tipo, só você — minha voz saiu entrecortada pelo choro que eu já não conseguia conter.

— Amor, não chora. Merda, eu faço tudo errado, eu sei. Mas, é que eu te amo tanto que me preocupo com você. Você é boa demais para ver a malícia do mundo... Os homens não prestam! — a voz dele também estava fraca, como se também estivesse chorando — tudo isso, é para seu próprio bem. Você sabe, não sabe?

— Eu sei...

— Então diz...

— É para o meu próprio bem.

— Agora me diz o endereço daí que chego em poucos minutos. Preciso sentir seu cheiro, seu gosto... — eu também precisava.

Por isso, informei a minha localização. Eu, mais do que ele, precisava senti-lo. Através do seu beijo e do seu abraço eu saberia que essa discussão foi bobagem... Eu precisava ver no seu olhar que ele confiava em mim.

Quatro

Meu primeiro bom dia é sempre dele. E é dele antes mesmo de eu despertar. Assim como a minha primeira e última mensagem do dia também o pertence. O meu som favorito é o toque do celular avisando que chegou mensagem sua. Meu primeiro sorriso também é dele, provocado por ele, quando me manda aquelas mensagens de arrancar o mais profundo sorriso.

Heitor: Dormi mal amor e sabe o porquê? Você não estava ao meu lado. Casa logo comigo para dormirmos todas as noites juntos! Te amo, minha pequena.

Respondo imediatamente, os dedos agitados sob o teclado são apenas reflexos do meu coração que bate descompassado, transbordando de amor por suas palavras.

Eu: Bom dia, Amor! É tudo que eu mais que quero: dormir e acordar todos os seus dias ao seu lado.

Heitor: Partiu igreja?

Eu: kkkkkkkkkkk

Heitor: Sério. Se dermos entrada no cartório hoje, estaremos casados dentro de um mês.

Eu: Rsrs ainda precisamos falar com meus pais. Teríamos que ver vestido, igreja, lista de convidados... Não se resolve tudo assim em um mês.

Heitor: Então está decidido. Vamos ao mais importante: seus pais. Vamos aproveitar esse feriado prolongado e vamos a Minas. Enquanto isso vou entrar em contato com uma cerimonialista para agilizar os preparativos.

Ele ainda digitava freneticamente quando enviei uma resposta.

Eu: Você é louco?! haha

Heitor: Por Você. Louco por você.

E foi assim que o meu dia começou. Com Heitor fazendo planos para nossa vida a dois. Sou ou não sou uma mulher de sorte? Passei todas as horas que se seguiram tentando me concentrar nas minhas atividades. Mas no fim da tarde, lá estava eu relendo o começo do meu dia.

— E esse sorriso bobo aí? — minha prima me perguntou ao me flagrar relendo as mensagens no celular.

— Estou apaixonada, prima. Apaixonada demais da conta, sô.

— Está mesmo, deixou até escapar o *mineirês* — ela sorriu, sentando ao meu lado na cama.

— Tenho uma novidade, mas não conta a tia, ainda.

— Conta, conta! — pediu animada

— O Heitor vai pedir minha mão em casamento aos meus pais esse fim de semana — confesso animada.

— Já? Quer dizer... Vocês namoram há uns três meses.

— Quatro! — consertei rapidamente — Mas, parece que é muito mais. É coisa de alma gêmea, sabe?

— Amy... Você não acha que deveria ir com mais calma? Você mal conhece o Heitor.

— Conheço o suficiente para saber que estou tomando a decisão certa. Ele é carinhoso, romântico e me ama incondicionalmente, o que mais eu poderia querer?

Grazi estava prestes a discordar quando minha tia bateu na porta do quarto nos interrompendo.

— Amélia, seu namorado está te aguardando na sala.

— *Uai*, ele não avisou que viria — respondi surpresa.

— Corre menina não deixa aquele homão esperando — e assim eu fiz corri em direção ao Heitor.

— Não sabia que vinha hoje — falei enquanto trocávamos um beijo casto. Meu tio estava na sala.

— Surpresa! gostou?

— Claro! — Sorri e sentei ao seu lado no sofá.

— Eu vim te pegar para jantarmos.

— Há quanto tempo você não me convida para jantar, Tadeu?! — minha tia alfinetou o marido.

— Isso é o início mulher, não se iluda — respondeu sem desviar o olhar do programa esportivo.

— A senhora aceita ir jantar conosco? — Heitor perguntou.

— Não meu filho, não quero atrapalhar o namoro de vocês... Agora vai ficar bonita Amélia, seu namorado merece. — Apressou-me.

— Não demoro — respondi indo em direção ao quarto.

— Não se preocupe, tenho todo o tempo do mundo — Heitor respondeu sorrindo.

— Quero ver até quando isso vai durar... — ouvi Tadeu falar seguido de uma risada alta do Heitor antes de entrar no quarto.

— Que cara é essa Amy? — entrei no quarto chateada com o que ouvi do meu tio — Foi o que eu disse àquela hora? Desculpa eu não quis te magoar.

— Não, tudo bem — sorri — Vou sair para jantar com o Heitor.

— E vai usar jeans com rasteira? — perguntou ao me ver segurando as peças.

— O que tem?

— Ele pode querer te levar em um restaurante chique. Que tal um dos meus vestidos?

— Hum... — hesitei, os vestidos da Grazi eram sempre muito decotados e curtos, eu não me sentia confortável.

— Já sei — falou levantando da cama num pulo e indo em direção ao guarda roupa — Ganhei esse macacão da minha mãe e só usei uma vez. É simples, sem brilho, mas elegante.

Estendeu a peça em minha direção. O macacão era lindo. De tecido encorpado num tom branco, era justo do busto até a cintura, mas as pernas e bocas eram largas. Havia um cinto fino e dourado, que completava a peça.

— Gostou?

— É lindo demais.

— É todo seu.

— Obrigada, Grazi — disse abraçando-a.

— Agora vamos dar um jeito nesse cabelo. Ondular esses cachos....

— Heitor está esperando...

— Que espere! Aprende uma coisa priminha: os homens precisam ser domesticados.

Quando ela acabou, eu me olhei no espelho e gostei muito do resultado. Meus cabelos, geralmente sem volume, estavam perfeitos, volumosos e cacheados.

— Tô parecendo capa de revista.

— Ainda não. Falta pôr cor nessa boca, já que não me deixou te maquiar. — Eu usava apenas máscaras de cílios e um blush. — Agora assim — disse quando acabou de passar o batom vermelho nos meus lábios.

Nossa, quem era aquela mulher fatal? Sorri para o resultado refletido no espelho, mas a Grazi me puxou em direção a sala.

— Gostou, Heitor? — minha prima indagou quando chegamos na sala.

— Está ainda mais linda — disse com um olhar surpreso, me fitando de cima abaixo.

— Vamos? — falei sem graça com o seu olhar. Ele assentiu e se despediu dos meus familiares.

Sáímos da casa da minha tia de mãos dadas, mas mal descemos os degraus da frente e ele soltou minha mão, enfiando as suas no bolso da calça. Será que meus tios haviam dito algo que o chateou?

— Aconteceu alguma coisa?

— Não! — Respondeu monossilábico.

Entramos no carro e o silêncio continuou. Ou melhor o silêncio foi substituído por canções de ópera, enquanto o carro voava na pista. O volume, aumentado até o máximo, fazia minha cabeça começar a doer. A cada nota que a soprano atingia eu me contorcía no banco.

— Não está gostando? — indagou quando, finalmente, diminuiu o volume.

— Não ouço esse tipo de música.

— Claro que não. Escuta música caipira e canções sem conteúdo — rebateu.

— Eu escuto MPB, lá em casa sempre tocou Djavan, Paulinho da Viola, Caetano, Gil... — senti vontade de justificar.

— Mozart e Frank Sinatra para você deve ser nomes de doces ingleses suponho? — gargalhou alto e eu me encolhi ainda mais no banco. — Que foi amor, está sensível?

— Não gosto quando riem de mim.

— Eu não estou rindo de você. Estou rindo da vidinha medíocre que você levava. Comigo você terá acesso a coisas de gente civilizada. A começar por boa música. Aprecie a canção! — disse enquanto girava o botão no volume máximo novamente.

Encolhi-me e virei para a janela.

— Venha aqui! — segurou firme meu rosto quando paramos no semáforo — Não gosto dessa sua cara de quem comeu e não gostou. Sorria!

Esbocei o meu melhor sorriso.

— Agora sim! — disse antes de puxar meus cabelos e invadir minha boca com sua língua — Agora limpa essa boca, não quero que suje os lençóis da minha cama com esse batom de puta — jogou sobre meu colo um lenço.

— Achei que fôssemos jantar... — comentei com o lenço parado frente aos lábios.

— Você vestida assim me deu outro tipo de fome — disse maliciosamente e eu não pude deixar de sorrir. — Agora tira logo esse batom. Não quero ter que te beijar e ficar com essa marca. Aliás joga fora quando chegar em casa, ele e todos os outros nesse tom *puta*.

Assenti e comecei a retirar o batom, eu não gostava de vermelho mesmo.

Cinco

O feriado chegou e com ele minha viagem para o interior de Minas. Dessa vez, eu estaria acompanhada de um homem lindo de morrer, como minha mãe reagiria?

— A senhora não avisou nada a mãe sobre a viagem, né? — indaguei a minha tia que assistia TV na sala. Heitor e eu optamos por não contar nada aos meus pais, a ideia era surpreendê-los. Tinha certeza que a mãe ficaria feliz em conhecer o Heitor.

— Não avisei querida, mas acho que sua mãe vai brigar com você. Sabe como ela é: gosta de ter a casa arrumada para as visitas.

— Não vai ralhar tia, ela vai ficar é feliz! — sentei ao seu lado abraçando-a.

— Pior que vai mesmo, assim que ver esse sorriso estampado na sua cara.

— Isso sem falar dos suspiros pelos cantos e dos olhos brilhando — Grazi comentou se aproximando.

— Eu não ando suspirando pelos cantos — não contive o sorriso.

— Não?! — ela arqueou a sobrancelha.

— Tá, talvez um pouco.

Heitor: Cheguei. Desce para não perdermos o voo!

— O Heitor chegou! Vamos Grazi — iríamos dar uma carona para a minha prima.

— Vamos, antes que ele desista da minha carona.

— Dá um beijo na minha irmã por mim. — disse minha tia.

— Pode deixar, tia.

— Mãe, vou dormir na casa da Lu, não esquentar! — avisou Grazi.

— Juízo, Filha!

— Vamos Amy, antes que ela comece com sermão. — Fui empurrada porta a fora sem dar tchau a tia.

Heitor nos esperava do lado de fora do carro, estava falando ao celular, mas logo desligou, assim que notou nossa presença.

— Boa noite, amor. — Cumprimentei-o com um selinho.

— Boa noite, pequena. — Transformou o selinho em um beijo de língua.

— Boa noite, Grazi. — Minha prima falou, se cumprimentando, e nós nos soltamos rindo.

— Boa noite, Grazielle — ele a cumprimentou enquanto abria a porta para que ela

entrasse no carro. Repetiu o mesmo gesto comigo.

Seguimos o caminho conversando, ou melhor eu e Grazi conversávamos já que o Heitor mantinha a atenção no trânsito.

— Heitor, algum amigo engenheiro para apresentar?

— Grazi! — Repreendi sorrindo.

— O que foi, Amy?! Também quero andar de Ferrari.

Eu não entendia nada de carros, mas Heitor havia me dito que o seu era um *GTC4Lusso*, um modelo fabricado pela Ferrari. Ele fez questão de me explicar que seu carro continha a mesma tração e imponência de uma Ferrari, mas era um utilitário voltado para família. Seus quatro lugares e mala enorme eram os principais diferenciais da Ferrari tradicional, o demais, designer e qualidade eram idênticos ao modelo tão conhecido. Todas às vezes que saíamos, os olhares eram atraídos para o carro e o Heitor se vangloriava disso. Eu não me importava, mas se a Grazi, que era mulher, também o achava bonito, provavelmente havia uma áurea na marca Ferrari.

Heitor a olhou pelo retrovisor, antes de responder, também sorrindo:

— Infelizmente não. Eu sou o único solteiro e por pouco tempo — acariciou a minha perna.

— Produto avariado, suponho — minha prima rebateu.

Heitor gargalhou dessa vez. Uma risada gutural.

— Eu diria edição de colecionador, exclusivo e para poucos.

— *Touché!* — Sorriu derrotada.

— Está entregue — Heitor anunciou quando o carro estacionou em frente a uma enorme propriedade, na faixa da boate estava escrito *Carpe Vita*.

— Vocês deveriam me acompanhar qualquer dia desses, a balada é top.

— Vamos amor?! — Pedi animada — Eu nunca fui a uma boate...

— Vamos combinar, então. — Heitor sorriu em minha direção.

— Obrigada pela carona e boa viagem — disse ao descer do carro — Amy, manda mensagem quando chegar. Beijos. — Despediu-se e caminhou em direção ao seu grupo de amigos que já a aguardava na porta da boate.

Olhei uma última vez para a estrutura gigante da casa noturna, antes de o Heitor acelerar e nos tirar dali.



Nunca imaginei que ficaria com tanto medo. Mas ele estava ali, mais uma vez, me passando segurança.

— Não precisa ficar nervosa — Heitor repetia calmamente enquanto me abraçava. Eu nunca havia andado de avião e mesmo antes do *trem* decolar eu já suava frio.

Senhores e Senhoras permaneçam nos seus lugares com os cintos afivelados e poltronas na posição vertical, pois a decolagem foi autorizada.

A voz da aeromoça soou como uma sentença de morte aos meus ouvidos.

— Respira! — Heitor buscava me acalmar.

— A gente devia ter ido de carro — choraminguei enroscada no seu abraço.

— Deixa de ser boba, amor. Nada vai acontecer estou aqui do seu lado.

O avião decolou e eu me segurei firme em Heitor, que intensificou o abraço e me falou palavras de carinho. Aos poucos, quando estávamos estáveis, o pânico foi desaparecendo e eu fui me acostumando com a ideia de estar no céu. Ele solicitou água para que eu me reestabelecesse por completo.

— Aqui está, senhor — a aeromoça entregou-lhe um copo de vidro com o líquido. A mulher era linda: loira, olhos verdes e boca carnuda, seu uniforme era justo, o que denotava que ela tinha um corpo avantajado. E o pior: não tirou os olhos do meu namorado desde que embarcamos.

— Obrigado! — Heitor agradeceu sorrindo.

— Estou à sua disposição! — a loira respondeu sorrindo antes de se afastar.

— É impressão minha ou aquela mulher deu em cima de você?

— Ciúmes? — sorriu com presunção.

— Não! — Menti — Quer dizer, sei lá... Você viu como ela te olhou?! Isso sem falar daqueles peitos saltando em sua direção. — Soltei sem conter a irritação.

— Não vi nada disso e sabe por quê? Porque só tenho olhos para você.

Ele segurou meu queixo, aproximou nossos rostos e me beijou apaixonadamente para comprovar o que dizia, perdi-me na sua boca e esqueci completamente o medo de voar.

O desembarque foi realizado no aeroporto de Ipatinga, uma vez que, na minha cidade não havia aeroporto. Heitor havia alugado um carro no aeroporto e de lá iríamos para a casa dos meus pais em Santa Rita de Minas.

— Vamos pegar estrada a essa hora da noite? — indaguei já sonolenta no banco do carro.

— Não, vamos dormir e seguimos viagem amanhã logo cedo — Heitor respondeu.

Acabei cochilando no meio do caminho e fui acordada por ele avisando que havíamos

chegado. O carro estava estacionado em frente ao hotel cinco estrelas da cidade onde desembarcamos, os artistas e políticos costumavam se hospedar nele. Eu só o conhecia de fotos.

— Aconteceu algo Amélia? — indagou quando viu que eu não me movia. Estava absorta com aquela visão a minha frente.

— Vamos ficar nesse hotel?

— Sim, algum problema?

— É o lugar onde os artistas costumam ficar...

— Não íamos ficar numa pousada ou num hotel de esquina, amor — respondeu sorrindo. Permaneci calada observando a fachada espelhada e intimidante do hotel. — Não gostou?

— Claro que gostei! É que é ainda mais bonito que nas fotos.

— Imagine quando entrar na nossa suíte. Tem banheira de hidromassagem...

— Obrigada — falei antes de enchê-lo de beijos.

— Deixa para me agradecer no quarto! — Sorriu maliciosamente.

Heitor estava mantendo os detalhes da viagem em segredo, pois queria me surpreender. E estava conseguindo. A hospedagem no hotel Maison Vila Boas havia me deixado em êxtase.

A recepcionista, li no crachá Sandra, nos saudou assim que nos aproximamos. Cortês e solícita, nos perguntou se havíamos feito boa viagem e nos guiou até a suíte no décimo andar.

Não contive a emoção quando a porta foi aberta e revelou a suíte. Era linda. O chão de madeira escura, as paredes em tons pastéis. A sala de estar era separada do quarto por uma extensa parede de vidro.

O quarto. Ah! O quarto... Havia uma cama grande com diversos travesseiros brancos. No criado mudo havia uma garrafa de champanhe. O banheiro tinha uma enorme banheira e no exato momento que meus olhos encontraram os de Heitor eu soube que dividiríamos o espaço naquela noite.

Assim que a recepcionista nos deixou a sós, corri para os braços de meu amado e o abracei agradecendo mais uma vez pela surpresa.

— Tudo para você e por você — me beijou com carinho — o que acha de tomarmos um banho?

— Adoraria.

Seguimos enroscados até o banheiro. A pressão do corpo de Heitor contra o meu transmitia uma onda eletromagnética por cada extensão do meu corpo.

A primeira peça de roupa descartada foi a sua camisa. Eu a tirei com sua ajuda, minhas mãos queriam sentir sua pele. Quando estava prestes a tirar meu vestido, ele segurou minhas mãos.

— Eu faço isso.

Abriu lentamente o zíper lateral do vestido, sem nossas bocas se desgrudarem. Então afastou o tecido dos meus ombros deixando cair no chão, a peça.

Seus olhos assumiram um brilho de desejo ao me ver sem o vestido. Eu usava um conjunto de renda cor rosa. A peça era marcada por uma cinta liga e que se estendia até o meio das coxas.

— Não esperava por essa...

Fiquei vermelha.

— Eu achei que pudesse gostar...

— E gostei, estou apenas surpreso.

Sorri perante o seu riso desconcertado. Toquei seu abdômen e sua cintura. Minha mão tocando o cós da sua calça. Nunca achei que fosse tão difícil despir um homem. Notando minha tentativa frustrada, ele pousou a mão sobre a minha e me ajudou a tirar primeiro o cinto e depois a calça. Deixando-o apenas com a cueca boxer branca.

Parei para admirá-lo. Ele era a visão de um deus grego. Um corpo musculoso e bem definido. E era meu. Só meu. Não consegui conter a excitação e lambi os lábios, antes de surpreendê-lo puxando a cueca e revelando toda a sua existência. Heitor sorriu satisfeito ao ver minha cara de menina sapeca.

— Venha aqui! — ordenou — precisamos te livrar das suas peças antes de entrarmos nessa banheira.

Assenti e ele se ajoelhou à minha frente. Começou a tirar vagarosamente a meia calça, cinta-liga e calcinha, beijando minhas pernas e coxas. Eu já arfava de excitação. Dedicou a mesma atenção aos seus ombros e seios antes de retirar o sutiã.

— Agora sim. Entre na banheira — obedeci já ofegante pela expectativa. Quando ele entrou, a água foi espalhada pelo piso e eu sorri. Me envolveu com seus braços e me encheu de beijos.

— Querida abra as pernas — disse antes de começar a me acariciar com os dedos. Gemi.

A princípio foi um toque lento e suave, um dedo realizando pequenos círculos, depois dois dedos me estimulavam encontrando a minha parte mais sensível. Quando os dois dedos foram introduzidos. Arqueei gemendo. Heitor continuou a me tocar enquanto sua boca sugava meus seios.

Ele não cansava de me surpreender com suas habilidades com a boca e os dedos...

— Amor...

— Deixe para falar depois que eu te amar nessa banheira lenta e deliciosamente — foi a última coisa que ouvi quando ele me penetrou.



Acordei sem o Heitor ao meu lado. Seu lado da cama estava frio, o que indicava que havia saído há muito tempo. Estiquei o braço e peguei meu celular no criado mudo, era pouco mais que sete da manhã. Onde será que ele foi?

Aproveitei sua ausência e decidir dar uma olhada nas minhas redes sociais. Não que eu estivesse algo a esconder dele, mas ele não gostava que eu ficasse no celular enquanto estava ao seu lado. Tínhamos que ser prioridade um do outro, ele dizia sempre.

Vi as fotos da Grazi na *Carpe Vita*. Em uma delas ela estava acompanhada de um homem muito bonito, parecia um artista de cinema, com a seguinte legenda: *Chefe é chefe, né pai?* Curti a foto e comentei elogiando-a, e usei um *emoji* de olho piscando.

Imediatamente, ela respondeu dizendo que assim que eu voltasse de viagem ela iria me arrastar para o mundo *Carpe Vita*. Respondi com risos e um “vou cobrar”. O homem bonito da foto, estava marcado como Felipe Albuquerque, também entrou na conversa e me marcou dizendo que as portas da *Carpe Vita* estavam abertas para mim. Grazi também comentou e o que era para ser um comentário transformou-se num diálogo.

Sorri enquanto me divertia com o rumo daquela conversa.

— Amélia, acordou? — Heitor indagou assim que entrou no quarto.

— Sim. E você, aonde foi logo cedo?

— Estava na recepção. Procurando saber se lá na sua cidade tinha algum restaurante para fazer uma reserva.

— E ouviu que não tem, né? — sorri — Santa Rita é uma típica cidade de interior.

— Não Amélia, no Rio tem cidades de interior que tem bons restaurantes. Santa Rita não tem um! — pontuou — Apenas casas com comida caseira? Como alguém pode viver num lugar desse?

— Que frase típica de homem urbano — sorri — para quem nasceu e cresceu ali a cidade é um paraíso, sabe?

— E a floricultura que tem não funciona aos fins de semana, faz favor... — prosseguiu reclamando.

— Amor, nem cinema tem. Eu fui ao cinema pela primeira aos 18 anos quando fui visitar a Grazi no Rio.

— Por isso você se mudou para o Rio, não foi? Para usufruir de uma boa vida e me

conhecer, claro.

— Convencido! — sorri de volta — Mas sim, esse foi um dos motivos para a minha ida ao Rio. Eu queria ter oportunidades, ver o que tinha além de Minas.

— Espero que, agora que viu, não queira voltar. Por que eu não me vejo em um lugar como esse.

— Quero estar ao seu lado independente de qual seja o lugar. — Um enorme sorriso de satisfação surgiu no seu rosto.

— Isso mesmo. Seu lugar é ao meu lado, nunca esqueça — segurou meu queixo e eu apenas assenti, pois era a mais pura verdade.



O trajeto para Santa Rita de Minas durou pouco mais de duas horas, fizemos o caminho no carro alugado por Heitor ao som de música clássica. Ele estava nervoso em conhecer meus pais, tinha receio de não ser aceito por eles. Como se isso fosse possível.

Assim que o carro estacionou em frente à casa dos meus pais, eu sorri para Heitor que retribuiu o sorriso e me beijou. Era o meu prelúdio que tudo daria certo naquele dia.

— *Manhê!* — gritei já adentrando, o cadeado sempre ficava encostado ali em casa.

— Amélia?! — saiu da cozinha apressada vindo em nossa direção. Soltei a mão de Heitor e abracei minha mãe — E quem é esse moço bonito? — perguntou.

— Esse é o Heitor, meu namorado.

— É um enorme prazer conhecer a senhora — cumprimentou entregando as flores que havia comprado na cidade.

— Flores? Nunca ganhei flores na minha vida, obrigada. — Revelou emocionada.

— Maria, Maria! — meu pai gritou do quintal.

— *Num vê que eu tô com visita homi, vem aqui!* — gritou de volta.

— Você nem avisou que viria filha, eu poderia ter preparado um almoço especial...

— A Amélia me disse que a senhora tem mãos de fadas. Tenho certeza que o que fizer será saboroso — Heitor respondeu.

— Mãos de fadas... *Magina!* — sorriu.

— Quer dizer que agora viaja sem comunicar os pais, Amélia? — foi a recepção do meu pai assim que nos viu. Ele não era muito de demonstrar afeto e essa era a sua forma de dizer que

se preocupava comigo.

— Era surpresa... — respondi

— Eu que pedi que ela não contasse, senhor Valdomiro. Peço desculpas se isso não o agradou.

— Bobagem, Heitor — minha mãe tentou amenizar o clima. — Esse é o namorado que a Amélia nos falou por telefone.

— E a que eu devo a visita?

— Não podemos almoçar primeiro? Estou morrendo de fome.

— Não foi para comer a comida da sua mãe que você saiu do Rio de Janeiro para cá. — Meu pai era direto.

— Claro que não. Eu vim pedir a mão da sua filha em casamento.

— Você tá prenha, menina? — indagou raivoso.

— Amélia? — minha mãe perguntou apreensiva.

— Não, não se preocupem — Heitor tratou de tranquilizar meu pai — Ainda não é agora que lhes daremos netos. — Acariciou a minha mão com carinho.

— É mãe, eu pretendo concluir a faculdade e depois virão os filhos.

— O senhor me daria a honra de fazer a sua filha a mulher mais feliz do mundo? — indagou quando retirou a aliança de uma caixa de veludo vermelha e estendeu em minha direção.

As alianças eram lindas de um ouro brilhante e bastante grossas. Impossível não as notar.

— É o que você quer? — meu pai buscou confirmação.

— É o que eu mais quero nessa vida, pai.

— Se é assim... Eu concedo.

— Obrigada, pai! — Abracei-o apertadamente.

— Deixa de bobagem e vamos comer — ele pôs fim ao contato — Sua mãe fez uma galinhada...

O almoço foi tranquilo e animado. Meu pai levou Heitor para conhecer sua horta no quintal e a casa dos cachorros que ele mesmo construiu. Logo depois, um amigo do meu pai apareceu e os três saíram juntos até o bar do Clemente para comemorar o meu noivado. Já eu acompanhei a minha mãe nas casas das amigas, mostrando a todos a minha aliança.

Quando pegamos a estrada de volta para o hotel, já estava anoitecendo. Heitor estava mais silencioso que de costume. Era sempre difícil saber o que se passava pela sua cabeça. E não adiantava perguntar, pois ele não falava.

Por isso permaneci na minha, observando a estrada pela janela, já que o sinal do celular não pegava ali. Notei quando a velocidade foi sendo aumentada gradativamente, na mesma

medida em que a música se tornava mais alta. Um a um os carros eram deixados para trás em ultrapassagens arriscadas. Chuviscava o que deixava tudo mais perigoso.

— Por que estamos indo com tanta pressa?

— Preocupada? — indagou sorrindo.

— Sim, está começando a chover e você mal conhece a estrada...

— Está com receio de nos envolvermos em um acidente? Posso até ver as manchetes: casal morre na volta do noivado na casa dos pais da doce Amélia — soltou uma risada histérica tirando a atenção da estrada.

— Que mórbido isso — respondi me encolhendo no banco do carona.

— O acidente ou o noivado?

— O acidente, óbvio. O que está acontecendo?

— O que está acontecendo? Você ainda pergunta que PORRA está acontecendo? — gritou socando o volante.

— Eu não sei do que você está falando...

— Vou te ajudar a lembrar: Facebook hoje pela manhã.

— O que tem? Não sei...

— Felipe, quem é Felipe? — jogou o carro em direção ao encostamento e meu corpo foi projetado violentamente para frente, o cinto evitou que eu me chocasse contra o painel.

— Não conheço nenhum Felipe! — respondi, ameaçando chorar.

— Quem droga é esse cara? — indagou levando o celular até meu rosto. Segurando minha cabeça para que eu olhasse para a tela.

— Eu não consigo ver — falei com lágrimas já rolando pela minha face. Afastou o mínimo para que eu observasse sem soltar meu pescoço. Era o post da Grazi.

— Relembrou agora quem é?

— Eu não o conheço. Ele é colega da Grazi. Nunca nos vimos. — Eu falava entre soluços.

— E aquele papo todo nos comentários?

— Era uma brincadeira...

— Brincadeira? Entra no seu facebook agora! — Ordenou. Minhas mãos tremiam enquanto eu buscava desbloquear o aparelho. Quando acessei o site ele tomou o celular das minhas mãos.

— Solicitação de amizade: Felipe Albuquerque. — Encarou-me e vi fúria em seu olhar — Isso ainda é brincadeira? — gritou.

— Eu não sabia... Acredita em mim, amor. Eu não o conheço.

— Mas está louca para conhecer, garanto.

— Não.

— Então não vai se incomodar se eu rejeitar a solicitação de amizade agora.

— Não Heitor, claro que não.

— Agora enxuga essas lágrimas e sorria! Vamos mostrar ao mundo o que você já sabe:

que você é minha!!

Enlaçou nossas mãos e disparou várias fotos das nossas mãos com a aliança. Depois puxou meu rosto em direção ao seu e me beijou enquanto o celular no automático retirava fotos nossas.

Escolheu duas daquelas fotos e escreveu um post apaixonado em meu nome:

Agora é oficial: Sou a Sra. Amélia Duarte. Te amo meu futuro marido ≡

— Agora sim. Quando chegarmos numa área com sinal realizaremos a publicação! — falou calmamente.

E ali estava de volta o Heitor que eu conhecia.

Seis

Um mês depois

Uma garoa fina caía lá fora, em meio a um dia ensolarado.

Sábado. Nove e vinte da manhã. A limusine preta estacionou em frente a uma pequena igreja no Bairro da Tijuca. A típica chuva de verão caía de repente, dizem que chover no casamento é bom sinal, né? Chuva de bênçãos! Por isso eu tentava ficar feliz ao ver as gotas que caíam das nuvens. Observava a rua através da janela do carro enquanto aguardava a chuva diminuir para dar os passos mais importantes da minha vida: o caminho até o altar onde Heitor estaria.

Distraí-me por algum tempo, até olhar o relógio do meu pai. Que já marcava nove e quarenta. Estava vinte minutos atrasada, sei que é comum as noivas atrasarem no dia do seu casamento, minha mãe chegou a comentar que faz parte da etiqueta das noivas. Mas, estava impaciente com essa chuva que não passava... Além do mais, Heitor não gostava de atrasos.

Tateei em busca do meu celular no banco de couro e não o encontrei. Recordo que entrei com ele nas mãos... Será que caiu no piso enquanto nos locomovíamos? Voltei a atenção para o piso do carro à procura do aparelho, devia ter inúmeras mensagens do Heitor preocupado com o meu atraso.

— O senhor viu meu celular? — indaguei ao meu pai que estava disperso conversando com o motorista.

— Sua mãe pegou. Disse que dava azar qualquer contato entre os noivos no dia do casamento. Crendices dela! — disse por fim dando de ombros.

Assenti e permaneci em silêncio, meus pensamentos em Heitor. Eu mentalizava para que essa chuva passasse, para que eu pudesse sair o quanto antes daquele carro. Um longo tempo depois, surgiu ao nosso encontro uma mulher de traje social preto que se apresentou como Daiane, a cerimonialista, carregando dois grandes guarda-chuvas.

— Já era hora! — deixei escapar e a mulher sorriu.

— Tentamos ao máximo esperar a chuva cessar, mas não terá jeito. Teremos que sair nessa chuva, Amélia — falou docemente — O padre tem outro compromisso após a cerimônia e não

poderá esperar mais tempo.

— Sem problemas! — respondi animada. Não importava a chuva que caía ou o vento frio que arrepiava a minha pele. Eu só queria estar ao lado do Heitor, ele iria me aquecer quando estivéssemos juntos.

O esforço da cerimonialista e sua assistente para que meu vestido não fosse molhado era praticamente inútil, pois a chuva aumentou torrencialmente e gotas pesadas e grossas caíam com força sobre o guarda-chuva respingando água por todos os lados. A cauda e o véu são as partes que elas mais dedicaram cuidado, para evitar que fossem arrastados pela lama no chão. Quando finalmente cheguei a entrada da igreja, estava parcialmente molhada.

O maquiador, contratado pelo Heitor, se aproximou com lenços para enxugar meu rosto enquanto um spray é aplicado em meus cabelos.

— Por sorte não borrou a maquiagem — comentou, embora insistisse em fazer pequenos retoques. — Vamos colocar uma cor nessa boca noivinha, a maquiagem está *clean* como pede o dia. Mas um batom vermelho dará um *tchan* nessa sua pele de pêssego.

— Não! — levei a mão até o batom — meu noivo não gosta de vermelho...

— Não é um vermelho qualquer, é um *maçã do amor*. A rainha da Áustria usou essa cor no seu enlace.

— Desculpa, a cor é linda. Mas eu prefiro um nude.

— Tá, sem o vermelho — revirou os olhos — Mas terá uma cor sim! — ele aplica um batom rosado e me estende um espelho para conferir. Gosto do que vejo porque sei que Heitor também gostará.

Ao som da marcha nupcial, executada por trompetes, adentro a igreja. A cerimônia é íntima, apenas alguns familiares meus — meus pais, meus tios e minha prima — e amigos do Heitor. A ausência da sua família é justificável, são todos do Nordeste, no Rio a pessoa mais próxima dele é uma mãe adoentada no interior.

Confesso que pouco importava quem estava ali presente. Eu só tinha olhos para meu amado Heitor, que me esperava radiante no altar, os olhos incrivelmente azuis eram faróis me guiando até ele. Meus pés se moviam apressadamente ao seu encontro, a vontade era ignorar as regras de etiqueta e correr pelo tapete vermelho até me jogar em seus braços. Mas eu me contenho e, passo a passo, sigo rumo ao capítulo mas lindo da minha vida.

Quando meu pai me entregou ao Heitor, nossas mãos se tocaram pela primeira vez naquele dia, fazendo meu corpo reagir como sempre acontecia quando ele me tocava. Uma onda de excitação percorreu todo o meu corpo. Ele beijou meu rosto com carinho e moveu os lábios para dizer "Te amo".

Durante a cerimônia não contive as lágrimas, Heitor também estava com os olhos marejados quando trocamos a aliança e prometemos, perante os olhos de Deus, amarmos e nos respeitamos na saúde e na doença, na alegria e na tristeza, até que a morte nos separe.

— Amélia toma seu esposo — o padre guiou a minha mão esquerda ao peito de Heitor. — Heitor toma a sua esposa — repetiu o mesmo gesto. — Não esqueçam queridos filhos e filhas: o que Deus uniu, o homem não separa!

Os presentes na igreja romperam em aplausos quando o “eu vos declaro marido e mulher” foi dito pelo padre e Heitor tomou meus lábios em um beijo doce.

E ali iniciava uma nova etapa da minha vida, repleta de amor.

Sete

— Feliz bodas de plumas, marido! — despertei Heitor com beijinhos.

— Humm... Que delícia ser acordado dessa forma— respondeu manhoso enquanto eu distribuía beijos pelo seu rosto.

— Até parece que eu não te acordo assim sempre...

— Acorda! Mas hoje, deveria ser a minha vez de te acordar assim — moveu nossos corpos e agora era ele que estava por cima — Feliz bodas! — beijou meu colo, meu pescoço até chegar a minha boca. — Minha mulher, minha! Ainda nem acredito — falou segurando meu rosto entre as mãos.

— Bobo, já faz seis meses — sorri.

— Comprei um presente para você — disse levantando da cama e indo em direção ao guarda-roupa.

— Amor, não te comprei nada — assumi envergonhada.

— Meu maior presente é você! — Sorriu em minha direção e derreti por dentro.

Será que um dia esse homem não me afetaria tanto?

— Abre! Quero ver se gostou.

Abri com cuidado a caixa preta com uma grande fita vermelha, dentro dela havia um notebook e um smartphone de última geração. Eram os mais modernos produtos. Observei aqueles produtos ali dentro em silêncio.

— E aí diz alguma coisa!

— Eu AMEI! — respondi me jogando em seus braços — simplesmente amei. Mas, ainda acho que não precisava.

— O seu notebook era da época das cavernas, amor. Veja o celular, já tem todos os contatos nele, incluí você como minha dependente na conta, agora você vai poder ligar para seus pais todos os dias.

— Obrigada!

— Esse é o agradecimento que mereço? Um simples “obrigada”?

— Esperava algo mais? — ergui a sobrancelha sugestivamente.

— Muito mais, algo envolvendo sua boca... — Se aproximou ainda mais para me beijar, mas o toque insistente do seu celular o fez parar no meio do caminho.

— Bom dia! — atendeu contrariado — O quê? A secretária deveria ter encaminhado ontem o arquivo... Ok, isso não vai mais acontecer. — Desligou o telefone e bufou irritado.

— O que houve? Algum problema no trabalho?

— A imbecil da secretária não tirou as cópias das plantas para enviar para os acionistas. — gritou já dentro do banheiro. Pelo visto esse seria mais um dos dias que ele sairia correndo para trabalhar.

— Ela deve ter esquecido...

— Ela é burra, isso sim! O trabalho dela se resume a atender telefones e executar funções simples, mas até nisso a idiota falha! Imagina se tivesse que planejar um prédio? Por isso nenhuma mulher ocupa um cargo de importância no escritório dos Duartes. — Disse, saindo do banho molhando todo o chão, eu o seguia com o pano secando seu rastro.

— Vamos almoçar juntos?

— Acredito que não! O erro daquela imbecil alterou o horário da minha reunião. Mas, sairemos para jantar! — fechou as abotoaduras da camisa cinza e arrumou mais uma vez o cabelo. Estava impecável para quem se arrumou em menos de cinco minutos. Depois andou até onde eu estava e disse:

— O número da empresa de táxi está na agenda do celular novo, chame-os para te pegar e levar na faculdade.

— Não preci... — Fui silenciada por sua boca tomando a minha num beijo que incendiou todo o meu corpo, minhas mãos foram em direção aos seus cabelos, mas ele as segurou e me soltou sorrindo.

— A noite, amor. A noite deixo você bagunçá-los.



Finalmente a noite chegou. Escolhi um dos vestidos que ganhei do Heitor: um vestido preto de renda na altura do joelho e com mangas que vão até os pulsos, calcei saltos da mesma cor e passei um batom nude na boca. Dei uma ótima olhada no espelho e gostei do que vi, pois sabia que agradaria o Heitor: meu cabelo estava totalmente liso e minha maquiagem era discreta. Tudo como ele gostava. Caminhei até a sala de estar e sentei no sofá com cuidado para não amassar o vestido, agora era só esperar a sua chegada.

Sessenta minutos se passaram do horário combinado e nenhum sinal do Heitor, devia ter

ficado preso no trânsito, repetia para mim mesma enquanto observava a rua lá fora por meio da janela do nosso apartamento. Voltei para o sofá e zapeei os canais em busca de algo que me distraísse enquanto aguardava a sua chegada.

Acabei adormecendo ali mesmo no sofá, acordei com o desconforto da minha posição. Busquei o celular e notei que já passava das dez da noite, mas não havia nenhum sinal do Heitor. Seu celular só dava caixa postal e nenhuma mensagem minha havia sido respondida, muito menos visualizada. Comecei a ficar preocupada, ele não era de sumir assim. Levantei para ir em busca do seu cartão de visita, no criado mudo, nele devia ter o contato da construtora Duarte, mas fui interrompida no meio do trajeto por sua chegada.

Seus passos estavam trôpegos, seu cabelo bagunçado e estava sem o paletó com o qual saiu hoje pela manhã. Deixou a pasta cair quando tentou colocar sobre a cadeira e abriu os braços em minha direção:

— Não vai me dar os parabéns? — me abraçou e senti cheiro de álcool. Devia ter bebido além da conta.

— Eu estava preocupada com você.

— Psiu! — fui silenciada por ele, que levou o indicador até os meus lábios — Eu mereço parabéns! Seja uma boa menina e me deseje parabéns! — Segurou meu queixo.

— Parabéns! — falei por fim.

— Que parabéns fraco, vamos Amélia! Quero animação.

— Se ao menos eu soubesse o motivo dos parabéns — ele apertou com força meu queixo — parabéns amor, você é merecedor de tudo de bom que acontece em sua vida — digo de forma eufórica.

— Agora sim — soltou meu queixo após me beijar — Fui promovido a coordenador da área de execução, sabe o que isso significa? Que vou ocupar uma sala foda e que vou ter no mínimo dois dígitos a mais na minha conta bancária.

Ouvi em silêncio Heitor falar animado sobre a sua promoção, eu também estava feliz por ele, mas e o nosso jantar comemorativo de bodas? Havia sido completamente esquecido.

— Que foi que está com cara de quem comeu e não gostou?

— Eu me arrumei e fiquei até agora te esperando para jantar... — Respondi calculando cada palavra dita.

— Podemos comemorar aqui, você pode ser o prato principal — me puxou até ele, e percorreu meu colo com a boca.

— Heitor... — gemi quando o vestido foi aberto e suas mãos tocaram a minha pele.

— Amo quando chama meu nome sedenta de desejo — o vestido caiu sobre os meus pés

e ele logo tratou de encontrar o fecho do sutiã.

— Amor, eu não estou no clima hoje — disse ao mesmo tempo em que suas mãos apertaram meus seios, eles estavam doloridos, eu iria menstruar em breve.

— Você entrará no clima, logo. — Abocanhou meu seio com uma força que soltei um gemido de dor.

— Meus seios estão sensíveis, para! — pedi e ele não me ouviu pois repetiu o mesmo gesto no outro seio. Eu estava incomodada com o toque dele, eu realmente não estava no clima para sexo, queria apenas estar na cama descansando.

— Casei com uma boneca de porcelana? — reclamou quando protestei mais uma vez.

— Eu estou dolorida, amor. Amanhã devo amanhecer melhor.

— Deveria ter ficado no bar, chego em casa e te encontro toda frígida. Essa não é a comemoração que eu esperava — saiu pisando duro em direção ao quarto.

— Desculpa amor, mas depois que comecei com o anticoncepcional eu sempre fico assim próximo a menstruar.

— E eu tenho que lidar com isso? — retirou a calça e a camisa e deixou ali jogada no chão, seguiu para o banheiro apenas de cueca — Tive um dia estressante hoje e queria chegar em casa e encontrar minha esposa.

— Desculpa mais uma vez! — Entrei no banheiro ao seu encontro.

— Tá, agora sai! Quero tomar banho sozinho, preciso aliviar a minha tensão aqui! — apontou para sua ereção.

— Desculpa... — pedi mais uma vez.

— Fecha porta quando passar!

Vesti uma camisola e o aguardei na nossa cama, ele demorou no banho tempo o suficiente para eu achar que ele dormiria ali dentro. Quando saiu, deitou na cama ao meu lado, usando uma cueca preta e virou para o lado contrário ao meu. Estava com raiva e com razão, eu não deveria ter recusado ele da forma que fiz.

Me aproximei dele e beijei suas costas nuas, subi para o pescoço...

— Não começa o que não pretende continuar...

— Quero tudo com você. Tudo! — Toquei seu pênis que já dava sinal de vida. Em poucos segundos, Heitor já estava sobre mim, me preenchendo com seu membro.

Dessa vez o sexo foi rápido e intenso, estocadas rápidas e profundas que o levaram facilmente ao gozo, eu não atingi o clímax, mas não importava. O sorriso na boca dele após termos nos amado, era o maior orgasmo que eu poderia alcançar.

— Essa é Amélia que conheço, a que quer cada gota minha. — Disse antes de virar para

o lado e cair no sono poucos minutos depois.

Já eu, levantei para buscar um comprimido no banheiro, minha cabeça latejava e meus seios doíam.

Oito

Convivendo com o Heitor vinte e quatro horas por dia, fui descobrindo um pouco mais sobre o homem com quem me casei. Sua personalidade sedutora e encantadora, por vezes intercalava com uma personalidade forte e controladora, às vezes até rude. Era como se existisse dois Heitor dentro de um. O marido apaixonado e companheiro e o marido possessivo e individualista.

Nesse momento, estou com o homem apaixonado e dedicado que me acorda com café da manhã na cama e flores.

— Bom dia, dorminhoca!

— Bom dia! — me espreguicei — Quero dormir mais! — Arrancou o cobertor que me cobria.

— Preparei um café da manhã delicioso, levanta! — me puxou pelos pés.

— Queijo minas e achocolatado? — falei surpresa quando vejo que na bandeja tem tudo que eu mais amo comer.

— Não esqueça do doce de leite em compota! — revelou o potinho embaixo de um guardanapo.

Pulei em seu pescoço o beijando diversas vezes no rosto.

— O que eu fiz para merecer esse café da manhã? — Perguntei já comendo um pedaço do queijo.

Divino!

— Você merece tudo isso e muito mais!

— Vai tirar o dia de folga também? — Perguntei animada. Depois que assumiu a nova função de coordenador, ele estava mais ausente, não me buscava mais na faculdade todos os dias.

— Infelizmente não, pequena! — lamentou — Assumimos um projeto grande, já estou atrasado para trabalhar. — Beijou o topo da minha cabeça.

— Nem vamos tomar café juntos? — choraminguei.

— Não dá. Estou até atrasado, perdi muito tempo preparando seu café. Bom dia, amor! — Se despediu com um selinho e saiu do quarto antes que pudesse ouvir minha resposta.

— Bom dia... — respondi para as paredes do quarto.

Tomei meu café da manhã sozinha, como vinha acontecendo nas últimas semanas, enquanto assistia a um programa de culinária.



Eu e o resto da turma tentávamos nos manter acordados durante a aula de Comportamento e Cultural Organizacional, o professor passava os cento e vinte minutos da sua aula lendo todo o conteúdo exposto no slide, até para mim que sou uma boa aluna era difícil se manter interessada na aula monótona.

— Amélia, acordada? — Geane que estava sentada atrás de mim perguntou.

— De olhos abertos! — respondi baixinho.

— Depois dessa aula maravilhosa — ironizou — precisamos ver o seminário de Gestão Empresarial, ainda...

— Certo.

O professor continua a aula com sua voz monótona até o minuto final, quando esse finalmente chega todos levantam rapidamente em busca da fuga. Corro para o banheiro acompanhada da Geane e Ana.

— Que porre de aula foi essa? — Ana reclamou.

— Eu confesso que cochilei boa parte do tempo — Geane completou.

— Não entendo para que o cara prende a gente numa aula por quase duas horas para ler um slide, a gente poderia fazer isso em casa. — Ana continuou reclamando enquanto andávamos nos corredores da universidade.

— E ainda precisamos ver o seminário de gestão! — lamentei.

— Eu tô fora!

— Nada disso, Aninha! Precisamos ver isso, é raro todas estarmos juntas depois da aula e a Amélia já aceitou ficar.

— Que milagre é esse? O gato do seu marido não vem te buscar hoje? — Ana parou de andar fazendo algumas pessoas chocarem contra nós.

— Heitor está trabalhando e além do mais esse trabalho não andou apenas com troca de e-mails, por isso aceitei ficar até depois da aula.

— Mais um motivo para resolver esse trabalho hoje! — Geane completou.

— Ei, o caminho da biblioteca é do outro lado — falei quando notei que estávamos indo em direção contrária.

- Não vamos ficar presas dentro de uma cabine, *pelamor!*
- Mas e o trabalho, Ana?
- Faremos numa lanchonete, ou ninguém mais está com fome?

Meu estômago roncou em resposta, não havia comido nada durante a tarde, por isso acabei concordando. Fomos no carro da Ana, no caminho tentei ligar diversas vezes para o Heitor, mas só dava caixa postal, por isso enviei a mensagem.

Eu: Amor, tentei te ligar diversas vezes... Estou com a Geane e Ana indo para uma lanchonete finalizar o seminário de sexta. Ah! Tem comida pronta na geladeira, só esquentar ;) Te amo.

— Chegamos meninas! — falou estacionando o carro em frente a fachada de uma hamburgueria.

— Amo o hambúrguer desse lugar! — Geane desceu do carro animada.

Eu era a única que nunca havia estado ali, o local era moderno e fugia das hamburguerias comuns, era uma espécie de *pub* com sofás de couro e mesas de metal, a decoração era vibrante e moderna, painéis coloridos presos a parede completavam a decoração descolada. Uma porta de vidro fumê dividia o ambiente em dois e foi para esse novo ambiente que fui levada por minhas amigas.

A porta fumê escondia um bar, algumas mesas ao fundo e na frente dois rapazes cantavam sertanejo universitário, uma pequena aglomeração de mulheres em frente ao palco.

— Como vamos conseguir falar do trabalho aqui? — falei alto para ser ouvida quando sentamos numa das mesas mais afastadas do palco.

— Relaxa Amélia! — Ana logo acenou para o garçom.

— A gente precisa mesmo se divertir depois daquela aula, Amélia. — Geane completou animada.

— Tá, mas assim que acabarmos de comer, vamos para um lugar mais calmo para resolver logo o trabalho.

As meninas bateram palmas com a minha concordância e fizemos nossos pedidos: hambúrguer com fritas e refrigerante para mim e para elas cerveja artesanal, especialidade da casa.

O clima estava divertido, ríamos da histeria das mulheres para a dupla de cantores e falávamos sobre bobagens. Em determinado momento Ana, a mais empolgada, logo começou a se mexer ao som da música, e é retirada para dançar por um homem mais velho e loiro. Eu e Geane permanecemos ali conversando sobre o trabalho, dois amigos se aproximam de nós, mas negamos

o convite para dançar, um deles é o cara pelo qual ela tem uma quedinha e notei que sua recusa foi para não me deixar sozinha ali, por isso insisti:

— Amiga, vai!

— Mas vai ficar aqui sozinha?

— Eu tô bem, vai logo!

— Te amo! — soltou beijinhos em minha direção e aceitou a mão estendida do homem que a esperava animado. Observei eles conversando enquanto dançava e torci para que eles ficassem, formavam um lindo casal.

Voltei meu olhar para o note e retomei a correção do artigo que estávamos trabalhando, a conclusão estava vaga, era preciso melhorar esse trecho. Grifo a parte e dou *enter* para tentar melhorar o desfecho.

— Então essa era a lanchonete que viria estudar? — Reconheci o dono daquela voz mesmo em meio a todo o barulho ao redor.

— Heitor, como me achou aqui? — indago surpresa, não havia mandado o endereço.

— Você não respondeu à minha pergunta — sua voz está séria, assim como seu semblante de pé ali na minha frente. Me sinto ainda menor, por isso decido puxar a cadeira para que se sente ao meu lado.

— Guarda suas coisas e vamos agora!

— Senta um pouco aqui — aponte para a cadeira vazia ao meu lado — vamos esperar as meninas voltarem.

— Agora, Amélia! — ordenou e chamou atenção das pessoas sentadas na mesa ao lado. Envergonhada, baixei a cabeça e empurrei todas as minhas coisas para dentro da bolsa. Levantei e pedi calmamente:

— Preciso apenas ir até a Geane — aponte para minha amiga que dançava com o rapaz, sem notar o que acontecia ao seu redor — para dizer que estou indo.

— Não, não precisa! — agarrou o meu braço com força, impedindo que eu continue a caminhar.

— Você está me machucando! — meu braço foi pressionado com mais força.

— Eu não trabalho o dia todo para te dar uma vida boa para que fique nos bares — ele começou a me arrastar para fora da boate.

— O que está acontecendo aqui? — Geane se aproximou, gritando — Solta ela!

— Não se mete no que não é da sua conta! — Heitor respondeu de forma rude.

— É da minha conta sim! Quem você pensa que é para tratar uma mulher dessa forma?

— O marido dela! — Heitor rosnou e deu um passo em sua direção.

— Foda-se se é marido dela! — Geane gritou — Você não vai maltratar uma mulher na minha frente...

— O que você pretende fazer? — Heitor indagou.

— Eu nada, mas a polícia sim!

— Polícia? Você nunca ouviu que em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher? — Heitor debochou.

— Em que tempo você parou? Os anos são outros e você não pode sair por aí arrastando uma mulher! — Geane completou.

— Da minha relação com a minha mulher, cuido eu! — Heitor deu de ombros.

— Você é doente! — Geane vociferou. As pessoas ao nosso redor já cochicham sobre o bate-boca dos dois e vi alguém levantar o celular para filmar. Um vídeo fora do contexto certamente pintaria Heitor como um monstro. O que ele não era. Ele era doce e romântico, na maior parte do tempo.

— Geane, nós já estamos de saída... — informei tocando a mão de Heitor. Queria fugir dali antes que as coisas saíssem do controle. Mas, minha amiga não move o pé de onde está, impedindo que eu e Heitor possamos sair daí.

— Tem certeza, Amélia? — perguntou me encarando e ignorando a risada que escapava dos lábios do Heitor.

— Acha que estou levando minha mulher a força para casa?

— Acho! Por isso estou perguntando diretamente para ela.

— Faz favor, garota... — forçou a passagem e trombou em Geane que nos seguia de perto.

— Amélia, você não precisa ir com ele. — Ouvei a sua voz atrás.

A essa altura todos os olhares estavam ávidos acompanhando a cena, meu braço continuou sendo firmemente pressionando pela mão forte de Heitor, as lágrimas ameaçavam escapar e lutei contra elas, para evitar que o vexame se tornasse completo. Heitor só me soltou quando chegamos ao carro, Geane aproximou-se pouco tempo depois.

— Diz à porra da sua amiga que você quer ir comigo de uma vez por todas! — gritou e eu me encolhi no banco do carona.

— Geane, está tudo bem — minha voz saiu entrecortada — Amanhã a gente conversa. — Ela tocou as minhas mãos e olhou diretamente dentro dos meus olhos — Eu liguei para ele vir me pegar, estou com dor de cabeça! — menti.

— Qualquer coisa, pode me ligar!

— Não haverá qualquer coisa. Ela está muito bem com o marido dela — Heitor disse numa

voz fria, antes de girar a chave, colocar o carro em movimento e nos fazer sair em disparada da Hamburgueria.

Eu nunca mais voltaria naquele lugar.

— Nunca mais volte a esse lugar sem mim! — exigiu e eu assenti com a cabeça.

Agora, dentro do carro não consigo mais conter ás lágrimas, estou tremendo diante de toda aquela situação. Heitor cortava o trânsito de forma perigosa, buzinando freneticamente e avançando sinais vermelhos. O que me assustava ainda mais. Permaneci em silêncio para não piorar a situação.

— Como você sabia que eu estava ali? — perguntei assim que entramos no nosso apartamento.

— Quer desviar o assunto agora? — me fuzilou com o olhar — Eu é que tenho inúmeras perguntas a te fazer — Se serviu de Whisky puro e acionou o *Home Theater*. Kenny G. soou alto pelas caixas de som. Meus nervos estavam à flor da pele e a canção não me acalmava, pelo contrário, os acordes instrumentais altíssimos me deixavam zozna. Segui para o banheiro, um banho quente ajudaria a me tranquilizar.

— Onde pensa que vai? — indagou quando passei por ele que já estava relaxado no sofá, bebericando sua bebida.

— Preciso de um banho.

— Não. Você precisa conversar!

— Depois do banho! — caminhei rápido em direção ao quarto, mas ele me alcançou.

— Não vai me dizer nada, Amélia? — Tentou segurar meu braço mais uma vez, mas consegui me soltar. Ele voltou a atenção para meu braço que estava vermelho com a marca dos seus dedos e, em seguida, atirou o copo da sua mão contra a parede, furioso.

— Eu não queria te machucar, amor... — começou a soluçar, um choro alto e cortante — Você não deveria ter ido... — As últimas palavras foram indecifráveis, ele chorava feito criança e me abraçou com força — Me perdoa Amélia, me perdoa? — disse entre soluços.

— Perdoo! — respondi enquanto era abraçada com muita força.

— Você sabe que eu seria incapaz de te machucar, não sabe? — segurou meu rosto com as mãos e vi ali um Heitor devastado. Um homem assustado com medo de perder o amor da sua vida. — Eu te amo tanto, que chega a doer.

Havia verdade em seu olhar e junto-me ao seu choro.

— Claro que sei. Sinto muito, não deveria ter ido... Eu sei que tudo que você fez foi para o meu próprio bem.

Nove

Pela primeira vez na minha vida presenciei um homem chorando feito bebê. Aquele homem, que soluçava abraçado ao meu corpo, assemelhava-se a um menino indefeso e inseguro, destoando por completo da figura do Heitor: um homem seguro de si. Ver toda a sua fragilidade assim exposta, me fez querer aninhá-lo no colo e mantê-lo sobre meu cuidado, para sempre. Afastei nossos corpos, apenas o suficiente para que pudéssemos ir até a cama. Sentei recostada na cabeceira e Heitor se aconchegou no meu colo, fiz cafuné nos seus cabelos e senti que ele começava a relaxar com meu toque.

— Amélia, eu te amo tanto... Que seria capaz de tudo para não te perder... — os olhos azuis fitam os meus, vi aflição e desespero neles, mas também vi amor, o mesmo amor que sentia crescer cada dia mais dentro de mim.

— Eu sempre estarei aqui! — respondi sem desviar o olhar e é a mais pura verdade. Eu estaria ali: na alegria e na tristeza, na saúde e na doença... Recordo das palavras do padre na celebração do nosso casamento.

— Promete que nunca vai me abandonar? — Levantou para ficar frente a frente a mim. Suas mãos seguram as minhas, mãos quentes e firmes que com um simples toque afloram meus sentimentos.

— Fiz essa promessa perante Deus e não pretendo descumpri-la — beijei o dorso da sua mão, bem no local da aliança.

— Promete para mim, agora! Diz que é minha, somente minha! — segurou meu rosto com as mãos e tomou meus lábios com ardor, sua língua logo explorou minha boca e saboreamos um ao outro ali, desesperadamente. Minhas mãos voam para seus cabelos para trazê-lo para ainda mais perto, uma onda de excitação percorre meu corpo enquanto suas mãos tocam meus seios.

— Minha! — rasgou a minha blusa de tecido com um único puxão e liberou meus seios do sutiã rapidamente — A quem você pertence, Amélia? — indagou antes de morder o bico duro do meu seio.

— Eu sou sua! — minha voz sai sussurrada, pois a sensação inebriante se repete no outro seio.

Meus seios pequenos são envoltos por suas mãos macias e firmes, ele parece admirá-los como um bebê faminto e logo faz o que seus olhos pedem e meu corpo almeja: abocanha um deles. Em uma sucção ritmada e pulsante, envia uma corrente elétrica para todo o meu corpo,

arquejo quando o outro seio recebe sua atenção, o roçar dos seus dedos no bico excitado.

— Diz que é minha, Amélia. Somente minha. — Pediu numa voz rouca.

Repeti, entre gemidos, a sua fala. No instante seguinte, o corpo de Heitor estava sobre o meu, ele livrou-se rapidamente das suas roupas e antes que eu pudesse tirar a minha calcinha, ele já está arrancando-a de mim, jogando longe a peça.

Meu corpo foi preenchido pelo seu de supetão, não tenho tempo para acomodar seu membro quando ele começa a mover-se com estocadas rápidas e intensas. Suas mãos apertam minha bunda enquanto suas investidas aumentam. Procuro sua boca para um beijo, mas não encontro, pois ela suga meu seio enquanto sou penetrada com urgência. Uma urgência de corpos sedentos de prazer e entrega. Heitor chega ao ápice dizendo que eu era dele e instantes depois, estou completamente entregue ao prazer confirmando cada uma das suas palavras.

Aninhados um ao outro, respiramos ofegantes enquanto nossos batimentos cardíacos vão voltando ao normal, nossos corpos suados e entrelaçados são reflexos do amor que acabamos de fazer.

— Sempre soube que a melhor reconciliação era o sexo. Precisamos brigar mais vezes para repetirmos a dose. — Ele disse, brincando com meus cabelos.

— Nada disso. Não gosto quando brigamos — Respondi tocando seu peito.

— Nem eu, amor. — beijou meus lábios de forma tenra — Faço tudo pensando no seu bem, cada pensamento meu é para seu cuidado.

— Eu sei disso — ele me silenciou levando um dedo aos meus lábios.

— Você é ingênua Amélia, sei que a ideia de ir até aquele bar não foi sua ou foi?

— Não! — confesso — a Ana quem me levou até lá.

— Mesmo sabendo que ali era um bar e que haveriam outros homens lá para importuna-la. Você não assiste os noticiários? Não vê o que acontece com mulheres desacompanhadas? — sua voz se alterou — Viram vítimas! Estatísticas. É isso que você quer?

— Não — neguei com a cabeça — Geane conhecia o local, não vi mal algum ali. Por isso eu fui — justifiquei.

— É disso que eu falo, amor. Você é ingênua demais para ver a maldade do mundo. Acha mesmo que a Geane e a Ana são capazes de protegê-la se algo viesse a acontecer? Elas estavam se divertindo enquanto você estava ali naquela mesa afastada. Como você acha que eu me sentiria se alguma coisa acontecesse a você?

Fiquei em silêncio. Sem nada ter me acontecido ele já ficou devastado, imagina se algo de mau acontecesse comigo? Sei que minhas amigas não viram maldade em me levar até ali, mas Heitor tinha razão. Ele sabia o que era melhor para mim, como me proteger.

— Entende agora o porquê da minha reação? — assinto e ele continua — por isso, antes de ir para qualquer lugar me informa antes.

— Eu tentei te ligar.

— Continue tentando, até eu atender. Você é nova aqui, eu conheço o Rio, você pode acabar numa furada por seguir suas amigas.

— Desculpa, amor. Não queria ter te preocupado tanto — me desculpo.

— Agora está tudo bem. — Beijou o topo da minha cabeça, antes de levantar da cama pondo fim ao contato dos nossos corpos — preciso de um banho.

— Eu vou junto — avisei animada.

— Nada disso — sorriu — Estou exausto e quero relaxar no jato quente e depois, cama!

— Eu posso te ajudar a relaxar — abri o boxe espalhando o vapor por todo banheiro.

— Já me ajudou — sorriu — Agora fecha o boxe e pega uma toalha limpa para mim.

Heitor Fechou os olhos enquanto a água percorria cada extensão do seu corpo definido, fazendo-me ter inveja dela.



Os raios, ocasionados pelo forte temporal, eram a única luz no quarto escuro. Os estrondos e o barulho da chuva forte juntavam-se ao sono profundo do Heitor e propagavam uma cacofonia de sons que não me ajudavam a voltar a dormir.

Lá fora a chuva forte que surgira em meio a uma noite de calmaria, caía de forma devastadora e unia-se a ela os estrondos dos trovões, em uma representação perfeita do que fora meu dia anterior. Um dia que amanheceu com uma deliciosa surpresa, chegara ao fim de forma desastrosa, como um temporal de verão — que surgia do nada e nos pegava desprevenido, tornando um tempo ensolarado em tempo fechado em questão de minutos. Mas, tal qual a canção *Mais uma vez* do Legião Urbana, diz é claro que o sol voltaria no dia seguinte, trazendo toda a sua energia e calmaria. E Heitor e eu estaríamos ali juntos, sorrindo de tudo que acontecera e vivendo dia um dia após o outro nos amando e sendo felizes.

Mas é claro que o sol vai voltar amanhã

Mais uma vez, eu sei.

Escuridão já vi pior, de endoidecer gente sã



No dia seguinte, na faculdade, eu evitei a todo custo ficar a sós com a Geane. Nas suas mensagens ao longo da manhã, que eu ignorara, ficava claro que ela queria conversar sobre a noite anterior, trazer à tona o que eu queria esquecer. Entre uma aula e outra foi fácil evitar a conversa, assim que a última aula terminou fui a primeira a sair da sala, eu havia escapado pelo menos por hoje.

— Fugindo de nós, Amélia? — a voz irreconhecível de Ana fez eu levantar a cabeça e ver ela e Geane paradas a minha frente.

— Claro que não! — menti.

— Humm... — Geane pareceu avaliar se o que eu falava era verdade — Mas pelo visto está esperando alguém vir te buscar já que está aqui na porta da faculdade.

— Sim, estou aguardando o Heitor.

— Ótimo, assim temos um tempinho para conversar.

— Meninas, o papo tá bom, mas meu gato acabou de chegar — Ana acenou para a moto que parou do outro lado da rua — beijos.

— Geane sobre ontem... — Comecei a falar.

— Amélia eu presenciei tudo que aconteceu ontem à noite, ninguém me contou... E o que eu vi me deixou muito assustada.

— Eu peço desculpas. O que aconteceu foi que o Heitor não reagiu muito bem — ela me interrompeu e completou.

— Não reagiu bem? Ele estava transtornado, a forma como segurou seu braço... Deus do céu, Amélia! Eu temi por você! — ela gesticulava enquanto falava.

— O Heitor é incapaz de me fazer mal — defendi meu marido — tudo que ele faz é para o meu bem.

— Te arrastar pelo braço de um local público? Isso é para o seu bem? — ironizou.

— Ele já me pediu desculpas. Agiu de cabeça quente...

— E vai continuar agindo Amélia...

— Ele não é assim!

— Não? Eu encontrei o Heitor apenas duas vezes e nessas duas vezes ele agiu como se fosse o seu dono. Como se fosse o proprietário do seu corpo. Isso não é amor...

— Você não sabe do que está falando! — rebati ofendida por que ela questionar o nosso amor.

— Não? — arqueou a sobrancelha — Amélia, você já ouviu falar de relacionamento abusivo?

— Eu não sou tão ingênua quanto você pensa... Eu sei que tem homens que batem em suas companheiras, mas o meu marido não é esse tipo de homem!

— Quando falamos de relacionamento abusivo, não estamos falando apenas de agressão física. Gritar com você, impedir que tenha amigos, mandar você trocar de roupa, controlar os seus passos, ler as suas mensagens, te fazer sentir culpada pelos ataques de fúria dele... Tudo isso constitui um relacionamento abusivo, Amélia... Proteção excessiva não é amor, é doença!

— Não me culpe, se você não tem alguém que faça o mesmo por você... — Só depois que as palavras saíram, me dei conta de quanto a atingiu, a boca pronta para rebater ficou entreaberta, como se buscando alguma resposta.

— Eu... — ela voltou a abrir e fechar a boca por alguns segundos como se buscasse palavras — Eu realmente não tenho ninguém agora — sua voz falhou — mas no dia que eu tiver um companheiro eu não permitirei que ele me trate como o Heitor te trata...

— O Heitor não fez nada além de me amar...

— Um amor que te faz se sentir inferior e culpada o tempo todo? — sorriu tristemente — eu dispenso esse tipo de amor.

— Estou atrapalhando alguma coisa? — Heitor indagou pondo os braços ao redor da minha cintura, não o vi se aproximar.

— Não, amor — me aconcheguei no seu peito.

Uma Geane muda e ressentida se afastou em direção contrária sem olhar para trás.

— Vamos? — meu marido indagou, sorrindo.

Assenti e caminhei ao seu lado ouvindo-o falar sobre o seu trabalho, meus pensamentos estavam na minha amiga, eu não queria tê-la ofendido, mas ela também não tinha o direito de atacar o Heitor, não sem conhecê-lo como eu conhecia. Só quando o carro estacionou me dei conta de onde estávamos, em frente a um sofisticado restaurante da Tijuca.

Heitor me levou a mais um dos restaurantes sofisticados que ele era acostumado a frequentar. Menus em outro idioma, *maitre*, inúmeros talhares e copos já eram o suficiente para me apavorar, hoje em especial minha roupa me fez argumentar que deveríamos ir para um lugar mais

simples.

— A gente poderia ir para outro lugar, amor. Eu não sabia que viríamos para cá.

— Qual o problema desse lugar? — ergueu a sobrancelha e continuou — você tem ideia do quanto precisei desembolsar só para conseguir uma reserva em cima da hora? — Indagou contrariado.

— Eu não sabia que viríamos para esse restaurante, não me sinto vestida adequadamente.

Seu olhar vagou pelo meu corpo, num claro sinal de reprovação, eu usava um jeans boca larga e uma camisa de seda listrada, por sorte naquele dia eu havia abandonado a rasteirinha, por um saltinho de cinco centímetros.

— Por que não usou o último vestido que eu comprei?

— Ele não tinha mangas... — Heitor percebeu o real motivo de eu não usá-lo, meus braços estavam com os seus dedos impressos nele, por causa da noite anterior Ele socou o volante com violência. — Eu sei que não fez por mal... — Tratei de assegurar, acariciando seu braço. Ele permaneceu em silêncio por alguns minutos de cabeça baixa, até levantar a cabeça e ligar o carro novamente.

— E o nosso jantar? — perguntei.

— Vamos comprar dezenas de vestidos novos para você! — respondeu os olhos fixos a sua frente — Com mangas, de preferência. Depois voltaremos para comer.

— Mas não precisa... — Seu olhar cortante cruzou com o meu e eu apenas assenti. Ele sempre sabia o que era melhor para mim.

Após provar dezenas de vestidos e calçar inúmeros sapatos, saímos da loja com Heitor carregando várias bolsas de uma grife cara. Agora eu vestia uma peça nova, um vestido godê tom de azul, na altura dos joelhos, com aplicações de pérolas nas mangas, nos pés um *Louboutin*, eu me sentia a própria Cinderela após os encantos da fada madrinha.

— Agora sim, está a minha altura — cruzou o braço no meu quando retornamos ao restaurante. Ele de terno elegante cinza e eu de vestido de princesa. Sorridentes e apaixonados desfrutamos de um jantar saboroso.

Curtimos um ao outro na nossa cama, horas depois e antes de adormecer tive que concordar com a última mensagem que a Geane me enviara.

Geane (faculdade): Feitos um para o outro.

Nisso eu tinha que concordar com ela, tempestade e calmaria, amor e desejo, gritos e silêncios, nós fomos feitos um para o outro.

Dez

A cada dia que Heitor alçava voos maiores no seu emprego, menos tempo ele permanecia ao meu lado. Não é que eu não ficasse feliz em ver ele todo orgulhoso por comandar uma equipe, era apenas porque eu me sentia cada dia mais só. Tomava café, almoçava e às vezes até jantava sozinha, não tinha muito com quem conversar durante o dia. Na faculdade a mesma coisa, Geane e Ana era minhas amigas mais próximas e depois do meu desentendimento com Geane a gente se afastara, eu não era mais bem-vinda nos grupos de trabalho e conversas.

Com a minha família morando em outro estado, restava apenas meus tios e minha prima que morava num bairro distante no Rio, mas depois que eu casei com Heitor nos vimos apenas duas vezes. Por isso, decidi faltar a aula de hoje quando minha prima me ligou se auto convidando para almoçar. Fiquei ainda mais feliz em cozinhar para mais de uma pessoa, fiz uma massa com molho branco e separei na adega um dos vinhos do Heitor para acompanhar o prato.

— Nem acreditei quando disse que vinha— abracei demoradamente minha prima.

— Até parece que sentiu tanto assim a minha falta — correspondeu o abraço na mesma intensidade.

Movida pela curiosidade, Grazi percorreu cada ambiente do apartamento, enquanto eu preparava a mesa para comermos. O apartamento que moramos era amplo, são apenas dois por andar, por isso temos uma sala grande, com direito a varanda, cozinha menor do que eu gostaria, mas ainda sim maior que a dos demais apartamentos, um pequeno escritório e dois quartos, o principal com suíte e um quarto de hóspede. Alguns minutos depois do seu tour solitário ela retornou.

— E aí o que achou do meu lar? — perguntei ansiosa por sua resposta.

— Para falar a verdade, esse apartamento — apontou para o ambiente ao redor — tem cara de solteiro, Amy.

— Como assim?

— A começar pelo papel de parede em tons pastéis e para terminar com essa estante sem um porta retrato de família, amigos... Esse lugar tem a cara do Heitor, prima.

O pior era que ela tinha razão, as minhas tentativas de redecorar o ambiente, deixar um pouco mais com cara de lar, foram rechaçadas pelo Heitor: os porta-retratos com fotos do nosso casamento não puderam ficar na estante (“excesso de informação” nas palavras dele) apenas um foi permitido, o de nós dois; Assim como as toalhas e panos de prato bordados presente da minha

mãe, tiveram que ficar no armário sem uso, por ele achar brega. Por fim, desisti de tentar mudar.

— A comida está pronta — anunciei para pôr fim a essa conversa.

— E pelo cheiro, aposto que está deliciosa! — disse animada.

Fazia tempo que eu não me divertia tanto, seja pelos cálices de vinho que ela me convenceu a tomar ou pelas inúmeras histórias engraçadas que a Grazi contava, eu estava muito feliz ao fim do dia quando adormeci esperando o Heitor chegar.



Uma mão prendeu meus braços acima da minha cabeça, pressionando-os contra o colchão, enquanto outra tocava meu peito. Meus olhos demoram a obedecer ao comando do meu cérebro, mas quando minhas pálpebras se abrem rapidamente vejo um borrão do Heitor sobre mim. Tornei a fechar os olhos e senti uma pressão contra todo o meu corpo, minhas coxas são pressionadas firmemente e com um esforço grande consigo me manter de olhos abertos. Demoro alguns segundos para entender o que está acontecendo e ainda mais para conseguir falar.

— Heitor... — minha voz saiu fraca.

Sua boca vai de encontro ao meu ouvido, ouço apenas sua respiração ofegante, um chupão no meu pescoço me faz chamar pelo seu nome novamente, mas dessa vez irritada, sou calada quando sua língua invade minha boca aberta. Demoro a responder ao beijo e antes que possa me entregar aos seus lábios, ele abandona a minha boca e suga meus seios com força.

— Você. É. Tão. Apertada. — Disse entre gemidos enquanto continua movendo-se com força, entrando e saindo do meu corpo dolorosamente. Um minuto depois, ele cai em cima de mim, ofegante. Tento me mover, mas o peso do seu corpo não permite, no seu tempo ele se move para o outro lado da cama, acompanho seu movimento e vejo o enorme sorriso de satisfação nos seus lábios.

A camisola que eu deitei para dormir, está suspensa até meus quadris, enquanto que a calcinha enrolada nos meus pés. Já fui acordada com o Heitor entre as minhas pernas, mas era isso, eu despertava e fazíamos amor. Dessa vez, eu estava apagada quando ele me tocou e ainda assim ele continuou o que havia começado sozinho. *Talvez, ele tenha tentado me acordar...* Afasto a calcinha com os pés e viro-me em sua direção, para voltar a dormir aconchegada ao seu corpo,

levanto a cabeça para beijá-lo, mas ele impede o contato dos nossos lábios.

— Amanhã acordo cedo! — recebi como resposta enquanto ele vira de costas para mim.

Sinto uma dor atingir meu peito, enquanto fico ali encarando aquele tronco imenso, não consigo evitar que lágrimas molhem meu rosto. Nem um beijo, nenhum carinho, me sinto extremamente mal.

— Heitor — toco seu ombro e nenhuma resposta vem do outro lado, a menos que a respiração profunda de sono seja uma resposta a ser considerada.

Abraçada ao meu próprio corpo adormeço em meio a uma onda conflitante de sentimentos.

Onze

Na manhã seguinte encontrei sobre o balcão da cozinha: torradas, geleia e café seguidos de um bilhete:

Tenha um ótimo dia, amor!

Tento reprimir o sorriso que surge nos meus lábios, ainda estou chateada por ontem à noite, mas não consigo. Sorrio para o bilhete enquanto me sirvo de uma xícara de café. Respondo seu bilhete com uma mensagem no celular.

Eu: Bom dia! Amei o café da manhã. Beijos

A mensagem não é visualizada, ele deve estar em reunião.

Com o celular em mãos, aproveito para parabenizar a minha prima, hoje é aniversário dela, envio uma mensagem com votos de felicidade de Heitor e meu. Ela responde em agradecimento e me informa que irá *bebemorar* a noite numa boate com amigos e que eu e Heitor estamos convidados. É a minha chance de conhecer uma boate! Escrevo outra mensagem para Heitor informando sobre a festa e saio para comprar o presente da Grazi.

Heitor me deu um cartão de crédito ilimitado, mas quase não o uso, por isso não sinto peso na consciência quando entro numa famosa loja de roupas para comprar uma peça para minha prima. Um macacão longo preto com um decote até o umbigo, disposto na vitrine atrai minha atenção, já consigo vislumbrar minha prima nele, informo a numeração a vendedora e em poucos minutos estou saindo com o presente e mais uma peça para mim.

Aproveito que já estou ali e vou até o salão de beleza mais próximo, faço as unhas e cabelo para ficar pronta para a festa de hoje à noite. Só volto para casa no fim da tarde e quando chego para minha surpresa Heitor, já me espera.

— Que surpresa boa! — digo enquanto atravesso a sala para beijá-lo. Ele puxa-me para seu colo e cola nossos lábios num beijo molhado e quente.

— Quer dizer que temos uma festa para ir hoje à noite!? — indaga mais animado que o normal.

— Vamos, né? — busco confirmação nos seus olhos e ele assente sorrindo — Comprei um vestido novo para a noite e para você uma camisa mais casual — estendo uma caixa a sua frente

e espero a sua reação. Calmamente ele retira a camisa, uma camisa polo azul, o tom mais próximo dos seus olhos — E aí gostou? — pergunto ansiosa

— Gostei...— revela algum tempo depois — Só não espere que eu vá para a festa hoje com ela, certo? — Há um certo desdém na sua voz.

— Não é adequada? É da mesma marca de roupas que usa.

— Sou um engenheiro renomado, não vou andar por aí com uma camisa que qualquer babaca com dinheiro pode ter. Vamos usar ela numa ida ao shopping qualquer.

— Eu apenas achei que...

— Eu sei amor, sei que queria me agradar. Mas e a sua roupa? Tenho certeza que essa sim irá me agradar — sorri animado.

Coloco um sorriso no rosto e pego a bolsa com meu novo vestido. Decido criar um suspense e me tranco no banheiro para experimentar a peça para ele, quero o surpreender quando sair dali usando uma peça exclusiva da *Le Mour*. Mesmo que tenha que tirar e tomar banho, logo depois. Vai valer a pena! A minha escolha fora um vestido drapeado no tom lilás claro, de um ombro só, as costas abertas são protegidas apenas por uma tela tom de pele.

Calço os saltos altos que ganhei no nosso último jantar e abro a porta caminhando em sua direção, ele está deitado na cama. Seu olhar percorre cada centímetro do meu corpo, das pernas expostas, aos meus seios marcados pelo vestido, vejo um brilho surgir no seu olhar e isso me faz dar uma voltinha para exibir as costas nuas.

Ele levanta vagarosamente da cama e seu olhar se fixa no meu corpo, a vendedora tinha razão quando disse que ele não conseguiria tirar os olhos de mim vestida desse jeito, isso por que não mostrei as novas lingerie, sorrio com a expectativa do seu toque.

— Eu não consigo deixar de te olhar com esse vestido! — um sorriso imenso surge nos meus lábios quando suas mãos fixam na minha cintura — Você não vai sair com ele! — Afastou-se abruptamente.

— Não gostou? — abraço meu próprio corpo.

— Se eu não gostei? Quem não gostaria de uma mulher embalada para presente? — dispara raivoso — Não vou sair com você envolta num tecido que marca seus peitos e deixa suas costas à mostra — respira fundo e quando volta a erguer o olhar, seus olhos estão agitados, mas dessa vez a excitação deu lugar a fúria — Agora venha aqui — apontou para a cama que havia tornado a sentar — Deixe eu desfrutar dessa embalagem convidativa.

— Não! — permaneço estática e vejo seu peito subir e descer sobre a camisa de tecido por causa da sua respiração acelerada, ele me lançou um olhar recriminatório — Me deixar usar esse vestido na festa da Grazi, amor. — peço carinhosamente.

— Fora de cogitação Amélia, não vou sair com você embalada para presente para os outros homens!

— Eu vou estar ao seu lado, ninguém chegará perto — choramingo.

— Não!

— Então eu vou só! — digo numa coragem que eu nem mesmo conhecia e entro para o banheiro sem esperar uma reação sua. Tomaria banho e conversaríamos, em seguida.

Prendo o cabelo na touca de banho e sigo para o boxe, a água quente irá me ajudar para o embate que virá. O maldito som instrumental, seguido dos graves de um tenor ecoam no ambiente e nem o banho me deixou relaxada o suficiente. Esqueci de pegar uma calcinha limpa, por isso giro a maçaneta para ir pegar... Mas a porta não abre. Tento novamente e nada. Voltei meu olhar para a fechadura e vi que a chave que deveria estar do lado de dentro foi retirada, estava trancada ali dentro.

— Heitor — chamo alto, mas não ouço resposta.

— Heitor, abre essa porta! — chamo mais alto.

— Não tem graça, abre a porta — grito dessa vez. O meu grito foi abafado pelo som da música clássica.

O ar ameaçava faltar nos meus pulmões, estava começando a ficar aflita.

— ABRE!! — Grito e esmurro a porta com força, várias e várias vezes para tentar fazer barulho. Meus pulsos doem com o esforço inútil.

Caio no chão com os punhos cerrados e começo a chorar descontroladamente. Ali jogada no chão do banheiro eu me sentia uma completa idiota. Continuo chamando seu nome entre soluços, mas tudo que ouço do outro lado é o tenor.

— Amor, o que houve? — a porta se abre inesperadamente — levanta vamos chegar atrasados — ele estende a mão para mim. Levanto o olhar em sua direção e vejo um Heitor de cabelos molhados e roupa limpa, pronto para sair.

— Eu não vou a festa alguma! — digo entre lágrimas.

— Como não? — agacha até ficar no mesmo nível que estou — É o aniversário da sua prima.

— Você me trancou aqui! — pela primeira vez gritei com alguém na minha vida.

— Enlouqueceu, Amélia? — seus olhos furiosos me fuzilam — Você entrou nesse banheiro e eu saí para tomar banho no outro quarto, para não iniciarmos uma discussão inútil.

— Mas eu tentei abrir diversas vezes, chamei seu nome outras tantas.

— A porta deve ter emperrado — respondeu calmamente.

— Eu gritei, chamei seu nome.

— Eu não ouvi... Acha mesmo que se eu tivesse ouvido eu não teria vindo ao seu auxílio? Que merda de homem você acha que eu sou? — segura meu queixo forçando o nosso olhar.

O olhar de Heitor era a coisa mais indecifrável do mundo, mas naquele momento eu enxergava verdade em sua voz.

— Eu me assustei! — lágrimas grossas escapam do meu rosto e ele me abraça — Perdão.

— Levanta que temos uma festa para ir — sorri — já escolhi seu vestido da noite! — Depositou um beijo na minha boca.

O vestido escolhido por ele, era preto e possuía mangas longas até o pulso. Uma fila de botões dourados seguia da base coluna até a nuca, a frente não possuía decote. Se não fosse pelo tecido leve e o comprimento, pouco antes do joelho, pareceria que estava vestida para um enterro. Para não discutir e prolongar ainda mais essa noite, concordei com ele quando disse que o vestido, apesar de bem diferente do que eu queria, estava bonito.

Na boate, sua mão segurava a minha enquanto ele me guiava, procurando a minha prima. Não conversamos nada durante o curto trajeto até ali, estava triste e desanimada com tudo o que aconteceu. Mas assim que Grazi nos viu e acenou, eu me senti melhor. Quando ela me envolveu num abraço apertado, senti que a noite havia valido a pena.

— Estou tão feliz por você ter vindo! — falou alto e depois sussurrou ao meu ouvido — Apesar desse *modelito* mortalha. Precisamos sair para fazer compras, juntas! — afastou-se sorrindo. Heitor e ela trocaram um rápido abraço.

— Espero que goste do meu presente. Qualquer coisa você pode trocar... — estendo a caixa em sua direção. Animadamente ela abre a caixa e fica boquiaberta antes de dar pulinhos de felicidade.

— Caralho! E eu achando que você tinha mal gosto para roupa! — encara a peça por alguns segundos.

— Isso significa que gostou?

— Eu amei, Amy! É perfeito! — abraça-me e acena para que alguém se aproxime para pegar o presente.

— Você deveria ter comprado um igual, seu marido não tiraria os olhos de você com um macacão como aquele! — sorriu animadamente.

— Amélia não precisa de uma roupa provocativa para que eu a admire! — Heitor rebate sorrindo.

— Vai dizer que não admira um decote generoso? — Arqueou a sobrancelha sorrindo.

— Admiro, mas admiro ainda mais o sorriso de felicidade no rosto da mulher que amo. — Seus dedos acariciaram a minha mão e eu sorri derretida.

— Vamos aproveitar a noite!? — Grazi voltou-se para mim e me entregou uma taça de champanhe. Quando ela se virou para falar com duas amigas, Heitor me encarou.

— Devagar no álcool, mulher bêbada dando escândalo é o que menos preciso hoje.

A sugestão me pegou de surpresa. Algumas vezes, em casa, ele me induzia a beber. Esse novo hábito eu adquiri por causa dele.

— Você sabe que eu não bebo a esse ponto. Vamos dançar?

— Vamos.

Imediatamente me senti feliz. Sei que meu marido não curte muito música eletrônica e estava se esforçando para me fazer feliz.

Quando chegamos na pista lotada eu já havia terminado a taça de champanhe. Enlacei o pescoço do Heitor e me remexi de maneira provocante. Ele me puxou para perto, suas mãos fortes segurando minha cintura. Dançamos e provocamos um ao outro durante umas três músicas, eu nunca havia me sentido tão sensual em toda a minha vida.

— Amor, estou com sede... — disse ao sentir minha boca seca.

— Vou pegar um refrigerante para você — revirei os olhos e ele saiu rindo da minha reação.

Uma canção da minha adolescência, *Big Girls Don't Cry*, ecoou nas caixas de som e meu corpo se mexeu involuntariamente, enquanto eu cantava no meu inglês mineirinho. Fechei os olhos enquanto curtia a letra e dançava. Senti quando Heitor se aproximou de mim, apenas uma mão tocou de leve a minha cintura. O toque mais leve era uma novidade para mim, Heitor costumava me pegar com mais força.

Abri os olhos e virei-me para dançar colada ao seu corpo e o que encontrei não foram os seus hipnotizantes olhos azuis, mas olhos escuros e desconhecidos. Afasto rapidamente das mãos do estranho, antes que o Heitor nos veja juntos.

Mas, é tarde demais. Pois Heitor já avança furiosamente contra o homem.

— Eu vou te matar!

Doze

Heitor ataca furiosamente aquele desconhecido e ninguém tenta impedi-lo. Pelo contrário, há gritos de incentivo ao redor e algumas pessoas até filmam aquela cena horrorosa, enquanto eu era abraçada pela Grazi. Ela me puxou para um lado mais afastado quando viu que eu fiquei sem reação quando a briga começou.

O homem não reagia, mas o Heitor não parava e continuava a atacá-lo com socos. O urro de dor do homem me atinge por completo, ele cai no chão e meu marido passa agora a chutá-lo cego de ódio. Preciso impedir que ele continue a bater naquele homem ou o pior irá acontecer. Solto-me dos braços da minha prima, e caminho rápido para o centro da briga, ela grita pelo meu nome, mas não olho para trás. Heitor precisa de mim.

— Amor, para com isso! — peço chorando e atraio a atenção dele por alguns segundos, seus olhos azuis pairam sobre mim, mas não vejo meu doce Heitor ali, vejo um homem frio. Depois sou completamente ignorada, a fúria do Heitor é maior que qualquer coisa, lá estava ele novamente atacando aquele homem que já nem se movia.

— Amy, vem querida — minha prima me segura pela cintura para me afastar.

Debato-me dos seus braços e consigo me soltar, caminho até os dois homens que se agridem feito dois bichos ferozes. Não sei precisar quem ou como isso aconteceu, mas em um segundo estou segurando o braço do Heitor, pare que ele interrompa a briga, e no outro sou atingida por uma pancada forte no meu rosto, que faz meu corpo cambalear e despencar no chão com um forte baque. Sinto um gosto estranho na minha boca e a toco. Sangue. É o líquido que aparece nas minhas mãos.

Tento levantar, mas meu corpo fraqueja, permaneço encolhida naquele canto da boate. Em câmera lenta vejo Heitor e Grazi se aproximando de onde estou, a última coisa que escuto é a sirene da polícia no ambiente.

Devo ter desmaiado, pois quando acordo estou dentro de uma ambulância com a minha prima segurando minha mão e uma enfermeira na minha frente medindo minha pressão. Chamo pelo nome do Heitor e tento levantar rapidamente, mas sou impedida pela enfermeira.

— Amy, fica tranquila. — Grazi tenta me acalmar, mas sei que algo está errado, Heitor era quem deveria estar ali ao meu lado se algo realmente estivesse bem.

— O Heitor... Eu preciso dele... — pronuncio as palavras com dificuldade, uma dor fina atinge meu corpo, minha boca ainda tem gosto de sangue, minha cabeça e meu corpo latejam,

doem como se eu tivesse sido pisoteada por um elefante.

— A senhora não pode se mexer — a enfermeira começou a me imobilizar na maca, mas eu relutei, aumentando ainda mais a dor — A senhora foi atingida fortemente na cabeça e desmaiou, precisamos encaminhá-la ao hospital.

— Eu. Não. Vou. A. Lugar. Algum. Sem. Meu. Marido — digo pausadamente, pois até respirar dói.

— Amy, você precisa ir ao hospital.

— O Heitor, Grazi... — peço com ás lágrimas já escapando.

— O senhor Heitor será levado para o 25º DP, acho bom arranjam um advogado. — um jovem policial rompe o silêncio. *Delegacia? Meu Heitor foi preso?* Puxo de uma única vez as agulhas injetadas e saio da ambulância o mais rápido que consigo, a tempo de ver Heitor sendo arrastado por dois policiais e ser jogado na viatura.

— Eu disse para ficar na porra do lugar! — Heitor grita comigo quando me aproximo da viatura.

— Vem Amy... — Grazi me ampara quando a viatura se afasta ruidosamente.

Assino o termo de recusa a ser levada até o pronto socorro e sigo para a delegacia, Grazi está ao meu lado e liga para um advogado conhecido, o cara não está na cidade, mas indica uma amiga competente. Deve servir.

A mulher chega à delegacia praticamente no mesmo tempo que nós, vai direto falar com o delegado para obter informações. Encolhida no banco da delegacia, choro descontroladamente, a ideia de ter o Heitor naquele ambiente me faz perder o chão. Quando a advogada retorna as notícias não são tão boas.

— A situação do senhor Duarte, não é das melhores — ela é direta e isso me faz estremecer — o homem que ele agrediu nesse momento está hospitalizado em situação instável, para completar algumas testemunhas presentes afirmam que seu marido começou a briga sem dar chance de defesa para a vítima.

— Ele foi me defender — digo fracamente.

— Para o delegado, isso não tem a menor importância — ela senta no banco ao meu lado e me lança um olhar solidário — mas estou aqui para resolver a situação, dentro de alguns minutos irei conversar com ele.

— Eu não posso vê-lo?

— Infelizmente não Amélia, segundo o delegado o seu marido não está cooperando com a situação.

— Mas, se eu o ver, posso acalmá-lo. Ele precisa de mim, eu sei. — Grazi retorna trazendo

café.

— Graziele, não é? — indaga à minha prima que assente — estou explicando a Amélia que a delegada não autorizou que Heitor falasse com mais ninguém, além da advogada — ela busca apoio na minha prima.

— Amy, a advogada Gisele Soares, vai resolver as coisas o quanto antes — me entrega o café. E não consigo engolir o líquido quente sabendo que Heitor está trancafiado numa cela, sabe-se com que tipo de bandido.

Não sou uma mulher religiosa, mas me apego as santinhas que minha mãe é devota e começo a rezar para que tudo logo se resolva. Já se passou uma hora desde que a doutora Gisele foi levada até o Heitor. Espero apegada as minhas orações que quando ela saia daquele lugar seja trazendo meu Heitor junto.

A advogada aproxima-se pisando firme com seus saltos pretos, pela sua cara não deve ter boas notícias.

— O Heitor irá ser liberado? — Eu e Grazi perguntamos ao mesmo tempo.

— Conheço um café aqui perto meninas, vamos conversar lá?

Não, eu não quero conversar! Quero meu Heitor livre, para voltar para casa, para cuidar de mim. Tenho vontade de gritar, mas a acompanho calada. Só depois que nossos cafés chegam e a advogada ingere uma aspirina junto com a sua bebida, ela começa a falar.

— Amélia — pondera — seu marido não reagiu muito bem ao fato de uma mulher ser a advogada dele. — Notei o esforço que ela fez para não transparecer que isso a incomodou, a profissional lutando contra a mulher ofendida.

— Que babaca! — Grazi traz à tona os pensamentos da advogada.

— Pois é... Ele quer, na verdade exigiu, que você contrate outro advogado para retirá-lo dali.

— Eu não sei o que dizer... — confesso envergonhada.

— Não precisa — toca minha mão trêmula sobre a mesa — se tem alguém que me deve desculpas é o senhor Duarte, mas pelo pouco que vi, sei que será incapaz disso. Por isso, vou te passar apenas o contato de um colega de escritório, para você.

Entregou-me um cartão e eu segurei sem saber muito o que fazer com aquele número, e se Heitor o tratasse mal? E se ele tratasse mal todos os advogados que eu escolhesse? Ele tinha razão quando dizia que eu não sabia das coisas, ele preso e eu errando na escolha do advogado.

— A gente deveria deixar ele preso por alguns dias, quem sabe assim não aprende a respeitar as pessoas! — Grazi bufou irritada.

— Desculpe por estragar seu aniversário! — disse sentindo-me culpada

— Não peça desculpa por algo que você não fez, Amy. A culpa é do Heitor, que resolveu bancar o assassino.

— Não fala assim dele — defendi — não é por que ele iniciou uma briga que...

— Que pode ter uma vítima, não esqueça disso! — ela estava irritada.

— Não terá! Heitor não fez por mal, posso garantir.

— Se você prefere acreditar nisso — me encarou e eu desviei o olhar para o cartão.

Levantei da mesa enquanto aguardava a ligação se completar, quando o advogado Sampaio atendeu e disse que chegaria em vinte minutos suspirei aliviada. Retornei para a mesa e encontrei apenas a doutora Gisele;

— Obrigada doutora, o seu colega chegará em vinte minutos. — Ela apenas assentiu — precisamos acertar o seu pagamento, mas estou sem o meu cartão aqui...

— Não se preocupe Amélia, o meu escritório entrará em contato em breve. — Ela olhou para mim sorrindo, mas dessa vez demorou o olhar no meu, parecia buscar algo ali. Mas nada disse, pedimos a conta e saímos dali, minha prima havia retornado do banheiro distante e muda, e assim permaneceu até retornarmos a delegacia, quando uma ligação a fez se afastar para conversar com privacidade.

— Obrigada mais uma vez doutora.

— Apenas Gisele, Amélia — corrigiu.

— Gisele... e desculpa pelo Heitor, ele está de cabeça quente.

— Ele é sempre assim?

— Não — minto, não posso dizer que ele oscila entre doce e amargo.

— Aqui está meu cartão — estendeu um cartão de visita — nele tem o endereço do meu escritório e telefone pessoal, não hesite em me ligar no dia que precisar — Deu-me um fraco abraço e saiu da delegacia.

Guardei o cartão, mas duvidava que precisasse dos seus serviços algum dia.



Somente no dia seguinte o Heitor foi solto sob pagamento de fiança, o novo advogado não me contou nada além disso, apenas ligou para informar que ele estava a caminho de casa. Respirei aliviada, não preguei o olho um só minuto, Grazi também não, permaneceu ao meu lado durante

todo o tempo, preparando algo para eu comer e me consolando.

Quando a porta foi aberta, uma pontada atingiu meu coração. Heitor ainda está com a roupa da noite anterior, só que agora amarrotada e suja de sangue, seus olhos estavam marcados por olheiras escuras e o cabelo bagunçando. Aproximo-me dele sedenta por seu toque, seu abraço, seus beijos.

— Senti tanto a sua falta! — abraço-o apertado, mas ele permanece estático.

— Estou aqui! — diz fracamente afastando-se, sigo para onde seus olhos observam: Grazi sentada de pernas cruzadas sobre o sofá comendo misto quente enquanto vê TV — Graziele... — sua voz sai num tom de alerta.

— Você está péssimo! — minha prima respondeu após o observar em silêncio e voltar a morder seu pão.

— Vou tomar um banho... — ele diz para ninguém em específico e caminha em direção ao banheiro, sigo atrás dele, mas a porta é trancada por dentro, permaneço ali do lado de fora caminhando de um lado para o outro. Muito tempo depois, ele surge na porta limpo e com um semblante um pouco melhor.

— A Graziele já foi?

— Ainda não, foi tomar banho... Não pregou o olho a noite toda, tadinha.

— Tadinha? — sorri irônico — Por causa dela dormi a noite toda naquela cela imunda!

— Posso imaginar o que passou.

— Não, não pode — diz seco — preparou algo decente para eu comer?

— Fiz ovos mexidos com bacon, do jeito que você gosta. — Caminho atrás dele que agora segue até a cozinha.

— Aposto que esqueceu da gota de mel na vitamina — diz despejando o conteúdo do liquidificador no copo.

— De jeito nenhum, lembrei de cada detalhe — sorrio satisfeita. Enquanto observava ele comer tudo em silêncio.

— Amélia, se vai ficar me olhando como uma pateta enquanto eu como, vou acabar de estragar meu sofá, como fez a sua prima ao tomar café nele — seu tom é áspero.

— Desculpa, eu não quis te chatear.

— Desculpa, eu não quis te chatear — imita minha voz — não quero ouvir sua voz! Por sua culpa eu me meti naquela furada. Agora saí da minha frente e só retorne quando eu chamar.

Não me movo, não consigo entender como depois de tudo que aconteceu ontem à noite, ele me queira longe dele.

— Amy, Amy — ouço minha prima me chamar.

— Além de tudo, agora ficou surda? — Heitor indaga.

— Já vou, Grazi — respondi enquanto enxugava às lágrimas que caíram no meu rosto.

Acompanhei minha prima até o táxi que a aguardava lá embaixo, em silêncio, ela notou minha mudança de humor e rompeu o silêncio antes de entrar no carro.

— Eu sei que agora não é o momento ideal, mas eu preciso dizer — segurou as minhas mãos — Seu marido é o principal responsável pelo que aconteceu, não se sinta mal pelas merdas dele!

— Eu vou passar a vida me desculpando com você e parecerá pouco... — digo com a voz embargada — Eu não quis estragar a noite do seu aniversário. Me desculpa — lágrimas rolam pelo meu rosto.

— Amy... Será que você não ouviu nada que eu disse? — fitou-me — A culpa não foi sua! Se tem alguém que me deve desculpa aqui é o Heitor, ele sim é o verdadeiro culpado.

— A forma como você fala parece que ele realmente teve culpa...

— Mas ele tem culpa! — esbraveja — Ele tem culpa quando age feito um louco atacando as pessoas!

— Ele teve um ataque de ciúmes, Grazi. Você está exagerando...

— Eu estou exagerando? — ri — Amélia, o seu doce Heitor é um monstro!

— Nunca mais fale disso dele! — exijo.

— Ele te feriu, porra! O homem estava tão descontrolado que atingiu você! Será que você não vê o quanto isso é assustador?

Então... A pancada que me atingiu foi dada pelo Heitor... Mas não era direcionada a mim. Ele queria atingir o homem que me tocou... Meu Heitor nunca faria isso comigo.

— Me desculpa mais uma vez e obrigada por ter permanecido ao meu lado enquanto o Heitor estava fora... Me desculpa! — pedi mais uma vez pois era só o que eu podia fazer.

— Você deveria estar feliz agora que ele voltou para casa. Mas, está tão assustada quanto ontem, por que Amélia?

— O Heitor precisa de mim.

— Amy...

— Tchau Grazi... — entrei no condomínio enquanto ela me observava parada em frente ao táxi.

Desconversei quando ela perguntou porque ainda estou triste. Não queria contar como ele me tratou na cozinha, pois sei que ela desataria a falar que ele era um completo imbecil e que não entendia por que ele estava me tratando como a grande culpada, sendo que foi ele quem atacou o cara.

Sei disso por que eu mesma começara a me questionar sobre isso desde que ele voltara para nossa casa, tratando-me friamente, eu não merecia ser tratada assim. Não depois de tudo que passamos ontem à noite, deveríamos ficar juntos, conversar sobre o que aconteceu, nos apoiarmos como um casal que se ama.

Ainda presa nos meus pensamentos, adentro nosso apartamento em silêncio, vou para a cozinha preparar o almoço, cozinhar me ajuda a relaxar e entre cortes de cebolas e tomates eu começo a enxergar a situação pelo olhar do Heitor. É natural ele estar nesse estado de nervos, depois de tudo que passou. Eu terei mais paciência...

— Amélia... — Heitor aproxima-se na surdina e deixo o copo que eu lavava cair na pia espatifando-se em vários pedaços. Suas mãos firmes pressionam minha cintura, enquanto seu corpo cola-se ao meu — seu coração está disparado — aperta meu seio sobre o sutiã.

— Você me assustou.

— Eu te assusto, amor? — virou-me para ele, sem soltar minha cintura, e me observou com um sorriso nos lábios.

— Só quando surge assim, do nada — minto e deslizo o olhar em outra direção tenho medo de ele ver a mentira ali.

Suas mãos deixam minha cintura para acariciar meus cabelos, e em seguida, tocam meu queixo, toda a extensão do meu pescoço e se fecham na minha garganta, o toque suave tornando-se demorado nessa parte. Eu inalo forte.

— Algum problema, Amélia? — indaga as mãos circulando minha garganta.

— O macarrão no fogo! — lanço o olhar para o fogão.

— Você seria capaz de me abandonar? — seus olhos fixam-se nos meus, sinto o toque das suas mãos pressionarem meu pescoço. Nego com a cabeça à sua pergunta — Eu quero ouvir.

— Não, Heitor.

Sinto seus olhos azuis penetrando cada parte do meu ser, não consigo decifrar o que aqueles olhos querem dizer, muito menos o que ele está pensando, apenas quando um enorme sorriso emoldura seu rosto é que sei que ele está feliz.

— Eu te amo, tanto. Mas tanto que não iria suportar que você me deixasse.

— Por que isso agora? Eu te amo — forço o sorriso.

— Se você me deixar, eu volto até o inferno para te procurar — ele sorri.

— Eu não vou te deixar.

— Claro que não vai. Você não encontraria um homem como eu, devoto a você, sedento pelo seu gosto. — Suas mãos vagam pelas minhas coxas e arrancam a calcinha sobre o vestido.

— O macarrão vai queimar — digo quando ele me ergue para cima da bancada de

mármore.

— Você será a minha comida — desliza um dedo para dentro de mim. Grito com o toque inesperado. — Não estou fazendo direito? — Sou penetrada por mais um dedo, enquanto sua boca suga meus seios sobre o tecido do vestido.

Não consigo lhe dizer não, não quando o meu corpo anseia pelo seu toque e uma onda de calor é transmitida para o meio das minhas pernas. Gemo e começo a rebolar sobre seus dedos quando o ritmo é aumentado.

— Serei o primeiro e o único homem da sua vida — fala enquanto gemo de prazer.

— Diga que serei o único, Amélia. — aumenta o ritmo da penetração enquanto a outra mão acaricia meu clitóris, estou absorta no prazer. — Diga, Amélia! — exige.

— Único. Primeiro e único homem da minha vida. — a frase sai em meio a gemidos.

— Agora, que te satisfiz, minha vez — aponta para seu membro rígido. Ele enlaça minhas pernas sobre seu corpo e caminha, sinto o seu volume roçando meu ventre.

Assim que entramos no quarto, ele me joga sobre a cama caindo sobre mim, levo as mãos até sua calça para ajudá-lo a se livrar da peça, mas ele não permite e puxa a calça levando a cueca junto. Melhor assim. Sorrio e toco seu membro grosso.

— Hoje não estou com paciência para deixá-la me tocar. Quero me enterrar em você repetidas vezes, até desmaiar de exaustão.

— A camisinha — peço mais uma vez sentindo seu gozo se aproximar — eu estou sem tomar as pílulas... Parei hoje. Como os efeitos colaterais do medicamento haviam se intensificado, meus seios permaneciam doloridos, resolvi interromper até voltar a ginecologista na próxima semana.

— Sem camisinha! — sentencia — já está na hora de encomendar nosso herdeiro — diz arfando.

— Mas, e a faculdade?

— Psiu! — Silencia levando o dedo a minha boca — Eu sei o que é melhor para você e agora o melhor é um filho.

Tento argumentar, mas minha boca é coberta por suas mãos, em poucos segundos

Heitor derrama-se em mim completamente satisfeito.

Treze

Se a minha vida fosse um período histórico ela seria dividida em "Antes do Heitor" e "Depois do Heitor". Antes de conhecer Heitor eu era uma menina do interior, tímida e que nunca havia conhecido o amor, não havia experimentado essa sensação inebriante que é amar alguém mais que sua própria vida. Aquele nosso esbarrão em Copacabana foi um divisor de águas, o destino havia colocado o amor da minha vida naquela noite e nunca mais nos separamos, na alegria e na tristeza, nos momentos bons e ruins estamos sempre juntos.

Estávamos passando por uma fase ruim atualmente, os dias que sucederam a briga na boate que resultou na sua prisão modificaram o humor de Heitor. Ele estava mais instável: ora gritava por tudo, ora silenciava e nada no mundo o fazia falar, oscilando entre amoroso e raivoso.

Eu me sentia pisando em ovos, com medo de despertar nele qualquer mínima reação negativa. Vi inerte, ele jogar o restante das minhas pílulas no banheiro e me obrigar a ficar de pernas para cima após fazermos amor para aumentar a probabilidade de engravidar.

Chorei todas as vezes, em silêncio, quando fracassei ao argumentar que aquele não era o momento ideal para se ter um filho, que deveríamos esperar eu concluir a faculdade. Mas meus pedidos foram rechaçados, com direito a acusações que eu não queria ter um filho dele, que eu estava colocando o estudo na frente da família e cedi mais uma vez.

E o seu desejo se realizou. Descobri que eu estava grávida, três meses de gestação, no início me senti muito fraca, com náuseas e tonturas e fiquei sem ir para a faculdade por uns dias. Depois quando retornei, precisei lidar todos os dias com as críticas de Heitor que caso eu perdesse nosso filho a culpa seria minha. Que eu deveria ficar em casa...

Eu me sentia cada dia mais sozinha naquela casa, Heitor fechado cada dia mais nos seus pensamentos, as minhas tentativas de entrar no seu mundo eram dispensadas. Achei que com a descoberta da gravidez, seu humor se reestabelecesse. Mas isso parecia tê-lo deixado ainda mais controlador, eu não poderia ir ao mercado sem que ele estivesse ao meu lado.

A situação estava ficando insuportável, ele continuava me responsabilizando pelo dia em que foi preso, dizia que eu era culpada por responder um processo judicial acusado de lesão corporal leve. E cada vez que eu tentava me defender ele explodia ainda mais, gritava comigo, dizia que eu queria destruir a sua vida para ficar com seu dinheiro. Então passei a silenciar, ouvir calada as suas acusações, mas esse meu gesto pacífico o incomodava ainda mais.

Heitor parecia gostar desse clima de gato e rato, alegava que o sexo de reconciliação era

o melhor. Fazíamos as pazes a noite e durante odia ele buscava algo para manter esse ciclo de briga/sexo-reconciliação.

Tudo se agravou quando Heitor recebeu uma notificação do escritório da advogada Gisele. Era um sábado ensolarado quando o porteiro anunciou que havia um homem à procura do Heitor, não entendi bem quem era, pois Heitor desceu para recebê-lo. Eu continuava sentada na sala com o notebook no colo finalizando um trabalho da faculdade, quando ele retornou ao nosso apartamento pisando firme. Aproximou-se de onde eu estava e jogou o papel sobre meu colo.

— Heitor, eu estou estudando. — Reclamei sem dar atenção ao papel.

— A vagabunda teve a audácia de me cobrar dois mil e quinhentos reais por um serviço que não foi prestado! — bufou irritado.

— Quem? — Perguntei sem entender.

— A puta da advogada que você contratou e não resolveu porra nenhuma!

— A Gisele.... Ela foi até a delegacia, você que recusou os serviços dela — disse sem tirar o olho do notebook.

— Agora está dando razão a ela? — gritou e fechei o notebook para conversarmos.

— Não estou dando razão a ninguém, apenas dizendo que ela foi até lá, teve o trabalho e...

— Mas, não foi só isso! — Heitor rosnava — Eu não estou puto pelo dinheiro — gritou e eu me perdi — Eu tenho dinheiro mais que o suficiente para pagar os honorários dessa advogadazinha de merda!

— Foi o homem lá embaixo?

— O homem lá embaixo era um oficial de justiça que veio me entregar uma intimação. Estou sendo processado, Amélia. Processado!

— Nós já sabíamos que isso aconteceria, amor. O advogado falou que você responderia o processo por agressão.

— Você é burra? — rosnou — Eu estou sendo processado pela maldita advogada!

— Deve ser um mal-entendido...

— O que você falou para aquela mulher? Você compartilhou com elas nossa intimidade? Responde, porra! — gritou.

— Eu não falei nada... Deve ser um mal-entendido... — Repeti.

O computador foi arrancado das minhas pernas e jogado contra a parede, segundos depois ele voltou a sua fúria sobre mim, segurando meu rosto:

— A culpa é sua! Por tudo que está me acontecendo. — Apertou o meu rosto com força.

— Você. Está. Me. Machucando — articulei e ele cravou os dedos ainda mais na minha

pele.

— Aquela vagabunda não teria a chance de me extorquir, se você fosse inteligente para contratar um advogado melhor.

— Desculpa! — peço, para pôr fim aquela discussão.

— Desculpas não adiantam! — afrouxa o aperto — Nada disso teria acontecido se não tivéssemos ido naquela boate de quinta!

— Nada disso teria acontecido se você não agisse feito louco. Você quase matou aquele homem. — Soltei as palavras presas na minha garganta e imediatamente tenho vontade de pegá-las no ar.

— Eu sou louco por defender você? — pressionou meu corpo contra o seu no sofá, a coxa sobre minha barriga.

— O bebê — clamo pelo nosso filho quando ele pressiona ainda mais o seu corpo sobre o meu.

— Eu faço tudo para o seu bem! — Saiu de cima de mim e respirei ofegante. Sentei no sofá e levei a mão a minha barriga enquanto controlava a respiração. — Onde você vai? — indagou quando levantei do sofá.

— Dar uma volta por aí enquanto você se acalma.

— Não! — ordenou e eu ignorei seu olhar duro. Para o bem do meu filho, eu precisava me afastar dele até que seu ataque de fúria cessasse.

— Eu disse não! — segurou meu braço e me puxou de volta para o sofá.

— Você está me machucando.

— Nunca mais ouse a me desobedecer! — exige e vejo fúria no seu olhar. Estou exausta dessa sequência de brigas e reajo pela primeira vez, sem pensar nas consequências.

— Ou o quê? Vai me agredir como bateu naquele homem? Vai descontar no mundo a sua fúria de se sentir um merda abandonado pelo pai?

Um estalo forte atinge o meu rosto, atordoada levo a mão a pele ardida e não tenho tempo para reagir, pois suas mãos estão no meu pescoço, me enforcando. Tento me livrar das suas mãos sem sucesso, ele empurra-me contra o sofá sobe em cima de mim.

— Pede desculpa, agora! — grita com as mãos envoltas ao meu pescoço.

— Desculpa... — Tento, mas a minha voz não sai, as suas continuam ao redor do meu pescoço.

— Pede desculpas, porra! — grita e dessa vez as mãos afrouxam o aperto.

— Des-cul-pa! — minha voz sai engasgada.

Meu peito queima quando o ar chega até meus pulmões. Começo a tossir repetidas vezes e

mesmo assim ele não sai de cima de mim, observa toda a situação com uma expressão de prazer.

— Hei-tor eu preciso de água — peço fracamente. Ele ignora meu pedido e volta a gritar comigo.

— Você acha mesmo que merece água depois de me falar coisas horríveis? — continua falando alto e suas mãos voltam a me tocar, dessa vez apertando meu queixo.

— Água, por favor — as lágrimas escorrem pelo meu rosto, meu corpo treme por completo e isso parece irritá-lo ainda mais.

Sou puxada pelos braços até ficar de pé, minhas mãos são cruzadas para trás dos meus braços enquanto ele me empurra em direção a cozinha, tropeço algumas vezes no meu próprio passo e ele aperta ainda mais meus braços.

— Amélia, você está testando a minha paciência — grita, mais uma vez, próximo ao meu ouvido.

Sou arrastada até a cozinha, já que minhas pernas fraquejam a cada passo dado. Lá, ele pressiona-me contra o duro balcão de mármore. Uma mão apertada contra o meu peito é o que me mantém ali de pé, ele usa a mão livre para levar o copo até o filtro, vejo o líquido preenchendo o copo vazio e sou tomada por uma onda de alívio, ele atenderá meu pedido.

O copo é colocado à minha frente, próximo a minha boca, meus lábios mal chegam a tocar o copo e ele o afasta sorrindo. Volta mais uma vez o copo até meus lábios, acabo batendo a boca contra o vidro na pressa de sorver o líquido antes que ele desista, mas ele afasta novamente o copo, para dessa vez despejá-lo sobre minha cabeça. A água gelada se junta às minhas lágrimas.

— Você é patética! — sorri, divertido com a situação.

Os pingos frios refletiram dentro de mim, fazendo o meu sangue gelar. Eu nunca havia sentido pavor antes, mas era isso que eu sentia naquele momento. A sensação das mãos dele, que há pouco estiveram em meu pescoço, ainda me sufocava. Meu coração batia descontroladamente, martelando em meu peito e subindo como se fosse sair pela boca.

Esse não é o meu marido. Algum espírito maligno deve ter se apossado do corpo do homem que eu amo e que me ama... me venera. Movida pelo pânico de estar com um desconhecido, aproveito o segundo em que ele se distrai ao colocar o copo na pia e corro o mais rápido que as minhas pernas permitem.

Por sorte, o elevador está parado no nosso andar, entro nele e vejo Heitor gritar o meu nome quando a porta se fecha. Não consigo pensar em nada a não ser fugir dali, o medo dominando minhas ações e pensamentos. Chorando descontroladamente continuo andando feito uma louca na rua até conseguir parar um táxi. O motorista pergunta o caminho e apenas faço sinal para que siga em frente. O taxímetro lembra que eu não tenho nenhum dinheiro ali comigo, na

fuga não lembrei de pegar minha bolsa.

E agora?

Vou precisar retornar para casa e pedir ao Heitor para pagar a conta... Não pode ser.
Respira, Amélia. Respira! Repito para mim mesma.

— Senhora, posso te ajudar? — o taxista questiona, quando meu choro fica mais alto e começo a acariciar minha barriga.

— Tive um pequeno problema familiar e me descontrolei — não vou contar a um desconhecido sobre o que aconteceu, Heitor não merece ser exposto — acabei esquecendo a carteira — falo aos tropeços chorando.

— A senhora pretende ir para casa de um parente? — nego com a cabeça, não posso ir para a casa da minha tia, não depois de tudo que aconteceu no dia do aniversário da Grazi. Não tenho amigas aqui, Geane não fala mais comigo depois de tudo... Não tenho ninguém além do Heitor.

— A praia de Copacabana é aqui perto? — pergunto quando vejo uma faixa de areia.

— Sim, há cinco minutos daqui.

— Por favor, me leve até ela.

O taxista começa a falar sobre o clima, amenidades para me distrair e, por alguns minutos, o choro cessa. O gentil homem de meia idade é que propõe a solução para o meu problema de dinheiro: esperar no local até eu resolver o que fazer. Apenas assinto sem condições de pensar e desço em direção a costa de areia. Paramos num ponto mais tranquilo da praia e ali mesmo, naquela areia em frente ao mar, desabo chorando.

Aquele homem não era o Heitor que eu conheci nessa mesma praia. Não era o mesmo por quem me apaixonei. Aquela versão que me atacava destoava do meu esposo. Ele parecia ter sido possuído por um espírito maligno, essa era a única alternativa.

Eu ainda podia sentir suas mãos ali no meu pescoço, os olhos azuis injetados de fúria contra mim. Tive tanto medo, medo que ele continuasse me atacando furiosamente como fez com aquele homem na boate. Tive medo pela criança que carrego no meu ventre.

Ira. Desprezo. Indignação. Pena.

Vi todos esses sentimentos na expressão que o Heitor me lançou no nosso apartamento, o olhar apaixonado e devoto havia desaparecido.

Ele estava me castigando por ter trazido à tona durante a discussão, o pouco que me contou sobre seu pai. Um homem que se dedicou ao trabalho tanto que esqueceu de exercer as suas funções de pai e esposo. Na sua casa nunca faltou comida, brinquedos, mas faltou amor e carinho, pelo menos era o que a mãe alegou quando pediu o divórcio. A mãe do Heitor não

suportou as ausências do marido e terminou o casamento quando Heitor tinha apenas doze anos, ele culpava a mãe por ter destruído a sua família, quando ele não vê que foi o pai dele que fez isso...

E na hora da raiva acabei ofendendo seu pai, seu herói, chamando-o de merda. Por isso aquela reação descontrolada. Eu ofendi a pessoa que ele mais amou em toda vida. Eu era a responsável por despertar essa fúria nele.

— Amor, fiquei tão preocupado com você — Heitor ajoelha-se na minha frente, estava tão distraída que não notei sua aproximação — você saiu feito louca da nossa casa. — Sua voz fraqueja e ele começa a chorar ali ajoelhado a minha frente.

Permaneço estática, não sei como ele me encontrou ali, mas confesso que estou aliviada por vê-lo, por confirmar no seu rosto que aquele monstro de outrora desaparecera, que meu marido doce e apaixonado por mim estava de volta.

— Eu estava fora de mim, me perdoa — um soluço escapa da sua garganta, o arrependimento estampado no seu rosto; suas mãos tremem quando tocam de leve o meu pescoço, a pele avermelhada marcada pelos seus dedos — Perdão — a carícia estende-se para o meu rosto. — Perdão — toca meus lábios com os dedos. E fecho os olhos involuntariamente perante seu toque, meu corpo me traía diante do toque carinhoso e amoroso, seus lábios tocam a pele machucada, o bálsamo para o meu corpo e coração machucados. Alternando entre perdão e eu te amo ele continua a depositar beijos no meu colo, pescoço, mãos e rosto.

Nossos lábios se tocam e uma explosão ocorre nesse momento. Meu corpo queima feito fogos de artifício no Réveillon, uma explosão de sentimentos. Nos beijamos como a primeira noite que nos conhecemos. A chama da nossa paixão mais forte que nunca. Mãos e bocas procuram o corpo um do outro desesperadamente, o beijo é interrompido gradativamente, mas nossos corpos permanecem colados num abraço esmagador e reconfortante. Ali eu percebo que o melhor lugar do mundo é dentro do abraço do Heitor, ele é meu norte e guia.

— Eu nunca conversei com ninguém sobre o que realmente aconteceu... — Heitor rompe o silêncio, minutos depois — E se agora eu vou te contar é para que você entenda o peso das suas palavras, elas foram responsáveis por eu agir de forma tão transtornada... — Apenas assinto em concordância quando ele começa a narrar os fatos.

— Depois que minha mãe decidiu pôr fim ao casamento, saímos de casa e eu fui levado por ela, à contragosto, para um pequeno apartamento. Iríamos recomeçar a nossa vida ali, mas eu não queria recomeçar, queria voltar para nossa casa, voltar para o meu pai. Eu nunca entendi por que ela estava deixando meu pai. Eu sabia que às vezes ele chegava bêbado e quebrava alguns

objetos, mas na maior parte do tempo ele era um homem sóbrio que me presenteava com os brinquedos mais modernos e me ensinava a ser forte, a nunca me deixar encantar por um par de peitos.

Continuo ouvindo em silêncio, pois sei que Heitor não gostaria de ser interrompido. Mas, mesmo que eu falasse algo, não sei se ele me ouviria, pois seu olhar estava distante e vago, ele estava perdido nas próprias lembranças.

— Eu gritava toda noite que odiava a minha mãe. Eu a odiava por ter nos tirado da nossa casa confortável e nos levado para um apartamento com paredes mofadas e piso arranhado. Como ela podia viver ali e ser feliz? — ele sorri tristemente — Meu pai sempre disse que minha mãe era uma mulher utópica e que ele não era obrigado a suprir as suas necessidades. E ele tinha razão! Amélia, ele trabalhava muito para dar uma boa vida a ela, e ela ainda ousava a exigir mais?! — voltou-se para mim — Que mulher abriria mão de uma vida boa só por que não estava se sentindo completa? Meu pai fazia de tudo pela minha mãe, a enchia de joias, presentes caros, viagens, mas ela queria mais! Sempre queria mais!

— Talvez ela quisesse se sentir amada... — arrisquei.

— Mas ele a amava! — gritou — Ele a amava do jeito dele! E isso deveria ser o suficiente, não é? — assenti.

— Meu pai nunca se recuperou depois que minha mãe o abandonou. Começou a beber todos os dias. Meu pai, que antes vivia com uma aparência impecável, passou a andar desalinhado, a barba por fazer. Minha mãe era a responsável por essa decadência, ela foi responsável por meu pai perder o emprego, alguns meses depois. Foi por causa dela que meu pai não aceitou que eu fosse morar com ele, ele dizia que eu era um “filho da mamãe”. Que eu escolhi a minha mãe ao invés dele! Mas, era mentira, Amélia. Eu nunca escolheria ela ao invés dele — seus olhos estavam marejados — Eu odeio tanto a minha mãe!

— Heitor... — enxugo suas lágrimas.

— Meu pai teve sua vida destruída porque minha mãe queria ser feliz! Ela foi egoísta a ponto de colocar a sua felicidade acima da sua família — fungou — Ela reconstruiu a vida e casou novamente, enquanto meu pai viveu até o fim dos seus dias triste e deprimido.

— Eu sinto tanto...

— Não sinta! Minha mãe teve o castigo dela! Hoje ela vive num asilo e passa a maior parte do tempo babando — sorriu e arregalei os olhos assustada — O que foi? Não me olhe dessa forma... A vida retribuiu tudo que ela fez meu pai sofrer... Mas, até nisso ela teve sorte, ela tem Alzheimer e não lembra de nenhuma das merdas que fez.

— Que triste...

— Triste? Triste foi o que ela fez meu pai passar... Agora você sabe por que eu agi daquela forma? — assenti — eu tenho tanto medo que um dia você acorde e decida que não é mais feliz ao meu lado. Eu não vou suportar isso, Amélia. Não vou. — Lágrimas rolaram pela sua face — Você não pode me abandonar, promete? — segurou meu rosto — Promete que jamais me abandonará?

— Prometo! — Um sorriso imenso surgiu nos seus lábios quando ele comprovou que eu falava a verdade.

— Vamos para casa. — Essas três palavras seguidas de um olhar apaixonado aqueceram meu coração. Aceito prontamente a sua mão estendida, quero o quanto antes voltar para casa. Nossa casa.

Heitor me coloca no nosso carro e vai pagar ao motorista pela corrida, observo dentro do carro eles trocarem um aperto de mãos e sorrirem. O trajeto a caminho da nossa casa é feito com calma, aprecio o calçadão de Copacabana enquanto a mão de Heitor acaricia minha, dessa vez ele deixa eu escolher a canção. Sintonizo numa rádio de música popular brasileira, a voz de Djavan ecoa nas caixas de som e a letra da canção poderia muito bem ser a trilha sonora do nosso amor:

*Aqui ou noutro lugar
Que pode ser feio ou bonito
Se nós estivermos juntos
Haverá um céu azul*



Rosas e mais rosas estão espalhadas por toda a casa quando abro a porta do quarto. Pétalas de Rosas vermelhas traçam o caminho até a cozinha, evito pisar nas rosas, mas é impossível. No balcão da cozinha encontro tudo que mais amo comer: queijo minas, geleia de morango, pão, uvas, maçãs, café, leite e é claro mais flores. Sento e começo a bebericar o café com leite, meu corpo está todo dolorido, a região da minha cabeça e meu pescoço doem.

— Bom dia, amor! — Heitor surge na porta da cozinha sem camisa está suado, meu olhar percorre seus ombros e abdômen definidos e uma onda de calor percorre todo o meu corpo.

— Bom dia! — respondo sorrindo.

— Dormiu bem? — indaga abraçando-me por trás. Meu coração entra num ritmo descompassado perante seu toque, um arrepio percorre todo o meu corpo quando suas mãos chegam ao meu pescoço, afastando o cabelo para depositar beijos nos hematomas.

— Muito bem. — Era a mais pura verdade.

— Pensei que poderíamos viajar no próximo fim de semana até a casa do seus pais. Sei o quanto você sente falta deles...

— Sério? — indago animada.

— Sim. Claro que que será uma viagem breve, tenho que estar no escritório na segunda logo cedo...

— Não importa o tempo — o interrompo — o mais importante é que vou revê-los. Muito obrigada, amor — me lanço nos seus braços num abraço apertado.

— Faço tudo para o seu próprio bem, para vê-la feliz, nunca duvide disso.

— Nem por um segundo — respondo sem desviar o olhar.

— Mas ontem você me abandonou — sua expressão relaxada torna-se tensa e sua voz sai por um fio.

— E-u... Eu — gaguejo

— Tive tanto medo quando você passou por aquela porta sem olhar para trás.

— Agora eu estou aqui, amor. É tudo o que importa. — Toquei seu rosto.

— E amanhã? Vai fugir novamente quando tivermos mais uma discussão? — passa as mãos pelos cabelos — tenho medo de ir trabalhar e quando voltar não encontrar você.

— Eu não vou a lugar nenhum amor, acredita em mim.

— Promete que jamais me abandonará? Que irá cumprir o seu juramento perante Deus: Até que a morte nos separe, promete? — suas mãos frias seguram as minhas enquanto ele suplica.

— Prometo! Prometo até meu último dia permanecer ao seu lado.

Heitor solta um suspiro aliviado e sua boca toma a minha sedenta pelo meu gosto. Nos afastamos ofegantes e digo sem desviar o olho do seu:

— Te amo mais que minha própria vida.

— Eu também — ele responde sorrindo — te amo mais que qualquer coisa. Você é minha.

Quatorze

Depois daquele surto, Heitor nunca mais voltou a tocar em mim de forma agressiva. Quando as suas mãos tocavam meu corpo era para me dar prazer, para irradiar uma onda de calor por todas as minhas células. Meu Heitor estava de volta, o homem carinhoso e gentil pelo qual eu me apaixonei.

Acaricio a minha barriga, uma barriga saliente de quatro meses, meu menino está cada dia crescendo mais, protegido contra o mundo no meu ventre. Eu queria que fosse para sempre assim, que eu pudesse evitar que todo o mal atingisse o meu pequeno.

— Seu lanche, senhora! — a garçonete do restaurante universitário aproxima-se com meu pedido um suco e um sanduíche natural.

Continuarei frequentando a faculdade até os sete meses, o prazo máximo que eu consegui convencer o Heitor. Ele se preocupa muito comigo e com o filho e não acha saudável o estresse da faculdade. Ele tem razão, o ritmo agitado e intenso, pode fazer mal para o nosso Miguel, li num dos artigos enviados pelo Heitor. Era isso, mais algum tempo e eu me dedicaria completamente a nossa família.

Finalizo meu lanche e sigo devagar em direção ao bloco “E” onde ocorrerá a última aula do dia. Já estou em frente ao prédio quando uma dor pontiaguda contra meu ventre surge inesperadamente, cambaleio e sou amparada por mãos firmes.

— Sente-se! — o segurança ajudou-me a sentar na cadeira.

Uma pequena aglomeração se formou ao meu redor, mas o homem logo tratou de pedir que as pessoas se afastassem para eu respirar. Um líquido escorre pelas minhas pernas e vejo um filete de sangue na minha pele alva.

— Meu bebê, estou perdendo o meu bebê! — digo entre lágrimas. O homem afasta as mãos de mim para solicitar uma ambulância e é a última coisa que eu lembro antes de uma dor feito um soco no estômago me levar para o escuro.



— Heitor... — chamo seu nome fracamente.

— Calma, senhora — uma mulher usando um jaleco branco aproxima-se de onde estou.

— Onde estou? — tento abrir os olhos, mas eles estão pesados, não consigo permanecer por muito tempo com eles aberto, tento mais uma vez e vejo paredes brancas e fios por todo o meu corpo. Estou no hospital!

Subitamente um temor me atinge. Meu bebê!

— Meu bebê... — minha voz sai trôpega — Você precisa salvar meu bebê...

— Ele está bem, agora! — lágrimas de alívio escapam dos meus olhos. Eu não me perdoaria se tivesse perdido meu Miguel. Heitor não me perdoaria...— Tentamos entrar em contato com o número de urgência salvo na sua agenda, senhor Heitor Duarte, mas ele não atendeu. A telefonista ainda está entrando em contato com ele, a senhora tem outra pessoa que possamos ligar?

— Meu marido retornará à ligação e logo estará aqui ao meu lado! — respondi.

— Tudo bem... Vou visitar outros pacientes, mas não deixe de acionar uma das nossas enfermeiras caso necessite.

— Eu não vou para casa? — indago sonolenta.

— A senhora ficará em observação por algumas horas. Mas não se preocupe, você e seu bebê estão bem. Agora descanse. — Ela não precisa repetir, pois logo sou tragada para um sono profundo.



Acordo com as mãos do Heitor acariciando as minhas. Seus olhos estão preocupados e um sorriso surge no seu rosto quando percebe que eu despertei.

— Amor...

— Estou aqui — ergue-se da cadeira ao meu lado — Está tudo bem, agora.

— Eu tive tanto medo... — confessei com um nó na garganta e lágrimas furtivas rolaram pelo meu rosto.

— Está tudo bem com o nosso menino. Ele é forte como o pai — ele sorri e sorriu de volta, entre lágrimas.

— Já podemos ir para nossa casa?

— Sim, a médica já lhe deu alta — sua voz saiu preocupada.

— O que houve? — indaguei enquanto ele ajudava-me a sentar na cadeira de rodas.

— Nada — mentiu.

— Amor, está acontecendo algo e eu preciso saber!

— Enquanto você dormia, conversei com a obstetra e você sofreu um princípio de aborto...

Eu não sei como te dizer isso, mas você deverá ficar de repouso absoluto por tempo indeterminado. Se você quer que nosso menino continue aí dentro — apontou para minha barriga — que eu sei que quer, você precisará abandonar a faculdade por um tempo... É para o bem de vocês!

— Claro, tudo pelo bem do nosso menino! — seus lábios tocaram os meus num beijo casto antes de seguirmos para a nossa casa.

Estar ao lado dos dois homens da minha vida era o principal objetivo da minha vida. Com eles eu poderia enfrentar qualquer adversidade.

Quinze

Assim que os primeiros raios de sol invadem a janela do quarto, movo-me silenciosamente da cama e caminho em passos leves até a cozinha para preparar o café da manhã do Heitor. O café da manhã passara a ser o único momento que temos juntos, meu marido estava cada dia mais atolado no trabalho e quando chegava tarde da noite já me encontrava dormindo.

Agora, sem a faculdade no meio do caminho, podíamos tomar um café da manhã mais tranquilo e quem sabe conversar sobre a decoração do quarto do bebê. O Heitor havia contratado uma equipe para realizar o projeto da reforma do quarto, mas eu queria que ele participasse comigo desse momento tão importante. Queria que opinasse a respeito dos móveis, se o Kit do berço deveria ser verde ou azul. Essas coisas que os pais decidem juntos. Mas, ele não o fez. Dizia não ter tempo para lidar com esses detalhes e desde que não tivesse nada amarelo ou rosa ele estaria de acordo.

A cada dia que a minha barriga crescia, os nossos contatos diminuía. Heitor não me procurava mais toda noite quando chegava do trabalho e as minhas tentativas de dar início a relação sexual eram rechaçadas por ele.

Estou cansado demais.

Não estou com cabeça para isso.

Seu corpo não é mais o mesmo, deixe eu me acostumar com isso.

São algumas das frases que escutava diariamente dele. Tenho consciência que o meu corpo não era mais o mesmo, sinto-me sonolenta e cansada durante boa parte do tempo, isso sem falar das celulites que a cada dia que passa parecem se multiplicar no meu corpo. Se nem eu mesma de vez em quando me sinto bem com todas essas mudanças, por que esperar que o Heitor se sintam?

Afastei os pensamentos enquanto preparava uma tapioca recheada que ele tanto gostava. Estava perdida em pensamentos quando ele adentrou a cozinha usando apenas uma cueca branca. Ele era absurdamente lindo, perco-me no seu abdômen completamente definido, no seu peitoral másculo, suas coxas grossas e sou hipnotizada pelo azul dos seus olhos. A cada vez que nossos olhos se encontram sou sugada para dentro deles, era como se Heitor tivesse essa capacidade de reivindicar meu corpo como seu com um simples olhar.

— Bom dia, amor — passou por mim e ligou a pequena TV na cozinha, para acompanhar o noticiário, enquanto eu servia o seu café.

— Bom dia! — depusitei a sua frente a xícara de café quente e sem açúcar, como ele

gostava, e a tapioca. Me sentei ao seu lado na bancada com o copo de vitamina em mãos. O único alimento que eu conseguia beber sem pôr para fora a essa hora da manhã.

— Amor, amanhã será a ultrassom morfológica. E eu queria que você me acompanhasse...

— silenciou-me com um olhar reprovador e eu emudeci.

— Você sabe que não gosto de ser interrompido enquanto vejo o telejornal!

— Me desculpa — peço acariciando a minha barriga.

— Pronto, agora fala! — falou quando o comercial deu voz ao apresentador.

— Amanhã será a ultrassom morfológica... Pensei que poderíamos ir juntos.

— Para que horas marcou?

— Às onze e trinta da manhã, você poderia adiantar o seu horário de almoço...

— Vou tentar sair mais cedo nesse dia, mas não garanto nada — não consigo disfarçar a tristeza em meu rosto — Você faz essa cara como se eu tivesse deixando de acompanhar você nesse exame para jogar futebol com os amigos.

— Eu não disse nada.

— Mas pensou!

— Você nunca me acompanhou num ultrassom.... — disse tristemente — As mulheres na recepção estão sempre acompanhadas dos seus maridos.

— Devem ser um bando de falidos! — dispara — Eu sou sócio de uma empresa de renome, ocupo um cargo que exige cada segundo do meu dia. É o dinheiro do meu trabalho que permite que você tenha uma vida de rainha. Está faltando algo para você ou para o bebê? O cartão ilimitado não é o suficiente para você?

— Eu sinto falta da sua presença.

— Eu sei, amor... — tocou meu rosto — Eu prometo fazer o possível e impossível para ir com você amanhã, está bem? — assenti — Agora põe um sorriso nesse rosto e separa o blazer azul marinho. Tenha uma reunião importante daqui a uma hora. Um negócio grande que se eu consegui fechar, teremos uma das maiores redes como nossas clientes.

Ele continuou falando animadamente sobre projetos e números que não eram importantes para mim. Mas se era importante para ele e o deixava feliz, eu estava feliz.



Heitor não compareceu na ultrassom morfológica no dia seguinte. Parte de mim estava triste,

pois lá estava eu mais uma vez sozinha na recepção vendo as esposas sendo acompanhadas por seus companheiros, alguns maridos saíam emocionados da sala de ultrassonografia, os olhos marejados por verem seus filhos pela primeira vez. Eu também saía assim dos ultrassons, era tão emocionante ouvir os batimentos cardíacos dele, saber que estava tudo bem com o meu pequeno. A outra parte estava radiante, pois a morfológica constatou que Miguel estava desenvolvendo-se perfeitamente e foi nessa parte feliz que me apeguei.

Meu filho estava bem e era o que importava.

Por isso, mudei as rotas dos meus planos de ir para casa e passar a tarde lendo sobre como cuidar de um bebê e pedi para o taxista me levar até o escritório do Heitor. Já que Heitor não pôde ir até lá ver com os próprios olhos como nosso bebê estava, eu mesma iria levar para ele essa boa notícia. Eu estava com um CD em mãos da cópia do exame e iria compartilhar com ele.

Quando o carro parou em frente ao prédio eu me senti intimidada. O prédio era enorme, daqueles arranha-céus comuns em grandes cidades, o prédio parecia não ter fim e eu cheguei a ficar tonta ao olhar para cima. Não só o tamanho era impressionante, mas o estilo totalmente espelhado e curvado lembrava um tornado. Heitor já havia dito com orgulho sobre o edifício, mas o que eu via não chegava nem perto da sua descrição.

Completamente deslumbrada, informei meu nome na recepção e fui acompanhada por uma mulher gentil até o quadragésimo andar, onde ficava o escritório do Heitor.

— Esse é o andar senhora! — a mulher de óculos fundos informou quando o elevador parou.

— Obrigada! — agradei e segui corredor adentro. Um silêncio absoluto imperava no ambiente, apenas os meus passos podiam ser ouvidos no assoalho de madeira. O piso era tão limpo, mas tão limpo que eu podia ver minha imagem refletida nele. Levei a pasta que eu carregava em mãos contra o peito num ato inconsciente de me sentir protegida em meio a algo tão megalomaniaco.

— Boa tarde, posso ajudar? — uma mulher de meia idade e expressão cansada indagou-me quando parei em frente a uma enorme porta de vidro.

— Sim, eu sou Amélia, vim visitar o meu marido Heitor Duarte.

— Prazer, Amélia. Sou Sandra — estendeu as mãos e eu apertei — O senhor Duarte saiu para uma reunião e ainda não retornou.

— Resolvi fazer uma surpresa e convidá-lo para almoçar... Será que vai demorar?

— Ele saiu para uma reunião as dez da manhã e ainda não retornou.

— Será que eu posso aguardá-lo aqui?

— Claro! — sorriu e apontou para a poltrona preta — A senhora deseja água, suco, café?

— Não, obrigada. — Caminhei até a poltrona e sentei com dificuldade. Além da minha barriga já estar uma enorme bola, Miguel chutava-me barriga como um jogador de futebol.

— Quantos meses? — A mulher indagou.

— Seis meses recém completados. — Acariciei a minha barriga!

— Será um grande menino! — completou sorrindo. E antes que eu pudesse concordar o seu telefone tocou e ela voltou a atenção ao trabalho.

Aqui sentada nesse enorme sofá, eu pensava se agira bem em vir até aqui sem avisar ao meu esposo. Talvez eu devesse mandar uma mensagem para o Heitor e informar que eu estava aguardando-o.

— Sandra, preciso dos contratos agora! — uma voz máscula preencheu o ambiente e levantei a cabeça para ver quem era. Meus olhos pairaram sobre um homem alto, de olhos claros, e uma barba por fazer delineando o rosto de traços finos e elegantes. O homem sorriu para mim e eu corei.

— Desculpa, eu te conheço? — ele se voltou para mim sorrindo.

— Não... — balancei a cabeça.

— Ela é a esposa do senhor Duarte — Sandra entrevistou sorrindo.

— Claro! — o homem coçou a cabeça sorrindo — Eu já te vi no porta-retratos da mesa do Heitor, você vestida de noiva. Prazer, sou Alan Cerqueira, advogado do escritório.

— Prazer Alan, sou Amélia — levei a minha mão até a sua estendida e ela me apertou as nossas mãos. Num contato delicado, porém firme.

— Os contratos! — Sandra estendeu os papeis e Alan soltou minha mão.

— O Heitor não está na sala? — Alan perguntou a secretária que negou — Estou indo almoçar gostaria de vir comigo, Amélia? — voltou-se para mim.

— Você deveria ir com ele, não pode ficar muito tempo sem se alimentar — Sandra insistiu.

— Não sei.

— Eu pedi comida para dois, vamos comer aqui mesmo no escritório. Se o Heitor chegar antes de acabar de comer, Sandra te ligará.

— Isso, Amélia.

— Tudo bem. — Concordei, por que eu já estava com fome e eu não podia passar muito tempo sem me alimentar.

— Vamos? — Alan estendeu a mão para mim e achei gentil da parte dele me ajudar a levantar. Seguimos até a sua sala, um andar acima do escritório de Heitor, a sua sala era simples, mas bonita. Havia uma pequena mesa redonda com duas banquetas coloridas entre ela e foi até

lá que ele me guiou.

— Obrigada — agradei quando puxou a cadeira para eu sentar.

— Espero que você goste de filé à parmegiana... — Sorriu antes de me servir.

— Você costuma almoçar aqui? — indaguei.

— Na maior parte do tempo, sim. O escritório de advocacia consome metade do meu dia.

Como às vezes não tenho horário para almoçar resolvi fazer as minhas refeições aqui.

— Entendi... — falei pousando o garfo no prato — Você e o Heitor são amigos há muito tempo? — perguntei curiosa. Heitor não costumava falar das suas relações pessoais no trabalho ou fora dele. Eu não conhecia seus amigos, apenas o pouco que o Heitor contava sobre eles. Por isso, a minha curiosidade.

— Uns dois anos... — falou buscando na memória a data exata — Acho que é isso mesmo. Faz três anos que saí definitivamente de Patrocínio para o Rio. E uns dois que trabalho no escritório.

— Você também é mineiro? Seu sotaque não é carregado...

— Não me diz que você também é mineirinha? — deixou o sotaque vir à tona sorrindo — Passei uma temporada nos Estados Unidos e acabei anulando o meu sotaque... Mas não as minhas origens.

— Os mineiros vão dominar o mundo... — sorri

— Assim que acabarmos de comer mais um pãozinho de queijo. — Completou sorrindo, uma risada alta e gostosa de ser ouvida, daquelas que te fazem rir de volta. Alan sorria sem importar em chamar atenção, sem a preocupação de parecer bobo, aquela risada que deixa todos os dentes a mostra, muito ao contrário do Heitor que quando sorria emitia apenas um riso baixo e curto.

— Atrapalho? — Heitor indagou recostado a porta.

— Opa Heitor, entra! — Alan sorriu — Amélia e eu estávamos celebrando o encontro dos mineiros — fitou-me sorrindo e eu desviei os olhos.

— Oi, amor — levantei e fui ao seu encontro. Fiquei na ponta dos pés para dar um selinho em seus lábios — Eu vim te fazer uma surpresa.

— E conseguiu. — Respondeu sem humor na voz. E eu temi que ele causasse uma cena ali na frente do seu amigo.

— Alan, obrigada pelo almoço — agradei já com a bolsa a tiracolo.

— Foi um prazer conhece-la, Amélia — sorriu abertamente para mim — Vamos combinar de sairmos para jantar, Heitor. — Virou-se para o meu marido que exibia uma expressão de falso interesse. Mas, Alan parecia não ter captado, pois continuo falando animado — Conheço um

restaurante tipicamente mineiro, tenho certeza que a Amélia adoraria.

— Vamos, amor! — Toquei a mão do Heitor antes que ele fizesse uma cena ali em seu ambiente de trabalho. Heitor assentiu com a cabeça e saiu da sala em passos firmes e rápidos. Eu precisei acelerar os meus para acompanhá-lo. Entramos no elevador em completo silêncio.

— O que veio fazer aqui? — perguntou ríspido.

— Eu queria compartilhar com você o ultrassom do Miguel... — respondi e notei o elevador passar diretamente pelo andar do meu escritório. Para onde estávamos indo?

— E não poderia esperar para fazer isso quando chegasse em casa?

— Eu queria fazer uma surpresa, achei que ficaria feliz — confessei cabisbaixa.

— Olhe para mim e veja como estou feliz — ergueu o meu rosto e o que vi no seu semblante fez meu coração disparar. Havia fúria nos seus olhos e eu sabia o que acontecia quando ele agia daquela forma. Ele parecia ser possuído por um espírito maligno e se tornava um homem cruel.

— Eu sinto muito... — disse fracamente e uma lágrima rolou pela minha face.

— Por que você está chorando, porra? — gritou e estremeci — Engole esse choro, agora — apertou meu braço com força — Para de fazer cena! — disse entredentes quando o elevador parou e dois homens engravatados entraram conversando entre si.

Com muita dificuldade, respirei fundo e consegui controlar as lágrimas. Heitor estava abraçado a mim com uma expressão serena, quem nos visse agora não diria que estávamos brigando. Ele disfarçava muito bem.

— Põe um sorriso nesses lábios! — sussurrou em meu ouvido e forcei meus lábios a obedecerem ao seu comando.

Saímos do elevador em direção ao estacionamento, Heitor ainda abraçado ao meu corpo, guiando-me entre os inúmeros carros até chegar ao meu. Abriu a porta para que eu entrasse e colocou o meu cinto, tudo no mais completo silêncio. Quando ele deu partida no carro e saiu em disparada eu fechei os olhos e fiz uma prece mental aos céus para que nos protegesse.

O percurso até nossa casa fora apenas preenchido pelo som da música clássica. Heitor mantinha as duas mãos firmes no volante e não me fitou em nenhum momento, mesmo quando o carro parava nos semáforos. Ele sempre agia assim quando eu o irritava, ignorava-me completamente. Disse certa vez que era para eu aprender a valorizar a sua presença. Que o gelo era para o meu próprio bem... Para que eu usasse esse tempo para refletir sobre os meus erros.

Não contive o suspiro de satisfação quando chegamos ao condomínio que morávamos. Eu temia por nossas vidas quando ele dirigia raivoso, eu sei que ele era incapaz de nos machucar, mas ele não estava dentro de si. Estava atordoado e nessas horas qualquer fagulha podia virar

um incêndio. Por isso, eu me mantinha quieta e muda para evitar que ele se irritasse ainda mais.

Assim que adentramos no nosso apartamento e ele fechou a porta atrás de si ele voltou-se para mim.

— Prepara um Whisky! — ordenou e eu prontamente segui para a estante onde ficava a garrafa. Minhas mãos tremiam enquanto eu virava o conteúdo sobre o copo.

— Aqui. — Estiquei o copo em sua direção e ele bateu na minha mão fazendo o copo cair longe.

— Já te falei mil vezes como gosto da minha bebida e você não aprende! — vociferou.

— E-u. Eu... — gaguejei.

— Eu o quê? — indagou rude — Vai dizer que é burra demais para entender que só bebo Whisky com gelo?

— Você costuma beber sem gelo... — minha voz sai fraca.

— Mas, hoje eu queria com gelo e você deveria saber!

— Me desculpa...

— Não quero suas desculpas. Quero a minha bebida e dessa vez com gelo! — Assenti e segui para a cozinha para pegar o gelo. Minhas mãos estavam trêmulas e meu coração parecia sair pela boca tamanha a tensão no ambiente. Ele tinha razão, eu deveria estar atenta as suas vontades, saber o que ele queria antes mesmo de ele falar.

— Às vezes eu fico me perguntando por que casei com você — soltou quando voltei para a sala com o gelo. Ele mesmo já havia preparado a sua bebida e desfrutava sentando no sofá — Você não é a mulher mais bonita que já comi. Muito menos a mais inteligente...

As suas palavras pareciam farpas contra a minha pele, ouvi-lo falar que eu não era boa o suficiente para ele fazia eu sentir minha pele se rasgando dolorosamente.

— Você deve ter feito magia negra para mim. Aquele líquido que derrubou na minha camisa era algum ritual para me seduzir? — mantive meus olhos concentrados no chão enquanto ele falava as suas barbaridades. Não adiantava protestar ou me defender, isso apenas o irritava ainda mais — Estou falando com você! — gritou e eu levantei os olhos. — Conte para mim, o que fez para conseguir se casar comigo?

— Eu não fiz nada a não ser te amar...

— Sério que você tem a coragem de dizer que me ama quando até pouco tempo atrás estava gargalhando com outro homem? — inquiriu raivoso.

— Como você duvida do meu amor? — respondi com lágrimas nos olhos — Eu te amo mais que a minha própria vida, Heitor — uma lágrima rolou pela minha face — Você, depois do nosso bebê, é o que eu tenho de mais importante.

— Prove! — exigiu — Prove que me ama e que não existe mais ninguém na sua vida além de mim.

— Eu te amo! — confessei mais uma vez.

— Me dê seu celular — pediu e eu não entendi o que ele pretendia fazer, mas caminhei até a bolsa e entreguei o aparelho em suas mãos. Num ato inesperado ele lançou o aparelho contra a parede, quebrando-o em vários pedaços. Calmamente ele levantou e retirou o chip de uma das peças e o quebrou em vários pedacinhos. — Agora seremos apenas nós três, aqui será o nosso universo particular! — marchou em direção a cozinha e voltou minutos depois com o interfone em mãos.

— Ninguém mais irá nos incomodar ou interferir no nosso amor! — gargalhou como eu nunca antes tinha visto, um riso sádico e triste. — O que foi, amor? — voltou-se para mim com um sorriso congelado nos lábios — Está arrependida do seu amor? — fitou-me friamente.

— Não... — minha voz saiu tão fraca que tive medo que ele não tivesse ouvido por isso tornei a repetir — Eu nunca vou me arrepender do nosso amor.

— É por isso que sou louco por você — aproximou-se e deixou o nariz percorrer pelo meu pescoço — Você me enfeitiçou, Amélia... — sua boca seguiu o mesmo caminho do seu nariz e eu senti a sua ereção contra o meu ventre — Eu durmo e acordo pensando em você. O que será você está fazendo? Com quem está? Será que conversou com outro homem? Às vezes eu acho que vou surtar — sorriu — ou matar alguém... Eu não sei o que é mais viver sem você! — suas mãos moveram-se até meu vestido e tocaram meu sexo sobre a minha calcinha.

— Eu quero continuar sendo o único a tocar a sua boceta apertada... — afastou a calcinha e pincelou meu clitóris com o dedo — Diz para mim que sou o dono do seu corpo, diz — pediu e introduziu um dedo para dentro. Como eu não estava excitada, o contato me provocou uma dor, que eu fiz questão de reprimir.

— Você é o meu dono! — concordei e tentei beijar seus lábios, mas ele me recusou e guiou-me até o canto da sala, me pressionando contra a parede gelada. Meu corpo de costas para o seu. Ele retirou o dedo e voltou a me penetrar, dessa vez com o seu membro rígido. Estocadas fortes e rápidas contra o meu corpo, que faziam a minha barriga tocar a parede repetidas vezes, usei as mãos para manter uma distância mínima da parede e evitar que a barriga resvasse contra ela a cada vez que ele metia freneticamente contra mim.

— Eu estou quase gozando, amor... — disse completamente absorto em seu próprio prazer. Quando ele se esvaziou dentro de mim, afastou-se ofegante mandando eu me limpar.

Contive a vontade de chorar. Eu me sentia um objeto que fora usado e descartado, ergui a calcinha e segui para o banheiro, lutando contra as lágrimas.

No boxe deixe que as lágrimas se juntassem a água que escorria pelo meu rosto. Num choro silencioso e contido, apenas as lágrimas rolavam, enquanto eu transportava o meu pensamento para dias coloridos e repletos de sorrisos e amor. Daqui a alguns meses teríamos o Miguel como nossa companhia e o Heitor sorriria mais vezes quando fitasse o fruto do nosso amor. Viajaríamos juntos para visitar os avós e meu pai mostraria os bichinhos do sítio vizinho ao neto. Faríamos piquenique no parque, iríamos à praia e sorriríamos. Seríamos uma família feliz. Viveríamos felizes para sempre.

Dezesseis

A cada dia que se passa eu começo a duvidar se o meu “feliz para sempre” irá acontecer. Desde o dia que Heitor me flagrou almoçando com o Alan, tudo mudou. Estou incomunicável, meu celular quebrado nunca fora substituído. Não temos aparelho fixo em casa, e o interfone fora arrancado. Heitor falava sério quando disse que ele seria a única pessoa da minha vida.

A última vez que falei com alguém sem ser o Heitor, foi com os meus pais, o aparelho estava no viva voz, e Heitor ao meu lado encarando-me, o intuito da ligação era assegurar que eu estava bem e informar que faríamos uma viagem para uma casa de campo, onde ficaríamos até o Miguel nascer. Viagem esta que nunca ocorrera, era um disfarce para que ninguém nos procurasse no nosso apartamento. Repeti a mesma ligação para a minha prima, que estranhou o fato de eu não atender as ligações, mas acabei a convencendo quando falei que poderia ligar para o Heitor a qualquer momento que me encontraria.

Estou presa dentro da minha própria casa, refém do homem que amo. Homem esse que eu não reconheço faz muito tempo. O Heitor romântico e gentil pelo qual me apaixonei, não parece mais existir. Agora, um homem intempestivo e rude ocupa o seu lugar. Segundo ele a culpa é minha. Eu matei o homem romântico que existia dentro dele, eu não sou digna de flores e carinho, pois eu desperto o que há de pior nele, por isso ele me trata de tal forma.

A forma que ele se refere pode ser resumida em foder comigo sem preliminares, o ato sexual voltado ao próprio prazer e a sua satisfação como homem e a substituição dos beijos apaixonados e molhados por beliscões e apertos firmes nos braços cada vez que eu digo como me sinto presa nessa casa ou quando imploro entre lágrimas que me leve ao médico para continuar o pré-natal.

Estou trancafiada no quarto do bebê por tanto tempo, que posso detalhar de olhos fechados todos os itens que o compõe. Há dois meses ele virou o meu lar, o meu e o do meu Miguel, o meu anjinho da guarda. Após eu gritar por socorro durante uma discussão, Heitor me trancou ali. A música clássica alta abafa as minhas tentativas desesperadas de socorro. Estar aqui é o meu castigo por duvidar sobre o que é melhor para mim. Realizar apenas uma refeição durante o dia é a minha pena por ser desobediente.

Passei a aceitar todas as suas agressões em silêncio, pois quando passei a reagir ele me punia, retirando as refeições e água. E eu temia pelo meu bebê. Era por ele que eu não mais

gritava na tentativa vã de obter auxílio ou chorava quando Heitor invadia o quarto bêbado para despejar no meu corpo ofensas e seu gozo.

Por Miguel, eu agora passava o dia cantarolando canções de ninar, contando histórias com finais felizes as quais eu já não acreditava, mas fazia questão de verbalizar para que o bebê não captasse toda essa áurea negativa. Eu contava que quando a hora de dar à luz a Miguel chegasse, teríamos oportunidade para pedirmos ajudar para todos nós. Heitor precisava tanto quanto eu de auxílio, talvez até mais, uma vez que os seus problemas eram frutos de uma mente cada dia mais ensandecida, eu contava que com tratamento médico adequado para que o homem pelo qual eu me apaixonei viesse novamente à tona e que pudéssemos reconstruir nossa vida, deixando para trás esse tempo sombrio.

A música foi diminuída e escutei passos na casa, já deve ser noite e Heitor retornou do trabalho, sentei na cama com dificuldade e passei as mãos pelos cabelos, ele gostava de me ver bonita quando ia até ali. Esperava que ele trouxesse comida dessa vez, estava faminta, comi apenas um sanduíche no café da manhã. A porta abre-se vagarosamente e Heitor surge com um enorme sorriso nos lábios, ele está feliz e isso significa que hoje terei uma refeição completa.

— Está com fome, amor? — indaga entrando no quarto e fechando a porta.

— Faminta. — Respondo.

— O quê? — arqueia a sobancelha e o sorriso começa a desaparecer.

— Faminta, amor! — corrijo-me rapidamente.

— Ótimo. Você se comportou bem nessa semana, vamos jantar fora! — anuncia sorrindo.

— Vamos? — indago descrente. Há dois meses não sei o que é a luz do sol, nem o mundo por trás dessas paredes.

— Não acredita em mim, amor?

— Claro que acredito, amor... Eu só... — hesitei — Obrigada, meu amor! — Disse, por fim e seu peito inflou de satisfação.

— Tome um banho e vista a sua melhor roupa!

Olhei para os lados sem saber como dizer que não tinha nada o que vestir, todas as minhas roupas estão no nosso quarto, a única roupa aqui é a que uso.

— Claro — balanço a cabeça sorrindo — Você nunca foi boa em escolher roupa, eu trarei um vestido que te deixará digna de estar ao meu lado — forço um sorriso e ele se afasta deixando-me sozinha mais uma vez.

É a nossa chance. A chance de pedir auxílio. Mas, para isso preciso me manter serena, se ele desconfiar das minhas intenções eu perderei para sempre essa oportunidade. Preciso fingir que está tudo bem. Mascarar meus sentimentos essa noite para que ele acredite em mim e baixe a

guarda.

Estou enrolada numa toalha quando ele retorna com um vestido azul de mangas. Troco de roupa ali mesmo na sua frente e ele me ajuda a fechar o zíper. O vestido é de quando eu estava com três meses, mas como eu perdi muito peso ele cabe perfeitamente. Um colar de pérolas é colocado no meu pescoço e suas mãos demoram mais tempo que necessário ali. Inspiro fundo para que ele não perceba que eu temo pelo seu toque inesperado.

— Sua respiração está acelerada.... — diz com as mãos ainda ali tocando a minha pele.

— Seu toque me deixa assim, amor... Meu corpo todo irradia quando chega perto de mim.
— Eu não sei como consigo, mas as palavras saem serenas e contundentes e isso o agrada.

— É verdade? — toca meu rosto — Prove-me! — Sem pensar duas vezes colo nossas bocas, enquanto as minhas mãos enlaçam o seu pescoço, minha língua o provoca e ele corresponde com o mesmo fervor. Todas as minhas fichas estão depositadas nesse beijo, Heitor precisa acreditar que ainda o desejo apesar de tudo.

— Quando disse que estava faminta eu pensei que era de comida. Mas, agora vejo que é de mim — sorri abertamente — Talvez devêssemos cancelar o jantar e nos alimentarmos um do outro — sugere e eu contenho a vontade de gritar um sonoro “não”. Ao invés disso, toco seu peito e sorrio antes de falar:

— Temos todo o tempo do mundo para desfrutar do nosso amor.

— Você tem razão — sorri — Vamos antes que eu mude de ideia. — Enlaçou o braço ao meu e saímos.

Durante todo trajeto até o restaurante, Heitor está mais relaxado que o normal e começa a me contar que dentro de quinze dias estará de férias e que já alugou uma casa numa região serrana para ficarmos até o Miguel nascer. Confessa até que passou por uma loja infantil e comprou um móvel para o berço, onde de carneirinhos saem música clássica. Escuto tudo atentamente e uma onda de felicidade percorre meu corpo. Estou num conflito interno, pois o que estou prestes a fazer será uma traição, e não sei o Heitor será capaz de me perdoar. Ele está voltando a se o que era. Tratando-me bem e eu iria fugir. Iria provocar nele uma dor dilacerante, mas era para o nosso próprio bem.

Eu acreditava veementemente que ele compreenderia que as minhas atitudes eram para o nosso bem. O nosso bem-estar, não poderíamos ser felizes com ele dessa forma. Quando tudo logo se resolvesse estaríamos juntos e riríamos dessa fase ruim.

Jantamos o mais tranquilamente possível. Alimentei-me bem, comendo tudo que havia no prato e bebi bastante água. Conversamos um monte de bobagens, das quais nem lembro, pois não eram do meu interesse. Aguardávamos a sobremesa quando eu decidi que era agora ou nunca.

É para o meu próprio bem.

É para o bem do meu filho.

É para o bem da nossa família.

Tomei coragem e voltei-me para Heitor amavelmente.

— Amor, preciso ir ao banheiro.

— Eu te acompanho. — Levantou-se da cadeira.

— Eu estou com dor de barriga — digo timidamente — Eu ficaria constrangida se me esperasse do lado de fora.

Ele hesita por alguns segundos e concorda, por fim. Num autocontrole que eu nem mesma sabia que tinha, deposito um selinho nos seus lábios e sigo em direção ao banheiro. Já estive nesse restaurante e conhecia o ambiente, um longo corredor nos levava até os banheiros, por isso mantenho meus passos relaxados, sei que Heitor me observa no ponto distante. Uma curva para a direita e chego ao banheiro feminino.

Trêmula observo-me no espelho a minha frente. Eu preciso passar para o lado esquerdo e entrar na pequena porta de acesso aos funcionários, mas e se o Heitor estiver me observando ainda? *Coragem, Amélia! Tenha coragem pelo seu filho!* Repito para mim mesma e saio do banheiro, olho para o corredor e nenhum sinal do Heitor. Apresso os passos e quando as minhas mãos giram a maçaneta uma voz me faz estremecer.

— Onde você pensa que vai? — viro em direção a voz e não é o Heitor, solto o ar com força — Esse lugar é restrito aos funcionários, senhora! — diz um homem usando terno, que presumo ser um dos seguranças.

— Eu não estou me sentindo bem... — cambaleio e suas mãos me amparam guiando-me até o espaço dos funcionários, o depósito do restaurante

— A senhora quer água?

— Eu preciso apenas sair daqui! — digo apavorada — Me mostre uma saída, por favor — imploro segurando a sua mão.

— Eu posso te guiar até o salão.

— Não! Deve haver outra saída...

— Aconteceu algo? — olha-me atentamente.

— Sim... Eu marquei um encontro com uma pessoa e ela está sendo inconveniente.

— Eu posso guia-la até a porta e garantir que fique em segurança até seu carro chegar!

— Eu agradeceria muito, mas eu não queria passar pelo salão e ficar frente a frente com ele... — O homem hesita por alguns segundos e concorda em me ajudar. Guia-me por dentro do restaurante até uma porta ao fundo do restaurante. Um beco escuro e desabitado.

Uma chuva forte cai do lado de fora e eu caminho o mais rápido que minhas pernas permitem sem saber que direção seguir. Estou apenas me distanciando do restaurante. Aceno com as mãos quando avisto um táxi, mas ele não para e passa por cima de uma poça jogando lama sobre meu corpo.

Não conheço a região muito bem, mas deve ter um ponto de táxi, ali por perto, sigo desorientada em meio a chuva acenando para todos os carros que passam, mas nenhum para. Começo a temer que a essa altura Heitor já tenha descoberto que fugi e esteja a minha procura.

Não, Deus, não deixe que ele me encontre!

Estou cada vez mais desesperada quando a chuva aumenta e eu não encontro um táxi. Eu não deveria ter jogado o cartão da advogada Gisele, talvez ela pudesse me ajudar agora... Eu teria ligado do restaurante para ela e... Não importa mais, de qualquer forma. *Vai ficar tudo bem, meu amor!* Acaricio a minha barriga enquanto continuo caminhando em meio a chuva torrencial. Meu queixo começa a bater de frio, mas eu não desisto, continuo atrás de auxílio.

Um carro aproxima-se com os faróis altos e aceno desesperadamente para ele. Não consigo enxergar nada, a luz é forte contra o meu rosto, o carro para a alguns metros e a porta se abre, o homem desce e só quando ele é iluminado pelo farol reconheço a silhueta: é o Heitor.

Corro em direção oposta, as lágrimas inundando meu rosto, meu coração acelerado parece que vai sair pela boca. Eu não vou deixar que ele me capture, não agora que fugi! Piso em falso no chão e caio, consigo amortecer a queda com as mãos, mas não consigo levantar rapidamente. Ele estava cada vez mais próximo!

Levanto-me com dificuldade solto um gemido de dor, meu pé deve ter torcido. Não desista! Mancando continuo fugindo dele, mas é inútil, ele está cada vez mais perto, cada passo que eu dou, dois dele são dados, já sinto o seu perfume mais perto. Já posso sentir suas mãos vindo em minha direção e faço a única coisa que posso fazer nesse momento: Grito!

— Cale a boca, sua vadia! — puxa-me pelos cabelos e eu grito ainda mais alto. Dessa vez, a dor une-se ao meu desespero — Eu mandei calar a porra dessa boca! — leva as mãos até a minha boca e eu mordo. Ele não me solta, pelo contrário, pressiona ainda mais a mão contra mim. Luto pela minha liberdade e tento atingi-lo com os pés e braços, mas meus ataques são inúteis. Quando estou cansada e ofegante de tentar, ele, sem soltar a minha boca, me guia até o nosso carro.

Os pingos grossos da chuva escorrem pelo meu rosto e eu não sei mais dizer o que é lágrima ou chuva. Os carros passam rápidos na via, completamente indiferente ao meu sofrimento. Heitor atira-me contra o chão quando chegamos no carro e eu caio batendo a barriga contra o asfalto encolho-me de dor e penso mais uma vez em Miguel.

— Me leva para o hospital! — suplico.

— Eu não sei como acreditei em você! — abre o porta-malas e retira uma fita preta de dentro dele — Você é uma vadia, uma vadia como a minha mãe!

— Nosso bebê... — não completo pois sou atingida por um chute forte nas minhas costelas. O ar parece sumir dos meus pulmões, pois não consigo respirar, quando finalmente consigo, é um chiado que escapa do meu peito.

— Na próxima vez que falar sem eu autorizar, acertarei essa maldita criança, entendeu? — Assinto com a cabeça — Eu não ouvi! — Grita.

— Sim, amor! — digo chorando.

— Por que você achou que iria escapar tão fácil? — abaixa-se na minha direção — Você é burra demais para isso! — sorri sarcasticamente — Mas confesso que fiquei surpreso pela sua ousadia em tentar, me enganou direitinho...

— Me perdoa! — peço quando ele arranca um pedaço de fita e encolho-me esperando que ele me agrida novamente, mas ele apenas leva a fita até a minha boca, para me calar.

— Eu sabia que não deveria ter confiado em você. Por isso, que você fica presa naquele quarto, por que não é digna da minha confiança — o olhar que o Heitor me direcionava era de alguém completamente ensandecido. Suas mãos me ergueram e me depositaram feito um saco de batatas no porta-malas.

— Eu te amei tanto Amélia, mas você provou ser igual a todas as outras, estava me abandonando... Você quebrou a promessa de que ficaria ao meu lado até o fim dos seus dias.

Quero gritar que não, que eu não estava o abandonado. Pelo contrário, eu estava buscando auxílio para que tudo voltasse a ser como quando nos conhecemos, eu queria devolver ao Heitor a alegria e a serenidade. Já que fui eu que a tirei quando entrei em sua vida, eu deveria ser a responsável por trazer de volta e a forma torta que encontrei de fazer isso era buscando auxílio de um médico. Alguém que pudesse nos ajudar.

— Você nunca entendeu que tudo o que eu fiz foi para o seu próprio bem... — Continuou falando num monólogo — Você não concorda? — Balancei a cabeça e ele sorriu antes de arrancar a fita da minha boca — Não é verdade? Tudo que eu fiz foi para o seu bem, não é? — tocou meu rosto com carinho e eu respondi entre lágrimas.

— Sim, amor... — um tapa forte atinge meu rosto e ele gargalha.

— Eu não caio mais nas suas mentiras!

— Eu estava buscando nossa felicidade... — outro tapa acerta meu rosto.

— Você estava fugindo de mim como todas as vadias que passaram pela minha vida! — grita — Mas, eu não serei mais enganado... Nunca mais! — A fita evolve a minha boca novamente

e ele bate a porta com força. Estou presa, presa mais uma vez ao Heitor.

O carro começa a se movimentar e eu respiro com dificuldade enquanto sou sacolejada dentro do porta-malas. O que parece ser uma eternidade depois a porta é aberta e Heitor fita-me, seus olhos estão sombrios.

— Levanta! — ordena e eu obedeço, ele ajuda-me a sair do porta-malas e quando estou de pé encara-me antes de falar — Eu não posso sair da cidade com você aqui dentro... — observo ao redor estamos numa região isolada, uma mata espessa por todo o ambiente — Por isso, eu vou te tirar daqui, mas qualquer gracinha sua, eu terei que te castigar e você se arrependerá profundamente se pagar para ver! Estamos entendidos? — concordo com cabeça.

Sem soltar meu braço, ele guia-me até o banco do carona e depois volta para o seu lado. Travando as portas. Ele girou a chave ignição e pôs o carro a mover-se. A chuva havia diminuído, mas não cessado, gotas fortes se chocavam contra os para brisas, mas Heitor parecia indiferente ao temporal, continuava acelerando cada vez mais, o velocímetro agora marca 90 Km/h e eu abraço meu próprio corpo.

— Está com medo de mim ou de morrer sem conhecer o rosto do Miguel? — Heitor desvia os olhos da pista e encara-me com um sorriso sádico nos lábios. Não consigo conter o choque que as suas palavras provocam em mim e um soluço alto escapa quando o nó na garganta transforma-se em um crise de choro, lágrimas grossas e feias escorrem pela minha face e junto com elas meus ombros tremem desesperadamente. Não sei se me assusta mais o fato de Heitor achar isso divertido ou o fato de que ele despreza completamente nosso filho.

— Pela sua expressão eu presumo que ame mais esse moleque que nem nasceu do que a mim! — desvia mais uma vez os olhos da pista e quase perder o controle do volante, pois vamos parar no acostamento — Eu ou o moleque? Quem você mais ama nessa vida?

— Eu amo os dois por igual! — respondo.

— Só há lugar para um homem na sua vida, Amélia. Apenas um homem, e você deve escolher entre nós dois! — permaneço em silêncio, pois sei que a minha resposta o desagradaria. — Responde, porra! — grita e instintivamente levo a mão até a minha barriga para proteger Miguel de qualquer ataque dele.

— Heitor... Pare o carro para que possamos conversar. — Suplico na esperança que o meu desespero o sensibilize, que traga à tona o meu marido.

— Conversar? — balança a cabeça — Eu não quero mais conversar com você e ser enganado pelas suas palavras melosas... — uma lágrima escapa pelo seu rosto e sei que estou quase tendo acesso ao homem por trás da fúria.

— Vamos reconstruir a nossa vida... — acaricio seu braço — Vamos recomeçar em um

lugar distante, apenas eu e você!

— Eu e você e ninguém mais? Sem nenhuma criança para compartilhar o seu amor? — fita-me em expectativa e eu luto para conter as lágrimas de desespero.

— Eu e você... — digo fracamente, mas meu corpo me trai e uma lágrima rola pelo meu rosto. Eu não poderia negar o Miguel, ele já era uma parte minha e Heitor sabia muito bem disso.

— Sua vadia, mentirosa!! — rosna — Só está falando isso para salvar essa criança maldita.

— Heitor, ele é nosso filho. O fruto do nosso amor...

— Eu mataria com as minhas próprias mãos essa criança! — dispara e vejo mais que fúria em seu olhar, vejo a real intenção de fazer isso.

— Não! — digo entre soluços — promete para mim que não tocará nunca no meu filho. Promete! — agarro a sua mão no volante — Faça o que quiser comigo, mas deixe ele viver.

— Você daria a sua vida por ele? — indagou atordoado — Daria a vida por um ser que jamais te amará como eu te amo? — sua voz sai fraca e ele entra em colapso, começa a chorar descontroladamente.

— Heitor, pense na sua carreira, no seu emprego! — clamo para a sua racionalidade, pois sei o quanto ele preza por tudo que conquistou.

— Você me destruiu Amélia, você me destruiu quando entrou na minha vida... — seus olhos azuis fitam-me e perco-me no olhar de um homem perdido em seus próprios medos e devaneios — E sabe o que é pior nisso tudo? — as lágrimas continuam rolando pela sua face — Eu fiz tudo isso por que eu te amo, fiz para o seu próprio...

Não escuto o que vem depois, pois como em câmera lenta, vejo sua boca abrir e fechar, mas não escuto nenhuma palavra. Apenas sinto o carro ser sacolejado e rodar por uma, duas, três, quatro vezes. Meu corpo é projetado para a frente e sinto o ar sumir dos meus pulmões quando o *airbag* comprime meu peito. Mais um giro e sinto que estamos caindo em queda livre. O grito preso na minha garganta é dilacerante. Olho para o lado e vejo o rosto do Heitor amassado contra o *airbag*. Sinto um gosto de sangue na minha boca e tudo gira mais uma vez e termina com um baque ensurdecido.

— Heitor... — sibilo e ele não reage seu rosto é uma pintura vermelha. Tento soltar o cinto, mas não consigo mover minhas mãos, todo o meu corpo parece que foi esmagado por um caminhão, movimento as minhas pernas e tudo que escuto é o estalar dos ossos.

Meus olhos se fecham por um segundo e reabrem. Eu não posso apagar! Não antes da ambulância chegar e salvar o meu filho. Sinto um líquido quente escorrer pelas minhas pernas e as lágrimas juntam-se ao sangue da minha face.

Aguenta, mais um pouco meu amor!

Mentalizo e meus olhos fecham mais uma vez, dessa vez demoro mais a abri-los. Minha cabeça está pesada e eu estou cada vez mais sonolenta. Não sei quanto tempo me mantereí acordada, mas eu cumpriria a promessa que fiz ao Miguel.

A última coisa que me lembro é o som estridente da ambulância aproximando-se e eu paro de lutar contra o meu corpo.

Escuridão.

Dor.

Sangue.

Gritos.

Lágrimas.

Miguel!

Sou transportada para um mundo sombrio e repleto de dor, mas estou em paz. Pois sei que cumpri a minha promessa, quando mãos firmes retira-me das ferragens.

Meu menino está salvo.

Epílogo

É para o meu próprio bem!

É para o meu próprio bem!

É para o meu próprio bem!

É para o meu próprio bem!

É para o meu próprio bem!

Repito enquanto embalo meu próprio corpo.

As pessoas ao meu redor vivem definindo o que é para o meu próprio bem! Foi para o meu próprio bem que me colocaram nesse lugar. Um quarto cúbico branco e sem janelas, com paredes revestidas de material macio. Um material tão macio que ainda que eu me atire contra ele por repetidas vezes, nada me acontece. Nenhum osso é quebrado, nenhum filete de sangue escorre pelo piso... Estou num lugar seguro, um lugar que eu não posso me ferir. Isso foi o que eles me disseram, mas a verdade é que eles me colocaram nesse lugar com paredes acolchoadas, para que eu não possa sujar o chão deles com meu sangue enquanto eu me arremesso contra as paredes.

O que mais detesto de estar nesse quarto não são as suas paredes brancas ou a total ausência de sons. O que eu mais odeio em estar aqui é saber que o Heitor não aparecerá no fim da noite para me trazer o jantar. Ele não entrará enquanto eu durmo e nem introduzirá seu membro quente e rígido em meu corpo, que o receberia com espasmos de prazer. Ele não me contará como foi o seu dia, nem gargalhará depois, quando se der conta que não tenho o que contar, pois passo meus dias aqui trancafiada.

— Heitor... — Chamo, fracamente, seu nome.

— Calma... Está tudo bem! — Ouço uma voz feminina doce.

Tento abrir meus olhos, mas eles não obedecem ao meu comando. Tento mais uma vez e consigo mantê-los abertos por alguns segundos, tempo suficiente para eu ver que estou em um hospital. As lembranças surgem em minha mente como flashes. Estamos no carro, Heitor grita comigo. Eu choro, o carro rodopia. O rosto de Heitor está ensanguentado. Minhas pernas não se movem, escuto a sirene da ambulância e apago. As lembranças são pancadas dilacerantes na minha cabeça e

eu grito levando as mãos à ela atordoada com as fortes dores.

— Calma... — a mulher se aproxima de onde estou — Você está no hospital São Mateus, a senhora lembra-se do que aconteceu?

— Meu marido... — abro os olhos e deixo-os se acostumarem a claridade — Eu preciso ver meu marido...

— Seu marido está bem! — assegura, mas não acredito nela. Quero ver com meus próprios olhos.

— Eu preciso vê-lo!

— A senhora vai vê-lo, mas antes precisamos realizar mais alguns exames para saber se está tudo bem.

— Promete que depois desses exames irá me levar até ele, promete?

— Prometo! — ela sorri e começa a me submeter a alguns exames ali mesmo na cama.

Um homem calvo se aproxima de nós e se apresenta como doutor Silvio, ele é neurologista e me explica que estive em coma por quarenta e cinco dias, e há dois dias, a medicação sedativa vem sendo retirada. Por isso, eu ainda me sinto confusa.

Doutor Silvio é simpático e bem-humorado, sorri revelando seus dentes amarelados, ele pede que eu execute alguns movimentos como abrir e fechar as mãos, piscar os olhos e tantos outros que, segundo ele, são para verificar os meus movimentos. Estou impaciente, mas não reclamo, me submeto a tudo que ele pede, pois, a mulher de expressão amigável me garantiu que me levará até o Heitor ao final de tudo.

— Agora posso ver o Heitor? — indago quando o médico começa a escrever na prancheta e diz que o meu quadro evolui muito.

— Calma! — estou cansada de todos me dizerem para ter calma — Como eu falei, você acabou de sair de um quadro de coma e precisamos garantir que você está bem... Que bom que você chegou Maiara — o médico volta-se para uma mulher que entra apressada no quarto.

— Você ficará em boas mãos! — doutor Silvio sorri e afasta-se.

— Olá Amélia, tudo bem? — uma mulher de aparência jovem usando um vestido longo floral aproxima-se da cama — Eu sou a Maiara, sou psicóloga e estou aqui para conversarmos. Tudo bem? — apenas assinto. Talvez ela seja a pessoa que me levará até o Heitor.

— Nos últimos quarenta e cinco...

— Eu já sei a história toda... — interrompo a mulher, não quero saber que passei os últimos dias em estado vegetativo nessa cama de hospital, apenas quero ver o Heitor — Eu quero saber do Heitor, por que ninguém me diz como ele está? — indago entre lágrimas.

— Calma... Heitor está bem... — limita-se a dizer e não gosto disso — Sua prima Grazielle, já

está a caminho do hospital. Ela ficou com você durante esse tempo. Preciso te fazer algumas perguntas e quero que me diga como se sente. Você recorda do dia do acidente? Quem estava no carro?

Não preciso me esforçar para recordar o que aconteceu, as lembranças estão nítidas na minha memória. Lembro que após eu fugir do restaurante para pedir ajuda, fui capturada pelo Heitor e seguimos dentro do seu carro para um novo lugar onde recomearíamos. Lembro de ouvi-lo dizer que tudo que fez foi para meu bem. Lembro também do meu choro desesperado suplicando pela vida do nosso filho...

— Meu bebê! — levo as mãos ao meu ventre e ele não está mais ali. Lágrimas grossas e feias escorrem pelo meu rosto com o rumo sombrio dos meus pensamentos.

— O Miguel está estável — ela toca a minha mão e eu sorrio em meios as lágrimas, meu bebê está vivo — o parto foi realizado em situação emergencial e ele está na UTI neonatal, onde está sendo monitorado. Vamos levar você lá, certo?

— O Heitor já viu o filho? Ele já viu o rosto do nosso menino?

— Amélia... — Ela hesita — o Heitor já teve alta.

— Graças a Deus — digo entre lágrimas — Já ligaram para ele para informar que eu despertei? Ele já deve estar a caminho. Eu preciso me arrumar, ele gosta de me ver bonita. — As duas mulheres, a psicóloga e a enfermeira que permaneceu na sala, trocam olhares silenciosos. Mas, não importo meu Heitor está vivo, meu amor está bem, Miguel está bem, eu estou bem. Podemos recomear...

— Amy — Grazi invade a sala e me abraça apertado — Eu senti tanto medo... — sua voz estava embargada — Mas agora você está bem — sorriu com os olhos marejados.

— Eu estava falando com a Maiara sobre o Heitor. Quero ficar bonita para ele, quero que você me ajude com isso — sorri animada para minha prima e sua expressão se modificou, ela baixou os olhos.

— O que está acontecendo? Você mentiu para mim? — encaro a psicóloga.

— Não — negou com a cabeça — o Heitor recebeu alta há trinta dias e desde então nunca mais retornou ao hospital. Mas não se preocupe, vamos continuar tentando entrar em contato.

— É verdade? — olho para Grazi que confirma — Por que ele não voltaria? Ele deve ter trocado de número... Claro, perdeu o antigo número no acidente. Você precisa ir até ele, Grazi. Precisa ir no nosso apartamento e contar pessoalmente a ele. — Suplico.

— Ele não mora mais lá... — a essa altura meu estado de incredulidade alterou-se para desespero — Sinto muito Amy...

— Você foi no apartamento errado — digo entre lágrimas — e o escritório? Ele é sócio... —

tento levantar da cama, mas sinto-me tonta e sou amparada pela psicóloga.

— Amélia, calma... — a psicóloga pede e eu grito.

— Não me mande ter calma! Não quando o homem que eu amo está saindo da minha vida! — esbravejo. — Eu preciso ir até o Heitor, eu preciso encontrá-lo!

— Você não quer ver o Miguel, Amy? Ele é tão lindo — Grazi diz, mas sei que ela está apenas querendo atrapalhar que eu encontre o Heitor, ela nunca gostou dele.

— Eu irei vê-lo. Mas, quando o Heitor estiver ao meu lado — enxugo as lágrimas — Seremos uma linda família — um sorriso tímido surge nos meus lábios em meio as lágrimas.

— Você ainda não recebeu alta...

— Então chame o médico para fazer isso, não fico aqui mais nenhum minuto! — informo ciente da minha decisão.



Contrariando ordens médicas e assinando inúmeros papéis que me responsabilizam, única e exclusivamente por qualquer coisa que me aconteça após eu sair desse hospital, sigo em busca do Heitor. A Grazi está ao meu lado, não pude negar a sua presença quando se ofereceu para me levar até ele, estou sem dinheiro e precisava dela nesse momento.

No caminho, ela me conta que meus pais permaneceram no Rio durante uma semana e como eu não apresentei nenhum sinal de melhora imediata, retornaram para casa. Ela informa que já entrou em contato com eles dando-lhes as boas novas, eles já estão de malas prontas para virem para cá. A Grazi continua a me atualizar sobre o que ocorreu, informa que recebi flores e visitas dos amigos da faculdade, conta-me que um homem chamado Alan esteve no hospital diversas vezes e deixou um cartão com a minha mãe.

— E o Heitor? — pergunto, pois só ele me interessa e ela não fala dele.

— Amy...

— Você não se deu ao trabalho de avisá-lo — acusei — eu sei que você não concorda com ele, mas ele é o meu marido!

— Por mais que eu não goste dele, eu tentei sim entrar em contato com ele, mas ele sumiu! Não o encontro em nenhum lugar.

— Isso deve ser um grande mal-entendido. Ele não me abandonaria assim... Não depois de tudo que passamos.

Grazi fita-me com tristeza e sei o que ela está pensando. Assim como a Geane, ela não compreende o nosso amor. Ninguém compreende.

Quando o carro estaciona em frente ao prédio que Heitor trabalha eu suspiro aliviada. Tenho certeza que encontrarei o Heitor aqui, tenho certeza que ele ficará radiante quando me ver.

Na portaria, minha entrada não é autorizada. Nem mesmo quando apresento meus documentos e informo que sou a senhora Amélia Duarte, esposa do Heitor Duarte. Peço para que a recepcionista ligue para o próprio e informe a minha presença, mas a mulher apenas diz que não tem nenhum Heitor Duarte ali. Deve haver algum engano, suplico que a mulher busque novamente o meu marido e dessa vez adiciono as informações que lembro: o número do andar do seu escritório e a sua secretária. A mulher continua a repetir que não há nenhum Heitor Duarte naquele prédio e pede gentilmente que eu me retire dali, pois estou atrapalhando seu trabalho.

— Vem, Amy... — Grazi toca meu braço e me retira dali, estou paralisada. Não consigo me mexer, nem raciocinar.

— Grazi, ele trabalha aqui! O Heitor trabalha aqui — repito atordoada.

— A mulher assegurou que não há nenhum homem com esse nome...

— Eu não estou louca — grito e recebo olhares curiosos em minha direção — Eu mesma já estive aqui... Eu sei que é aqui que o Heitor trabalha.... O Alan...

— O quem tem o Alan?

— Ele é colega de trabalho do Heitor — completo — informe o nome dele na recepção, tenho certeza que irá autorizar a nossa entrada, por favor Grazi — imploro.

— Vamos tentar, mas se ele não autorizar iremos voltar para o hospital, certo?

— Ele irá nos receber! — digo cheio de esperanças.

— Amélia...

— Eu prometo! — digo apenas para que ela faça o que eu quero. E ela faz, vai até a mulher e faz a solicitação.

— Ele está vindo! — Grazi informa e eu sorrio aliviada. Aguardamos Alan no saguão, não entendo por que nossa entrada não foi autorizada, mas não importa, o que importa é que ele me dará notícias do Heitor. Pedirei a ele que mande a recepcionista atualizar a sua lista de contatos, pois com certeza está defasada.

— Eu não acreditei quando me disseram que você estava aqui! — Alan fitou-me com felicidade estampada no rosto — Como é bom vê-la assim... — abraçou-me forte e eu não retribuí o abraço. O Heitor não ficaria feliz se nos encontrasse assim...

— Desculpa... — sorriu envergonhado — Eu estou muito feliz em vê-la, muito mesmo Amélia. Grazi, tudo bem? — cumprimentou a minha prima com um abraço e ela retribuiu — Que tal irmos

conversar num lugar tranquilo, conheço um restaurante há duas quadras...

— Alan, eu estou aqui pelo Heitor — interrompo — O hospital não está conseguindo entrar em contato com ele, o que é muito estranho, sabe? Ele também não está no apartamento...

— Amy, vamos conversar num lugar mais reservado... — minha prima sugere e eu discordo.

— Eu não quero ir para lugar nenhum — rebato irritada — quero encontrar o Heitor. Você pode anunciar que estou aqui, Alan?

— Amélia... A última vez que vi o Heitor foi um dia antes do acidente.

— Como assim? — questiono — Ele recebeu alta... Já entendi... Ele não retornou ao trabalho... Claro! Que burra eu sou... Quem volta ao trabalho depois de um acidente... — sorri — Você tem o novo número dele?

— Amélia, eu não faço ideia de onde o Heitor está... Sinto muito.

— Vocês são colegas de trabalho, você não foi visitá-lo no hospital?

— Assim que Heitor apresentou uma melhora ele foi encaminhado para um hospital particular — minha prima informa — foi exigência do próprio.

— E nenhum de vocês foi até ele? — indago tristemente — Eu sou a única família dele.... Vocês não podiam deixar o Heitor sozinho.

— Eu mesmo fui até lá e ele não estava mais... — Alan disse cabisbaixo — Amélia, eu sinto muito em ser eu que tenha que te dizer isso, mas o Heitor desapareceu sem deixar rastros.

— O que isso significa? — Pergunto e sinto tudo ao meu redor girar.

— Que o Heitor não trabalha mais aqui. A sociedade foi rompida, por intermédio de um advogado, o mesmo advogado deixou escapar que o apartamento que ele morava já foi vendido....

— Não pode ser verdade! — balanço a cabeça em negação — o meu Heitor não iria embora sem me levar... Ele me ama!

— Eu sinto muito! — Alan aproxima-se e eu recuo.

— Vocês estão mentindo para mim! — grito enquanto me afasto deles — Vocês não suportam a minha felicidade e por isso inventaram essa mentira. Eu vou encontrar o Heitor, ele me ama! — enxugo as lágrimas que turvam a minha visão — Vamos começar uma vida nova, longe de todos vocês!

— Amélia! — Alan grita e sinto o meu corpo bater com força no chão.



Meu Heitor me abandonou. Pelo menos é o que todos querem que eu acredite. Não acredito,

deve haver alguma explicação, por isso suplico a uma enfermeira que me consiga um celular, eu mesmo quero entrar em contato com hospitais, necrotérios, delegacias, qualquer lugar que possa me levar até o Heitor.

Estou de volta ao quarto de hospital que permaneci pelos últimos meses, depois do meu desmaio, Grazi e Alan me trouxeram para cá. Mas eu já os expulsei com gritos histéricos. Para o meu próprio bem, os médicos decidiram que o melhor agora é que eles me deem um tempo. Os dois estavam aqui para garantir que eu não encontrasse o meu marido. Eu já sabia que a Grazi, não gostava do Heitor, ela mesma já dissera, mas o Alan? Ele fingiu ser amigo do Heitor, me tratou bem quando eu estive no escritório. Estava tudo claro agora, era uma farsa. A sua expressão que antes eu interpretara como a de um homem doce e agradável, era na verdade uma máscara, uma máscara para me tirar do meu marido.

Agora tudo está tão claro, foi depois que Heitor me flagrou na sala do Alan que tudo desandou em nossa vida. Heitor ficou transtornado naquele dia e perdeu toda sua racionalidade. Foi por conta daquela minha maldita surpresa que acabamos envolvidos nesse acidente. Foi por minha culpa que o Heitor sumiu. Eu fiz ele entender que eu abandonaria a nossa família. Eu sou a culpada por meu amor sair da minha vida.

Pelo menos, eu tenho Miguel, o fruto do nosso amor. Nosso filho seria o que nos uniria mais uma vez, com ele ao meu lado, eu saberia que Heitor retornaria e juntos recomeçaríamos uma vida. Longe de mentiras, apenas nós três e o nosso amor.

Falando em Miguel, eu aguardo ansiosamente a hora da visita. É a primeira vez que eu estarei ao lado do meu filho, poderei ver o seu rosto, tocar a sua mão, dizer a ele que tudo está bem e que tudo ficará melhor quando nos juntarmos ao seu pai. Aí sim, será felicidade completa.

Enquanto estou vestindo a roupa adequada para entrar na UTI neonatal a pediatra de plantão me atualiza sobre o estado de saúde do Miguel.

Assim que demos entrada no hospital, a equipe médica local realizou um parto de emergência e conseguiu salvar Miguel. Meu menino começou a batalhar pela sua vida. Devido ao pouco peso e algumas lesões identificadas na ressonância, ele foi para o UTI neonatal. Assim como eu que, distante dele, lutava a minha própria batalha. Os médicos e enfermeiros repetem que eu sou uma sobrevivente, uma guerreira. Tive quatro vértebras fraturadas e todos os ossos dos dedos pés quebrados. Resisti a duas paradas cardíacas e acordei depois de meses em coma.

Mas, eu não me sinto assim. Sinto-me uma mulher derrotada, dilacerada em meio ao sofrimento que causei aos que amo. Se Miguel está passando por tudo isso, sou a responsável por trazer tanta dor e sofrimento a ele.

— Pronta, para ver seu menino? — a pediatra sorri para mim e assinto com lágrimas nos

olhos. Estou tão ansiosa para ver seu rosto, sonhei tanto com esse momento que agora que estamos tão próximos, duvido que isso seja real.

Aproximo-me da incubadora e vejo ele tão pequenino que caberia perfeitamente em minha mão. Meu menino é tão frágil, tão frágil que sinto um aperto em meu coração. Eu que deveria protegê-lo, fui a responsável por colocá-lo nessa situação.

— Agora você está protegido, amor... — falo baixinho e ele reage ao som da minha voz. Seus olhinhos fechados se abrem preguiçosamente e irradiam o meu coração quando constato que os olhos são da cor dos do pai — Mamãe está aqui, amor.

Seu peito sobe e desce por repetidas vezes e os bipes começam a apitar ruidosamente. Algo não está certo. Não está.

— A senhora precisa sair daqui. — A médica aproxima-se apressada.

— O que está acontecendo? Eu não vou deixar meu filho aqui.

— Alguém traga o desfibrilador — ela grita e meu coração perde o compasso. Braços firmes me erguem e me levam para fora da UTI .

— Meu filho! — me debato entre lágrimas, mas o homem não me solta — Miguel! — grito desesperada.

— A médica está cuidando dele. Vai ficar tudo bem...

— Meu menino... Ele não pode morrer! — choro descontroladamente e escorrego até o chão. Choro abraçada ao meu próprio corpo. Ele é a prova viva de que tudo que vivi com o Heitor foi real. Ele é o que me restou para recomeçar.



Balanço o meu bebê contra meu corpo e beijo a sua cabeça. Cantarolo a canção de ninar e ele continua dormindo aconchegado ao meu peito. Ele está calmo, pois sabe que está protegido.

— Precisamos levá-lo — a enfermeira se aproxima e o aperto com força contra mim. Eu não vou deixar que o levem, não depois de todo o tempo que passamos distante.

— Mamãe te ama tanto meu amor... — me declaro para ele — Papai também te ama, ele logo virá ficar junto a você.

— Amélia, você precisa entregá-lo — a psicóloga Maiara aproxima-se e eu volto a chorar. As lágrimas estão molhando o Miguel. Ele continua quieto, mas eu não posso fraquejar, não fará bem para ele — Só mais um minuto! — suplico e ela acena em concordância.

— A senhora providenciou alguma roupinha? — a enfermeira indaga.

— A saída da maternidade! — indico a bolsa que Grazi deixou — Um lindo conjuntinho azul, o azul da cor dos olhos do Heitor.

— Você prefere que eu vista?

— Não! — nego e seguro a roupa que ela me entrega.

A primeira troca de roupa que faço do Miguel. Pego meu filho no colo mais uma vez e admiro meu menino na sua roupa de marinheiro. As duas mulheres me encaram tristemente quando começo a conversar com o meu bebê.

— Eu queria que tivesse sido diferente. Não, eu não mudaria meu passado, pois sem ele eu não teria a oportunidade de ser a sua mãe. Eu apenas queria ter tido mais tempo com você. Queria ninar você por horas e horas, descobrir junto a você um mundo novo. Juntos pintaríamos um quadro colorido... — a essa altura minhas lágrimas caíam feito cascata — Eu tenho certeza que você me amaria e não colocaria em dúvida meus sentimentos pois tudo que eu fiz foi para o seu próprio bem... — Respiro fundo e continuo — Eu trocaria de lugar com você sem pestanejar... Mamãe, está chorando, mas ela está feliz em saber que você lutou bravamente pela sua vida e esperou ela acordar para se despedir...

Lágrimas inundam meu rosto e molham a face do meu bebê em meus braços. Miguel esperou eu acordar para partir. E isso é triste ao mesmo tempo em que é bonito. Meu menino lutou bravamente para que eu o conhecesse. Para que eu pudesse segurá-lo no colo. Para que eu pudesse contemplar sua face rosada e me perdesse nos seus olhos azuis. Inalo seu cheiro e acaricio sua mãozinha... Sussurro um eu te amo e o abraço fortemente. O nosso primeiro e único contato durou poucos minutos. Minutos em que mãe e filho se reconheceram e foram felizes. Dentro do meu coração Miguel sempre estará vivo.

— Amélia, o bebê! — Ignoro os pedidos e continuo abraçada ao meu filho, repetindo o quanto o amo.

— Ele é meu! — grito — Ele é meu! — abraço mais forte.

Eles tentam tirar o meu filho dos meus braços, mas eu não permito. Ninguém tirará o meu filho dos meus braços. Ninguém irá me afastar do meu filho.

— É para o seu próprio bem... — sinto uma picada no meu braço e vejo uma agulha ali, injetando um líquido que me deixa tonta. Mãos firmes me amparam quando fraquejo e outras levam o Miguel dos meus braços.

— NÃO! — grito. Mas é tarde demais, meu filho foi arrancado dos meus braços e meu coração vai junto com ele.

O vazio nos meus braços assemelha-se ao vazio no meu peito. Não choro. Não grito. Não me

debato. Deixo apenas que as trevas me levem para um lugar longe. Muito longe.



É para meu próprio bem!

É para o bem da minha família!

É para nosso bem!

Foi por isso que eu decidi pôr fim a minha vida, dois dias após meu filho ser arrancado do meu braço. Eu não tinha motivos para continuar viva. O homem que eu amei desapareceu da minha vida e tudo por minha culpa. O meu filho morreu nos meus braços também por minha culpa, se eu não tivesse fugido agora estaríamos todos bem na casa de campo.

Você é *burra*! Recordo as palavras de Heitor e assinto em concordância. Sou uma completa imbecil pois nem quando engoli doze comprimidos analgésicos, tive sucesso na minha tentativa de tirar a minha própria vida.

Milagrosamente, não sei para quem, minha mãe encontrou o meu corpo desmaiado e dei entrada no hospital a tempo de ser socorrida.

Depois desse fatídico dia, e tantos outros que se assemelharam a esse, eu vim parar aqui nesse quarto. Eles dizem que é para o meu próprio bem.

Mas como eles sabem o que é verdadeiramente bom para mim?

Heitor era o único que verdadeiramente me conhecia. Ele sabia tudo que eu precisava, antes mesmo de eu saber. Eles não! Eles não sabem nada. Não sabem o que é melhor para mim.

Um psiquiatra me visita uma vez por semana e pergunta como estou me sentido. Morta é o que o meu cérebro grita, mas eu sorrio e digo: Viva! Parei de falar como eu realmente me se sentia quando eles começaram a me medicar com remédios cada vez mais fortes. Eu não gostava desses remédios, pois eles me faziam dormir por horas e quando o Heitor viesse me buscar eu queria estar pronta para fugir com ele.

Às terças, frequento terapia em grupo. Todos são incentivados a falar. Eu não falo. Apenas escuto todos os lamentos e, às vezes, tenho vontade de gritar o quanto elas são patéticas com seus problemas bobos. Perdi meu marido e filho e não ando chorando pelos cantos.

Às sextas, sou acompanhada por uma psicóloga até uma casa acolhedora de mulheres vítimas de violência doméstica. Hoje é um desses dias. A primeira vez que estive ali, voltei para o

meu quarto e usei uma caneta que roubei para fazer desenhos nos meus pulsos, desenhos feitos com meu sangue. Todos aqueles relatos de violência eram dolorosamente cruéis. Doíam na alma. Eu não entendia por que eu tinha que estar ali. Eu não era igual a elas. Eu vivi um amor dilacerante, daqueles que marcam profundamente, só isso. Eu amei o Heitor com meu corpo, alma e coração. Com tudo de mim. Eu amei tanto esse homem que hoje me sinto incompleta. Não me reconheço como mulher. Pois falta um pedaço meu. Um pedaço que o Heitor levou com ele.

As mulheres nesse grupo falam sobre toda a dor que viveram em seus relacionamentos abusivos. Mas também falam de superação. Da vida que há longe das garras de um amor doentio. Algumas exibem orgulhosas fotos dos seus novos companheiros e falam o quanto estão sendo verdadeiramente amadas. Elas dizem que demorou, mas descobriram o que, de fato, é o amor.

Fico feliz por elas. Pois, sei bem que sensação é essa. Sei, muito bem, o que é ser amada.

— Amélia — a porta se abre e a claridade invade o ambiente. Ergo os olhos e sou capturada pelo brilho do seu olhar — Eu vim te buscar!

Sempre que isso acontece eu penso que é ele que, finalmente, lembrou do nosso amor e veio me resgatar. Mas, mais uma vez, é a psicóloga que me acompanhará àquele lugar de mulher que sofre.

— É para seu próprio bem — ela estende a mão e eu, hesitante, ergo-me do chão.

É para o meu próprio bem.

Nota da autora

Este não é um livro de autoajuda, mas aproveitando o contexto, queremos expressar algumas coisas. Quando pensamos nesse projeto, não tínhamos ideia de como seria difícil executá-lo. Nossa intenção era escrever sobre algum um tema relevante, mas que tantas vezes é colocado em segundo plano. A princípio trabalharíamos implicitamente. Naquela “checada” diária que seu companheiro (a) dá na sua rede social, para questionar o que você curte. Naqueles comentários que te fazem se sentir abaixo dele (a)... No tal “tempero da relação” que pode azedar o gosto... Isso, o ciúme mesmo. Mas, Amélia decidiu que era capaz de ir além. E foi. Contou sua história e nós fez, por vezes, apagar o que escrevemos... Porque estávamos querendo falar no lugar dela. No fim, ela teve voz.

Não citamos diretamente, mas não ache que sua vizinha apanha porque gosta. Não pense que ela, por sair de saia curta, trai o marido... E que ela não o merece. Não culpabilize vítimas. Não replique discursos comuns que corroboram com relações abusivas. Não, não é “ruim com ele, pior sem ele”, ame a si, para poder estar inteiro e amar ao outro.

Para o nosso próprio bem.

Agradecimentos

Agradecer é sempre bom. Então vamos começar... Graças sempre Àquele que nos uniu nesta vida e nos deu a motivação para transformar em texto tudo que se passa em nossas mentes inquietas. Obrigada a Karen Dorothy e Dani Assis, por serem anjas em nossas vidas, opinando e ajudando sempre que precisamos. Agradecemos também a você leitor, que chegou até aqui e nos deu a chance de ser lida em um gênero novo e totalmente diferente do que já tínhamos lançado. Vocês são incríveis!

Por fim, acompanhe-nos nas redes para saber todas as novidades e lançamentos! Há muito por vir.

Wattpad @AnePimentel

Instagram @autoraanepimentel

Facebook Autora Ane Pimentel